



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP/ CAJAZEIRAS
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIANA PALÁCIO DE MELO

**“AS FEITICEIRAS DO SERTÃO”: DAS ARTES DE CURA E DAS VIVÊNCIAS DAS
REZADEIRAS NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS-PB NA
CONTEMPORANEIDADE**

CAJAZEIRAS – PB

2024

MARIANA PALÁCIO DE MELO

**“AS FEITICEIRAS DO SERTÃO”: DAS ARTES DE CURA E DAS VIVÊNCIAS DAS
REZADEIRAS NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS-PB NA
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como requisito para obtenção de nota na disciplina TCC.

Orientador (a): Profa. Dra. Thalyta de Paula Pereira Lima

CAJAZEIRAS – PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

M528f Melo, Mariana Palácio de.
“As feitiçeras do sertão”: das artes de cura e das vivências das rezadeiras no município de Cajazeiras - PB na contemporaneidade / Mariana Palácio de Melo. – Cajazeiras, 2024.
116f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Thalyta de Paula Pereira Lima.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2024.

1. Religiosidade popular - Cajazeiras - Município- Paraíba. 2. Rezadeiras. 3. Saberes femininos. 4. Sertão. 5. História oral. I. Lima, Thalyta de Paula Pereira. II. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 2- 853(813.3)

MARIANA PALÁCIO DE MELO

**“AS FEITICEIRAS DO SERTÃO”: DAS ARTES DE CURA E DAS VIVÊNCIAS DAS
REZADEIRAS NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS-PB NA
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, como requisito para a obtenção de nota na disciplina TCC.

Aprovada em 21/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 THALYTA DE PAULA PEREIRA LIMA
Data: 25/11/2024 21:00:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a. Dra. Thalyta de Paula Pereira Lima
Orientadora UAESTC/CFP/UFCG

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCO FIRMINO SALES NETO
Data: 25/11/2024 20:18:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Examinador UACS/CFP/UFCG

Documento assinado digitalmente
 ROBERTO RAMON QUEIROZ DE ASSIS
Data: 25/11/2024 20:36:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Roberto Ramon Queiroz de Assis
Examinador Membro externo

Prof.^a Dra. Janaina Valeria Pinto Camilo
Suplente UACS/CFP/UFCG

CAJAZEIRAS-PB

2024

AGRADECIMENTOS

Quão poderosos são os sentimentos. Eles transformam o mundo, mudam o curso da História. Esta pesquisa, em si, dialoga diretamente com as sensibilidades: mulheres já idosas, lembrando com carinho de suas *mainhas*, *voinhas*; que possuem tanto amor pelo próximo e tanta fé que necessitam abençoar com seus ramos e orações pessoas que muitas vezes nem conhecem. Nada mais justo que trazer os meus próprios sentimentos e afetos nestes agradecimentos.

À Maria Palácio de Assis, minha mãe, *mainha*, Dona Ana, Ana Maria, Aninha... Mainha é tão grande que quase todo mundo tem um nome pra ela, na tentativa de abarcar sua grandiosidade. Eu acho que todas essas tentativas são falhas, tais quais as minhas de buscar agradecer a ela por tudo que me fez ao longo da vida. Apesar disso, ela sabe e sente o meu amor. Mãe, obrigada por tudo, pela vida, pelas risadas, aprendizados. Por sempre me apoiar incansavelmente e dizer "Estude! Pra não precisar de homem nenhum!", acho que meu ímpeto de estudar mulheres na História vem muito inspirada pela senhora. Espero que esta pesquisa, quase tão sua quanto minha, lhe traga tanto orgulho quanto sinto da senhora. Te amo.

A meu pai, Antônio Gonçalves Dias de Melo, que nunca poupou esforços para que eu alcançasse meus objetivos e sempre cuidou de tudo para mim. Mainha diz que somos muitos parecidos, e eu gosto de pensar que herdei seu senso de justiça e sua bondade. Obrigada, painho, por tudo. A meu irmão, Matheus, que apesar de ser meu completo oposto, sempre esteve presente nos momentos preciosos da vida.

Ao amor da minha vida, companheiro de trajetória, Artur Freire, que sempre me acompanhou com carinho, amor e paciência, o que agradeço imensamente. Conheço-te e amo desde quando éramos adolescentes, quando nem sabíamos quem queríamos ser, como queríamos ser, mas definitivamente a caminhada de tornar-me adulta foi mais branda, alegre e amorosa com você ao meu lado. Torço para que possamos viver muitos anos, alegrias e risadas juntos.

A minha família, os Palácios e Melos, que nunca me permitiram conhecer um mundo sem amor ou apoio, moldando-me como ser humano. Igualmente aos meus amigos, que por meio das brincadeiras, risadas e momentos juntos me permitem ver a beleza da vida.

A minha orientadora, Thalyta de Paula, que foi luz, amizade, amor, paciência, risada, apoio incondicional nesta caminhada. Obrigada por acreditar infinitamente em mim, em todos os sentidos. Sempre guardarei um carinho imenso pelos nossos encontros e conversas, que contribuíram no meu amadurecimento, não só enquanto historiadora, mas como mulher e pessoa. Existe, enfim, um significado muito especial no fato que me orientou, considerando que sempre foi minha grande inspiração e referência como docente desde que eu era adolescente. Muito obrigada.

Aos outros professores que compartilharam comigo seu conhecimento e fomentaram a beleza da licenciatura, como o professor Antunes Ferreira, que me iniciou na pesquisa; e já na graduação, meus mais especiais agradecimentos ao professor Sales Neto, que me amadureceu enquanto pesquisadora. Também agradeço ao professor Osmar Luiz, professora Ana Lunara Morais, professora Janaína Valerio e todos os outros docentes que nossas caminhadas se encontraram. Também agradeço aos amigos que permitiram que a graduação fosse um lugar de amizades, risadas e formação de laços, um agradecimento muito especial à Paloma Josué e Rubens Andrade, que das conversas e besteiras faladas, tirei muito aprendizado e fomentei muito amor.

Deixamos para o final sempre o mais doce: um agradecimento a Ines, uma amiga muito querida, que junto a mim e meus pais tornou-se um "caçadora de rezadeiras", desbravando o sertão paraibano. E enfim, minha eterna gratidão as rezadeiras entrevistadas nesta pesquisa, que me permitiram, com muita gentileza, escutar suas histórias e memórias, se emocionaram e riram falando de suas mainhas e voinhas, que me benzeram sem pressa, abençoando meus estudos e minha vida. Que toda bondade, amor, esperança e alegria possam adentrar nas vidas das senhoras benzedoras. Que honra é trazer suas vozes e narrativas a este espaço tão permeado por "doutores", que eles vejam, sintam, o poder da reza sertaneja e feminina!

RESUMO

No cotidiano sertanejo, as senhoras benzedoras estão presentes por meio de seus ramos, terços, santos e orações católicas, cuja busca é curar enfermidades populares, como “mau-olhado”, “quebranto”, “espinhela-caída”, “ventre-virado”, “peito aberto”, dentre outros. Assim, na percepção que são importantes sujeitas da História brasileira e sertaneja, auxiliando de forma gratuita quem as procura, esta pesquisa objetivou historicizar as práticas e memórias das rezadeiras do município de Cajazeiras – PB, na contemporaneidade. Este estudo transpassa questões de gênero, compreendendo a gênese destes saberes no Brasil-Colonial e a maneira como estes sofreram e sofrem por opressões violentas, mesmo que simbólicas por parte da Igreja Católica e da medicina institucionalizada. Utilizou-se como metodologia a História Oral, na ótica de Alberti (2005), para realizar 04 (quatro) entrevistas com mulheres rezadeiras na zona urbana e rural do município, a fim de abarcar as possíveis divergências que existem no ritual de benzeção entre as duas localidades. Em diálogo com Quintana (1999), Oliveira (1985) e Assis (2022), compreende-se que as rezadeiras cajazeirenses são singulares em suas práticas e na forma como se perceberam enquanto agentes de cura, dialogam com saberes ancestrais e femininos, delimitam muito bem seu espaço de atuação. Revela-se, ainda, uma possível preocupação com a constatação da não propagação das rezas, o que pode culminar na supressão deste importante contingente da História das Mulheres no Brasil.

Palavras-chave: Rezadeiras. Saberes femininos. Religiosidade popular. Sertão. História Oral.

ABSTRACT

In Sertão's daily life, women known as "rezadeiras" play a significant role through their use of branches, rosaries, saints, and Catholic prayers, aimed at curing common popular illnesses such as the "mau-olhado", "quebranto", "espinhela-caída", "ventre-virado", and "peito aberto". Recognizing them as crucial figures in Brazilian and Sertão's history, who offer assistance to those in need without charge, this research seeks to historicize the practices and memories of the "rezadeiras" in the city of Cajazeiras – PB, in contemporary times. This study addresses gender issues, exploring the origins of this knowledge in Colonial Brazil and the ways in which it has been and continues to be subjected to various forms of oppression, including symbolic violence from the Catholic Church and institutionalized medicine. Oral History as the methodological framework was employed, in accordance with Alberti (2005), to conduct four interviews with benzedadeiras in both urban and rural settings of the city. This approach aimed to capture the possible differences in the rituals between these locations. Dialoguing with the works of Quintana (1999), Oliveira (1985), and Assis (2022), it becomes evident that the "rezadeiras" from Cajazeiras are distinctive in their practices and in their self-perception as agents of healing, drawing upon ancestral and feminine knowledge, and clearly delineating their areas of operation. Moreover, there is an expressed concern regarding the diminishing transmission of these healing prayers, which could lead to the erasure of this significant aspect of women's history in Brazil.

Keywords: "Rezadeiras". Feminine knowledge. Popular religiosity. "Sertão". Oral History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: REZADEIRAS NO BRASIL-COLONIAL, UMA ALTERNATIVA PARA A SAÚDE FEMININA	13
1.1 SOBRE A CRUZ E A MAGIA: DAS CURAS NO BRASIL – COLONIAL.....	17
1.2 UM TEMPO DE FEITIÇARIAS: A SAÚDE FEMININA NA COLÔNIA.....	21
CAPÍTULO II: ENTRE OS DISCURSOS ECLESIASTICOS E MÉDICOS, AS REZADEIRAS ENQUANTO FRENTE DE RESISTÊNCIA	31
2.1 “FLECHAS DE SATÃ, SENTINELAS DO INFERNO”: A CONSTRUÇÃO DO MEDO EM TORNO DO FEMININO.....	31
2.2 “CORPOS FEMININOS, CORPOS FEITICEIROS”: A “CAÇA ÀS BRUXAS” COMO UM INSTRUMENTO DE DOMESTICAÇÃO DAS MULHERES NO SISTEMA CAPITALISTA.....	36
2.3 “AS MÉDICAS POPULARES”: BRUXAS, REZADEIRAS, FEITICEIRAS, CURANDEIRAS.....	41
CAPÍTULO III: AS ARTES DE CURA DAS REZADEIRAS NA CONTEMPORANEIDADE EM CAJAZEIRAS, PARAÍBA	44
3.1 O TESTEMUNHO ORAL COMO OBJETO DO HISTORIADOR.....	44
3.2 POR UMA HISTORIOGRAFIA DO ALTO SERTÃO PARAIBANO: CAJAZEIRAS – PB COMO ESPAÇO DE ESTUDO	48
3.3 “EU NÃO SOU MÉDICA DO CORPO... SOU MÉDICA DA ALMA”: MEMÓRIAS, ARTES DE CURA E PERCEPÇÕES DAS REZADEIRAS CAJAZEIRENSES	55
3.3.1 Quem são as rezadeiras cajazeirenses?.....	56
3.3.2 Do recebimento do dom.....	58
3.3.3 Das querelas, dos instrumentos e dos pormenores do ritual da benção .62	
3.3.4 Entre padres, médicos e estereótipos	66
3.3.5 Da perpetuação da reza e das transformações na contemporaneidade	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75
ANEXOS.....	80

INTRODUÇÃO

“Menina com quebranto? - Reza de acalanto! Ramo de arruda na mão. E lá vinha a vó benzedeira: feiteira do sertão. Curar as dores do corpo, as mágoas do coração. A mão empunhava as folhas e a coreografia de cruz, tinha início de repente (de certo invocando Jesus). Que será que a vó dizia em ritmo meio atonal? A face cheia de vincos – como um trajeto ancestral... Guardiã de mil segredos, rugas de tempo e de sol. Olhava pro firmamento e entoava um só refrão. Em línguas desconhecidas chamava espíritos bons. Morgana da terra seca. Deusa grega disfarçada, princesa de Bagdá! Senhora de cantorias com influências de além-mar. Fada, bruxa, rezadeira, índia, africana, mãe-terra. Gaia de todas as eras... Alquimia feminina... Herança que me mantém. Maria, cheia de graça! Sertão ecoando: amém!

(Goimar Dantas, 2006)

No sertão, o hábito de levar os pequenos para senhoras benzedeiros à fim de se retirar o “mau-olhado”, por meio da reza, ainda é muito comum. Quase toda criança nordestina tem a tenra lembrança da mão enrugada, movimentando o ramo de pinhão-roxo em formato de cruz sob sua cabeça, aquela mulher idosa orando em voz baixinha, muitas vezes sendo alguém inserido no próprio seio familiar. A partir da presença destas mulheres, querelas são findadas, dores somem e corações ficam mais leves.

Assim, apresentam-se as rezadeiras sertanejas, facilmente identificáveis como mulheres idosas com seus ramos na mão e suas rezas capazes de curar males espirituais e físicos. Suas práticas consistem em benzer e rezar nas pessoas que requerem, utilizando neste ritual, as próprias mãos, orações católicas, ramos verdes, gestos, agulha, pano, dentre outros, como nos afirma Santos (2009). Assim, os principais males relatados são "mau-olhado", “ventre-virado”, “espinhela caída”, “carne triada”, “quebranto”, dentre outros. Exercem, ainda, um papel de conselheira em casos de dificuldades financeiras ou amorosas, no processo de luto ou em atividades cotidianas.

O benzimento demonstra ser um momento de subversão, que não se encaixa nas concepções normativas de saúde e doença, compreendendo a alma e o corpo como um só, interligados. Assim, as enfermidades e as curas que permeiam o universo da benzeção são muito singulares, únicas e características aos conhecimentos destas mulheres. As rezadeiras foram assim, um alento as dificuldades que durante muito tempo, as camadas populares e pobres sofreram. Por inserirem-se dentro do mesmo contingente, sendo mulheres simples, muitas vezes analfabetas, não há uma relação de poder e opressão entre o enfermo e a benzedeira, mas uma necessidade de auxílio naquele instante de dor. Para Oliveira (1995), o benzimento está relacionado com o estabelecimento simultâneo de relações solidárias e de aliança entre os

homens e os santos, é ainda um instrumento reprodutor de serviços e símbolos para as pessoas de mesma classe social, reproduzindo esse ato a partir da religião a qual pertencem. Este tipo de contato difere-se do que acontece em clínicas médicas, por exemplo.

Importante ressaltar ainda, que tratamentos especializados no Brasil sempre foram de difícil acesso às comunidades carentes, o que fez surgir a necessidade de novos agentes de cura, como o estudado nesta pesquisa. Contudo, na atualidade, com o Sistema Único de Saúde, o SUS, a medicina atinge de forma gratuita vários lugares no país, mesmo os mais remotos. Considerando as novas dinâmicas sociais, religiosas e no âmbito da saúde que se fomentaram na sociedade brasileira durante o séc. XXI, esta pesquisa visa historicizar as memórias e práticas das rezadeiras na contemporaneidade, além de compreender como se dão as continuidades e permanências destas sujeitas.

O local de estudo escolhido foi a cidade de Cajazeiras – PB, localizada no Alto Sertão Paraibano, pois entende-se esta região como rica em questões culturais, religiosas e sincréticas válidas de se historicizar. Especificamente, esta pesquisa tem como recorte geográfico as localidades urbanas e rurais deste município que é marcado pela religião e propósito educacional, sendo sincrético e diverso, permeado por uma realidade plural à que o objeto de estudo está inserido.

Dessa maneira, procurou-se entrevistar mulheres benzedoras residentes do município. Chegou-se até elas por meio de conhecimentos prévios fornecidos pela Iniciação Científica¹ previamente realizada e por conversas informais entre amigos e vizinhos. Com o aceite da participação, as conversas se deram em suas residências e procuraram se adentrar no universo da benzeção e nas memórias construídas em torno da prática, viabilizando o entendimento destas mulheres enquanto agentes históricos.

Durante a pesquisa inicial, observou-se que a maior parte das pessoas que benzem são mulheres e “herdaram” seus dons de suas mães, avós, tias, demonstrando o caráter geracional da prática, mas de forma mais evidente, o caráter feminino. Tal percepção delineou o andamento da pesquisa e das entrevistas, mediante essa problemática. Para buscar as respostas historiográficas, voltemos à gênese brasileira, durante o período colonial. Assim, o primeiro capítulo intitulado “REZADEIRAS NO BRASIL-COLONIAL, UMA ALTERNATIVA PARA

¹ Iniciação Científica intitulada “Das alquimias do feminino na contemporaneidade: Um estudo sobre os ofícios e memórias das rezadeiras no sertão paraibano”, com vigência de 2022-2023 e realizada sob a orientação da Prof. Dra. Thalyta de Paula Pereira Lima.

A SAÚDE FEMININA” objetivou estudar a atuação dos vários agentes de cura neste período, como os jesuítas e pajés para relacionar religião e medicina, mas focou-se, principalmente, na saúde feminina e no surgimento de curandeiras e benzedoras como uma medicina feminina, a fim de acalantar as enfermidades e dificuldades que atingiam as mulheres coloniais de várias etnias. Buscou-se ainda, por meio dos casos de bruxaria das Visitações do Santo Ofício ao Brasil, demonstrar a perseguição que a Igreja Católica, a medicina emergente e o Estado colonizador empregaram sob estas pessoas.

Estas perseguições decorreram do medo em torno do feminino que foi fomentado pela mentalidade de metrópole portuguesa, principalmente pelo movimento de “caça às bruxas” que acontecia na Europa durante a modernidade. Considerando isto, o segundo capítulo “ENTRE OS DISCURSOS ECLESIASTICOS E MÉDICOS, AS REZADEIRAS ENQUANTO FRENTE DE RESISTÊNCIA” relaciona diferentes perspectivas sobre a perseguição à bruxaria, curandeirismo e feitiçaria como um dispositivo que expropriou as mulheres de saberes sobre o próprio corpo. A partir disso, a medicina se institucionaliza e juntamente com a Igreja começa a rotular estes conhecimentos ancestrais como ignorância e superstição. É neste sentido que as rezadeiras, bruxas e feiticeiras são compreendidas como agentes que sofreram julgamentos e violências.

Para Oliveira (1985), o controle social foi realizado inicialmente pela Igreja Católica e pelo Tribunal do Santo Ofício, mas a partir do séc. XIX, a medicina passa a exercer esse papel: criando manicômios, higienizando cidades e aprisionando corpos pobres, racializados e à margem da sociedade. Assim, este projeto marca uma nova ordem nas cidades e a ascensão do poder de uma medicina erudita e masculinizada. As rezadeiras se inserem neste contexto como resistência contra a medicina e religião; a benzeção se torna assim, uma prática alternativa frente ao saber institucionalizado.

Delinear os aspectos que rondam estas práticas, foi o que orientou a realização das entrevistas com as rezadeiras cajazeirenses. Igualmente, outras pesquisas semelhantes orientaram a nossa inserção em campo, como as de Santos (2019), Melo (2021), Duarte (2014) e Menezes (2016). Apesar de compreender o ofício extremamente permeado pelo catolicismo, pela fé em Deus e pela religiosidade popular, foco dado pelos trabalhos anteriormente citados, compartilhamos da visão de Assis (2022) que novas perspectivas sobre as curas sertanejas devem ser abordadas. Respeita-se o caminho trilhado anteriormente, mas vislumbra-se um novo: enquanto Assis (2022) relaciona a benzeção com uma História das Sensibilidades, procura-se aqui entendê-la como resistência, mas colocar em evidência que é uma resistência

feminina. Um saber perpassado de mãe para filha, criado no quintal e na cozinha, ambientes aos quais as mulheres foram relegadas por muito tempo. Historicamente, uma maneira de mudar a dura realidade que estão inseridas, de angariar certo respeito frente às instituições e a sociedade.

Assim, no terceiro e último capítulo intitulado “AS ARTES DE CURA DAS REZADEIRAS NA CONTEMPORANEIDADE EM CAJAZEIRAS, PARAÍBA” procuramos delimitar o campo de estudo e caracterizar seu espaço religioso, já que são destas fontes que as benzedoras se inspiram religiosamente. Igualmente visamos caracterizar a metodologia utilizada, a História Oral, por meio das óticas de Verena Alberti (2005), Marieta de Moraes Ferreira (2011) e Philippe Joutard (2000). Assim, realizou-se as entrevistas semiestruturadas com 04 (quatro) mulheres rezadeiras em Cajazeiras, sendo 02 (duas) na zona urbana e 02 (duas) na zona rural a fim de compreender como se dão as práticas nestas diferentes áreas do município.

Por meio das narrativas das rezadeiras Terezinha, Luzia, Damiana e Fátima, codinomes escolhidos a fim de não divulgar seus nomes verdadeiros e manter o anonimato, junto com a bibliografia sobre o tema, objetivou-se expor sobre a atuação destas mulheres no cenário cajazeirense, suas memórias, percepções e continuidades acerca do benzimento. Neste último capítulo, enfim, nos debruçamos sobre momentos importantes de suas trajetórias, como o recebimento do dom; a perpetuação destes; os instrumentos e querelas do universo; além de possíveis mudanças frente aos últimos cenários sociais.

CAPÍTULO I: REZADEIRAS NO BRASIL-COLONIAL, UMA ALTERNATIVA PARA A SAÚDE FEMININA

Por muito tempo, o papel feminino nas sociedades foi ignorado como objeto de estudo dentro do campo historiográfico, e a História objetivava apenas estudar grandes homens, que realizaram atos marcantes no cenário nacional e mundial. À mulher brasileira sempre foi designado um papel secundário, invisível e dócil, responsável pelo lar, segundo Del Priore (2004). Histórias de vida que não eram consideradas dignas de serem registradas ou estudadas. Contudo, esta perspectiva determina a ideia de que as opressões, dores e violências sofridas não existiram. Compreender os papéis e arquétipos que foram impostos às mulheres ainda é um movimento relativamente novo na historiografia, especialmente a brasileira, mas que pode expandir as noções sobre as funções sociais que o feminino desempenhou nos mais diversos períodos.

Adiche (2019) nos alerta para o perigo de uma *História Única*, que estereotipa e repete uma concepção sobre uma minoria incansavelmente até que ela se torne aquilo aos olhos dos outros. Isto também ocorre com as mulheres, que são sujeitas a desempenharem arquétipos de loucas ou dóceis dependendo da necessidade, nos mesmos papéis e funções. Contudo, a autora enfatiza que “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar.” (Adiche, 2019). Dessa forma, vislumbrar uma História sobre, para e de mulheres permite que escapemos de uma História única, mas especialmente, que um novo universo de estudos sobre o feminino seja possível.

Estas novas perspectivas são influenciadas pelo surgimento da Nova História, que posteriormente, se expandiu em Nova História Econômica, Nova História Cultural, História das Mentalidades, dentre outros campos. Para Burke (1992), a Nova História é uma História *made in France*, e esta definição deve-se ao fato que seu surgimento é atribuído ao Movimento dos Annales de 1929, liderado pelos franceses Lucien Febvre e March Bloch. Em suma, esta seria o oposto a uma historiografia tradicional rankeana, ou seja, reconhecia toda atividade humana como passível de estudo, preocupando-se com a análise das estruturas e partindo de uma “história vista de baixo”, enfatizando personagens que ficaram em segundo plano na produção historiográfica, e trabalhando com novos tipos de fontes.

Apesar disso, pesquisas que evidenciam as mulheres só surgiram na década de oitenta no Brasil, e até a contemporaneidade ainda são escassas. Neste quesito, especialmente sobre o papel feminino no Brasil-Colonial, destaca-se o trabalho de Mary Del Priore, historiadora que

será a base para as discussões empregadas ao longo deste capítulo. Sobre uma historiografia marcadamente feminina, Rago (1995), defende que

O impacto da presença feminina na historiografia aparece no questionamento de uma história centrada no conceito de homem enquanto sujeito universal, mostrando as fragmentações pelo sexo. Ao mesmo tempo, explicita-se a preocupação em desfazer a noção abstrata de “mulher” referida a uma essência feminina única, a-histórica, de raiz biológica e metafísica, para se pensar as mulheres enquanto diversidade e historicidade de situações em que se encontram.

Ademais, esta pesquisa visa na figura da rezadeira e em suas origens coloniais, historicizar os saberes femininos e o papel de cura que estas mulheres empregaram ao longo do período, contribuindo com uma produção especialmente feminina. As mulheres sempre estiveram presentes nas sociedades, mesmo nas mais remotas, sendo a mão que cura, que alenta, que reza, que ajuda no parto, mas quase nunca a história perpassada. Foram silenciadas e seus saberes geracionais sofreram uma tentativa de apagamento por instituições religiosas e médicas, que objetivavam o controle de seus corpos e conhecimentos. Apesar disto, resistem, e a figura da rezadeira é um grande símbolo de resistência feminina. São mulheres idosas, muitas vezes analfabetas, mães, esposas, avós, que creem fielmente nos seus dons e por meio de benção, findam querelas físicas e espirituais. Elas acreditam que sua reza cura e que suas palavras acalmam, se rebelando contra um saber erudito que lhe foi imposto.

As senhoras benzedoras, com seus ramos verdes, seus terços e suas orações católicas, são parte de um caleidoscópio de práticas populares que remetem à gênese social dos brasileiros. São figuras que se relacionam ao místico e as magias secretas. As vozes baixas, a intuição assertiva, os sonhos proféticos. Um saber que nasce no Brasil-Colonial, marcadamente feminino, em meio aos conhecimentos da fauna indígena e do uso dos amuletos africanos que se misturam às crenças católicas, localizando-se no sincretismo religioso. As experiências de vida, as artes de cura, os saberes e práticas das rezadeiras fazem parte de uma gama de manifestações culturais, válidas de historicização. Conceber estes aspectos, enquanto objeto de estudo do historiador, é inserir esta pesquisa no campo da Nova História Cultural.

A partir de Barros (2003), compreendemos que a História Cultural é um campo atravessado pelo conceito de cultura. Em uma concepção anterior à Nova História, esta vertente historiográfica se dedicava ao estudo das práticas das classes altas, sendo restrita à uma “cultura erudita” e elitizada. Com a ampliação de fontes e objetos de estudo proporcionados pelos *Annales*, há o surgimento de uma Nova História Cultural, ainda permeada pela cultura. Para Burke (2005), sobre o conceito e as novas atribuições atreladas a ele:

O termo cultura costumava se referir às artes e ciências. Depois foi empregado para descrever seus equivalentes populares - música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar). (Burke, 2005, p. 43)

Dessa forma, os objetos de estudo da História da Cultura atual são diversos, como nos traz Barros (2003, p.148) eles serão os já estudados anteriormente, mas igualmente “todos os objetos da 'cultura material' e os materiais (concretos ou não) oriundos da 'cultura popular' produzida ao nível da vida cotidiana através de atores de diferentes especificidades sociais.” Assim, as práticas culturais são permeadas pela produção dos objetos e manifestações, mas igualmente pela recepção e pela reinterpretação destas. As rezadeiras praticam as chamadas benzeções, que para Oliveira (1995), estão relacionadas com o estabelecimento simultâneo de relações solidárias e de aliança entre os homens e os santos, são ainda um instrumento reprodutor de serviços e símbolos para as pessoas de mesma classe social, reproduzindo esse ato a partir da religião a qual pertencem.

A partir disso, as rezadeiras produzem manifestações culturais, mas também as recebem e as reinterpretem a partir de seu cotidiano e necessidades. As orações católicas saem do seu âmbito, a Igreja, e passam a habitar as casas de idosas para curar o “mau-olhado”, o “ventrecaído” ou outras mazelas populares, muitas vezes com palavras singulares por causa da oralidade. O terço passa a ser empregado como curador e não apenas no rosário, as folhas de pinhão-roxo findam males e deixam de ser unicamente a base de um chá.

Ademais, o campo cultural será permeado pelas noções complementares de “práticas” e “representações”, elaboradas por Roger Chartier (1995). Estes conceitos interagem, fundem-se e desvencilham-se, o que faz as práticas influenciarem as representações e o movimento contrário também é válido. Assim, os objetos culturais surgem entre ambos, já que são frutos de demandas sociais e contextos de cada período. Barros (2003) contribui ao afirmar que os conceitos supracitados são úteis já que, por meio deles, podemos analisar os objetos, produtores e receptores culturais, bem como os mais variados aspectos que os interligam.

Estes conceitos são de suma importância para a compreensão do ofício das rezadeiras, pois elas são produtoras e receptoras de manifestações culturais geracionais. Em contextos diversos, suas práticas são determinadas pelas necessidades sociais e geram representações em torno de sua figura por causa delas. No Brasil-Colonial, por seus conhecimentos estarem atrelados a um fator de gênero e racial, elas foram representadas enquanto “males” sociais, feiticeiras e bruxas, culminando na perseguição pela Inquisição. Com a virada da modernidade

e o estabelecimento da medicina erudita, começam a ser lidas pejorativamente como ignorantes e supersticiosas, contudo, em lugares que os tratamentos especializados não atingiam, elas ainda eram respeitadas e temidas. Dessa forma, percebe-se como as benzedeiros estão atreladas às noções de “práticas” e “representações”.

Os historiadores da Nova História Cultural, ao determinarem uma dicotomia entre cultura popular e cultura erudita, deram origem à problemática de como definir o que é referente ao popular. Este termo, debatido por Peter Burke (2005) e Roger Chartier (1994), traz questões a serem debatidas. Se é uma cultura do povo, quem seria o povo? Todos os grupos destoantes da elite? Assim, seria uma categoria erudita e homogeneizadora, que não leva em consideração as especificidades de grupos sociais distintos, inserida em lutas sociais e participando de relações que se utilizam de dispositivo de dominação. Ademais, é impossível determinar quais manifestações culturais surgem entre o povo e são puramente do povo, se estão ou não influenciadas pelo saber erudito. Como elucidada Ginzburg (2006) em *O queijo e os vermes*, a cultura do povo e da elite se misturam, influenciam-se, sendo improvável demarcar onde começa uma e se finda a outra. Sobre o tema, podemos observar que:

Produzido como uma categoria erudita destinada a circunscrever e descrever produções e condutas situadas fora da cultura erudita, o conceito de cultura popular tem traduzido, nas suas múltiplas e contraditórias acepções, as relações mantidas pelos intelectuais ocidentais (e, entre eles, os *scholars*) com uma alteridade cultural ainda mais difícil de ser pensada que a dos mundos “exóticos”. (Chartier, 1995, p.179).

Em contrapartida, Burke (2005) defende que a extinção completa do termo é inviável, já que ele é de suma importância para descrever as interações entre popular e erudito. O ideal seria expandir as noções empregadas para ambos, deixando-os mais flexíveis para as análises historiográficas. Dessa forma, empreendo essa discussão a fim de localizar o ofício das rezadeiras como parte de uma cultura popular, que é influenciada e influencia o erudito. Abreu (2003, p. 95) auxilia na discussão ao trazer os diferentes usos e conotações que o conceito possuiu ao longo da história, além de elaborar uma visão diferente da proposta por Chartier, quando afirma que “(...) não é um conjunto fixo de práticas, objetos ou textos, nem um conceito definido aplicável a qualquer período histórico. Cultura popular não se conceitua, enfrenta-se.” Considerando tais problemáticas apresentadas, a visão empregada nesta pesquisa é de Abreu (2005), enquanto a autora defende a utilização de cultura popular e erudita a fim de discutir as relações entre estes dois. Assim, não são noções estáticas ou limitadas, mas fluídas e interativas entre si. A partir disto,

O fundamental, no meu modo de ver, é considerar cultura popular como um instrumento que serve para nos auxiliar, não no sentido de resolver, mas no de colocar problemas, evidenciar diferenças e ajudar a pensar a realidade social e cultural, sempre multifacetada, seja ela a da sala de aula, a do nosso cotidiano ou a das fontes históricas. (Abreu, 2005, p.84).

Conceber estes conceitos, noções e campos historiográficos nos permite determinar as práticas e experiências de vida das rezadeiras como objetos históricos e válidos de estudo, ademais, realiza a assimilação que estas mulheres são agentes sociais que transformam o cotidiano com sua benzeção. A seguir, procuramos empreender discussões referentes aos saberes medicinais no Brasil-Colonial, especialmente os referentes à saúde feminina, no objetivo de localizar a gênese das práticas tradicionais das benzedeiras.

1.1 SOBRE A CRUZ E A MAGIA: DAS CURAS NO BRASIL – COLONIAL

Os saberes medicinais existem, pois, as enfermidades são parte do cotidiano social desde o início da existência humana, e surgem da necessidade de procurar alento frente às querelas físicas e psíquicas que atingem as sociedades. Os conhecimentos empíricos relacionados à cura das rezadeiras sertanejas emergem diante dos males que abatem uma determinada população. Assim, sob a mesma visão de Assis (2022, p.7) de que “(...) a cura existe em razão da doença: esses dois elementos andam juntos, um ao lado do outro. Não faz sentido pensá-las de forma separada, pois não existe uma linha divisória entre as duas.” é necessário demarcar uma história da cura no Brasil, mas igualmente uma história das doenças.

Crenças, curas e doenças sempre estiveram intimamente relacionadas. É da ideia que os males que atingem o corpo físico derivam de um espírito doente ou amaldiçoado, que a religião toma o papel de tratamento em várias sociedades. Este caso ocorre no Brasil antes mesmo da colonização e genocídio que os europeus praticaram sobre os povos indígenas. Nas comunidades ameríndias, o entrelaçamento de fé e cura se faz presente na figura dos pajés. Os pajés eram este personagem meio-médico, meio-profeta, ponte entre o mundo espiritual e humano. “Eram eles que afugentavam os maus espíritos, sendo também os intérpretes dos agouros anunciados (...). Mas era sobretudo, aos seus rituais mágicos que se atribuía seu poder de cura.” (Resende, 2003, p.244). Dessa forma, eram figuras extremamente respeitadas em suas comunidades.

Contudo, a medicina indígena não era algo unicamente oriundo da religião, mas utilizava o conhecimento empírico, provindo da experiência e da observação para seus tratamentos. Assim, pajés valiam-se da flora brasileira, rica em virtudes terapêuticas para a

criação de medicamentos que pudessem ser úteis na cura das doenças que acometiam as comunidades nativas. O sucesso desta botica nativa no âmbito de tratamento fez com que, posteriormente com a chegada da medicina erudita e institucionalizada, fossem divulgados amplamente nos periódicos científicos e utilizados nos tratamentos modernos.

Miranda (2017) traz uma gama de tratamentos empregados pela medicina indígena. Além das plantas curativas, utilizava-se sopros, sucções, massagens e sangrias para curar as enfermidades que atingiam a população. A maioria dessas doenças eram de cunho endêmico e estas pessoas desconheciam as enfermidades infectocontagiosas que os europeus carregavam. Durante a colonização, além da guerra e da escravização, os indígenas também sofreram com as patologias, como gripes, sarampo, tuberculose, varíola, dentre outros. Segundo Miranda (2017, p.225): “Os surtos epidêmicos continuaram a ocorrer durante todo o período do Brasil colonial e trouxeram consequências desastrosas para os índios. A contaminação e a disseminação de doenças, como a varíola, trouxeram ameaça de extinção aos inúmeros grupos indígenas.” Todos estes fatores alinhados culminaram em um dos genocídios mais violentos da História.

A ligação entre religião e cura não se extingue com a chegada dos europeus; na realidade, esta continua, agora com a figura do padre. A Companhia de Jesus surge no Brasil-Colonial a partir de 1549, na busca de catequizar os indígenas, defendendo uma “salvação” dessa gente que não possuía religião. Contudo, ao encontrar um cenário de epidemia, os padres jesuítas precisaram realinhar sua posição, assumindo o papel de catequizador, mas igualmente de curador. Aqui, há uma estratégia muito singular dos jesuítas, pois ao assumir a responsabilidade de tratar as doenças dos nativos, eles rivalizam diretamente com os pajés, que com suas crenças místicas representavam a principal resistência da cristianização.

Nos aldeamentos jesuítas, “(..) o destino dos missionários de batina preta passou a ser o de enfrentar as doenças e trazer a cura como missão, agora não mais restrita à dimensão apenas espiritual, mas também à corporal e terrena.” (Resende, 2003, p. 231). Dentre os vários embates religiosos entre jesuítas e pajés (chamados de feiticeiros pelos padres) no campo das curas e das doenças, os missionários passam a fazer o papel tradicional dos pajés, realizando tratamentos.

Assim, pode-se perceber que as mazelas e as curas determinam a realidade cultural e social de determinados contextos históricos, transmutando papéis e sendo palco de disputas e embates, como é o caso dos pajés e dos jesuítas, cujas figuras e papéis se entrelaçam e se aproximam. Debater sobre as curas no período colonial demonstra que o vínculo entre crença e

medicina sempre esteve presente no Brasil e que a benzedeira possui uma interligação profunda com os conhecimentos da flora indígena, sendo influenciada por eles e por outras crenças culturais.

Nos primeiros séculos da colonização, a presença de médicos e cirurgiões especializados era insuficiente à demanda, dificultando a chegada dos conhecimentos europeus relacionados ao corpo, dessa maneira, outros personagens assumem a figura de curador. Como já citado anteriormente, diante deste cenário, os jesuítas se responsabilizam a prescrever remédios, realizarem cirurgias, sangrias e prestarem o devido auxílio às populações indígenas. É a partir dos relatos dos padres jesuítas que as propriedades curativas das plantas brasileiras são difundidas. Com o aumento da ocupação das terras brasileiras, novos agentes e personagens auxiliam na complexidade dos tratamentos brasileiros. Como é determinado por Miranda (2017, p. 274):

No Brasil colonial, os elementos oriundos da fauna e da flora, que já eram utilizados pelas populações indígenas em suas práticas de cura, passaram a ser incorporados, primeiramente, pelos Jesuítas e, posteriormente, pelos agentes da medicina oficial. A partir da chegada dos africanos com suas artes curativas, o receituário da Colônia se tornou ainda mais complexo e híbrido passando a ser empregado pelos médicos, cirurgiões, barbeiros, curandeiros e benzedores. A intensificação do processo de ocupação da Colônia, em meados dos séculos XVII e XVIII, favoreceu ainda mais a junção desses conhecimentos.

Durante este período, a escravatura era o sistema de trabalho vigente. Dessa maneira, os escravizados eram advindos de vários países africanos e trazidos para compor a mão-de-obra responsável pelas plantações de cana-de-açúcar, pela exploração das minas, construções, trabalhos domésticos etc. Contudo, as péssimas condições de vida dessa população, alinhadas a vestimentas inadequadas, alimentação pobre em nutrientes e trabalho extenuante, faziam com que as enfermidades surgissem acentuadamente entre as pessoas negras, culminando em muitas mortes. Este cenário se agrava pelo desinteresse do poder do público e dos grandes senhores de terra em buscar o tratamento adequado para estas pessoas, considerando que isto não seria algo lucrativo. A população negra da época era, assim, acometida por gripe, varíola, sarampo, tuberculose, além de doenças de pele e outras provocadas pela anemia (Miranda, 2017). Tal conjectura sucedeu a ideia pejorativa e equívoca que estes sujeitos eram disseminadores de doenças.

Apesar disto, é certo afirmar que os escravizados assumiram uma postura de resistência no cotidiano da senzala, buscando apaziguar as dores e males a partir de seus próprios conhecimentos de cura e da religião. Tal qual muitas figuras inseridas nas práticas de cura

populares, as pessoas negras fundiram as crenças católicas com seus tratamentos como estratégia de sobrevivência.

Considerar tais questões nos revela que os tratamentos empregados no cotidiano do Brasil-Colônia, especialmente os relacionados a grupos de minoria racial e social, eram realizados quase sempre por padres, barbeiros, sangradores, feiticeiros, parteiras e benzedores (as) (Ferreira, 2003) com conhecimentos advindos pela miríade de tradições africanas, indígenas e europeias. Estas práticas sincréticas se caracterizam pela pluralidade de origens e crenças, que posteriormente culminam nas rezadeiras contemporâneas. Assim como outros personagens da medicina popular, elas se utilizam do catolicismo para empregar seus métodos. Para Souza (2008, p. 127): “O catolicismo popular é produzido, portanto, a partir de camadas sociais que se situam de forma subalterna em relação às estruturas de poder das quais a Igreja, enquanto espaço institucional, faz parte”. Esta forma de religiosidade é, apesar de mal vista pela instituição, uma maneira da reprodução e ampliação da Igreja Católica, sendo necessário para esta. Assim, as benzedoras formam essa “rede de apoio” católica.

A partir de 1808, a instituição da Fisicatura² passou a exigir licenças e cartas para quem quisesse praticar qualquer atividade relacionada à cura (Pimenta, 2003). Este contexto deve-se a inserção da medicina erudita e institucionalizada no país e na tentativa de deslegitimar os terapeutas populares, compostos em sua maioria por negros, escravos, africanos e mulheres. Apesar das várias tentativas de descredibilização dos curadores, parteiras, benzedores e benzedoras por parte dos médicos, a população, especialmente a menos abastada, continuou a procurar tais serviços – como fazem até os dias atuais. Pela gratuidade do serviço, pela proximidade ou pela facilidade do acesso, essas pessoas continuaram a ser preferidas, culminando em disputas e diálogos entre a medicina popular e a medicina erudita que serão melhor abordadas posteriormente.

Como já apontado anteriormente, a medicina popular, empregada por curadores, sangradores, parteiras e benzedoras atendia, e era praticada especialmente por grupos socialmente marginalizados, como pretos, escravos, forros, pobres e mulheres. Dessa maneira, o próximo tópico tem como objetivo analisar o papel da medicina popular, principalmente a realizada por mulheres, no alento das querelas que se abatiam sobre o sexo feminino no Brasil-

² A Fisicatura foi um órgão criado em 1808, com sede no Rio de Janeiro, para substituir a Real Junta do Protomedicato e atuou até 1828. Diferenciou as artes de cura praticadas na época, como cirurgião-mor, físico-mor e terapeutas populares, criando uma hierarquia a partir das licenças de autorização que emitiam dependendo da prática.

Colônia. Ademais, também entrará brevemente nos processos de feitiçaria do período a fim de demonstrar a influência do gênero e da raça nas condenações de bruxaria. Visa, assim, apresentar as representações do corpo feminino e os saberes ancestrais das mulheres no período colonial, além da perseguição sofrida pelas instituições de controle social, como a Igreja Católica e uma medicina emergente.

1.2 UM TEMPO DE FEITIÇARIAS: A SAÚDE FEMININA NA COLÔNIA

Que outra coisa é uma mulher, senão um inimigo da amizade, um castigo inevitável um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleitável detrimento, um mal da natureza pintado com alegres cores!
(São Mateus, XIX apud Kramer, Sprenger, 2010).

Os historiadores demarcam o período colonial com início na invasão européia até o momento da independência brasileira, em 1822. Em suma, durante quase trezentos anos fomos uma extensão de Portugal, “bebendo” de seus ideais, mobilidades sociais, religião e mentalidades. Apesar disso, um país tropical tão influenciado pelo clima e pela mestiçagem indígena e africana, reformulava, conforme seu cotidiano tão distinto do português, estes ideais que lhes eram perpassados. Isto se aplica à, por exemplo, as crenças. Os moldes católicos atravessaram o Atlântico muito diferentes, culminando em uma cristianização “imperfeita”, mas ainda, muito latente na nossa sociedade.

Em uma pesquisa renomada sobre a feitiçaria e religiosidade popular no período colonial, que será debatida posteriormente neste capítulo, Laura de Mello e Souza (1986, p.31) afirma que: “Prolongamento modificado do imaginário europeu, o Brasil passava também a ser prolongamento da Metrópole, conforme avançava o processo colonizatório. Tudo que lá existe, existe aqui, mas de forma específica, colonial.” Dessa maneira, entende-se que muito da mentalidade que foi elaborada sobre o corpo feminino derivou-se de nossa metrópole portuguesa, enquanto um processo de dominação e colonização, perpassado pela religião Católica.

Assim, civilizar esta terra desconhecida e cheia de mistérios, onde Deus e o Diabo se debatiam, hora paraíso, hora inferno, seria colonizá-la e adestrá-la. Del Priore (2009) defende a ideia que dominar e submeter os corpos femininos unicamente à reprodução e a maternidade faria parte deste processo colonizador. Assim, Estado português, Igreja e medicina formularam discursos sobre procriação, maternidade e condições femininas na colônia a fim de domesticar as mulheres brasileiras (brancas, indígenas, negras, pobres ou ricas) e inseri-las na dicotomia

de “santas-mãezinhas” ou pecadoras. Marcada pela miscigenação, alojada neste cruzamento de etnias diversas, a condição feminina no Brasil é muito singular:

Da mulher indígena herdava-se, neste momento, o espólio de tradições que ela detinha na estrutura tribal. A mulher branca contribuiu com modos de viver e morrer importados com a emigração de Portugal, modos estes, muitas vezes, também trazidos de outras terras, reelaborados na Metrópole e trasladados para o Brasil. As sociedades africanas do tipo sudanês e banto, de onde saiu grande parte do tráfico negreiro, legaram à vida colonial comportamentos e mentalidades características do espaço que a mulher ocupava em seu interior. (Del Priore, 2009, p. 21)

Em um trabalho bastante denso, analisando documentos do séc. XVI ao XVIII, Mary Del Priore (2009) alinha-se a uma História das Mentalidades e traça um panorama geral sobre a mulher na Colônia a partir de suas dores, opressões, solidões, cotidianos e humilhações, mas se atém, principalmente, em como ao longo da colonização, médicos, padres, moralistas e teólogos fomentaram estereótipos de pecadoras, santas-mãezinhas, bruxas, curandeiras sobre o feminino. Procuraram, assim, domesticar seus corpos unicamente para a finalidade da maternidade. Mulheres não eram mulheres, nem pessoas: eram úteros.

Influenciados pelos ideais europeus, mas principalmente pelos portugueses, onde o medo sobre o feminino ainda reinava e o período era bastante influenciado pela religiosidade católica e o medo da feitiçaria; tínhamos que a mulher era pecadora, herdeira da punição de Eva e mais suscetível aos encantos do Diabo. Dessa forma, ela é caracterizada entre dois extremos: ou ser santo, tal qual a Virgem Maria, mãe, assexuada, religiosa; ou Eva, tentadora, raiz de todo mal, sensual e causa de perdição. Os corpos femininos eram onde esta dualidade aparecia com mais força. Ao mesmo tempo que o útero gerava vida e mães, ele era um poço desconhecido, área que deveria gerar desconfiança e medo.

Seguindo este raciocínio, “O órgão da procriação serviu como instrumento da Igreja para cercear, nos limites do casamento e da maternidade, as mulheres.” (Silva, 2019, p. 149) e como a Igreja influenciava os mais diversos âmbitos cotidianos, ela também influenciou na criação do discurso médico. Assim, doenças e curas estão ligadas à dualidade corpo e alma; os males eram causados por interferência divina e no caso feminino, uma enfermidade existir devia-se ao fato de que a mulher não estava cumprindo seu papel na família: o de reprodutora. Todas estas mentalidades foram transferidas para o Brasil e aqui, assumiram um caráter bastante parecido, mas ao mesmo tempo singular. Apesar das diferenças, a Igreja, o Estado e o discurso médico se aliaram para construir a função da mulher brasileira, que seria de procriação.

Num cenário em que doença e culpa se misturavam, o corpo feminino era visto, tanto por pregadores da Igreja católica quanto por médicos, como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e Diabo se digladiavam. Qualquer doença, qualquer mazela que atacasse uma mulher, era interpretada como um indício da ira celestial contra pecados cometidos, ou então era diagnosticada como sinal demoníaco ou feitiço diabólico. Esse imaginário, que tornava o corpo um extrato do céu ou do inferno, constituía um saber que orientava a medicina e supria provisoriamente as lacunas de seus conhecimentos. (Del Priore, 2004)

Considerando todas estas mentalidades construídas, o olhar da medicina voltava-se para o órgão reprodutor feminino. Qualquer enfermidade que se abatesse sobre uma mulher, estava relacionada ao útero, comumente chamado de madre. Assim, “(...) no caso de ser acometida por alguma moléstia, a mulher não era tratada com o mesmo remédio dado ao homem, ainda que a moléstia parecesse idêntica em ambos.” (Nascimento, *et al*, 1998, p.16). Apesar dos médicos indicarem o útero como grande protagonista do corpo feminino, responsável pelos humores, doenças e males, ele ainda era cheio de mistérios, como o da menstruação, do parto, da amamentação. Todos estes fenômenos eram vistos com tamanha desconfiança que foram acusados de instrumentos de feitiçarias.

Dessa maneira, uma mulher saudável era uma mulher com uma madre disciplinada e em bom funcionamento, apta para procriar. Como nos traz Del Priore (2009), a saúde era determinada pela genitália, que poderia ser responsável pela histeria, ninfomania, humores e até pela “sufocação” da madre. Assim, para os médicos e padres, os males que atingiam as mulheres poderiam ser curados com a regulação da madre, ou seja, acreditavam que as enfermidades se curavam e evitam-se com a vinda das “regras”, com a gravidez e maternidade, pensamento ainda muito arraigado em nossa sociedade. “O desconhecimento anatômico, a ignorância fisiológica e as fantasias sobre o corpo feminino acabavam abrindo espaço para que a ciência médica construísse um saber masculino e um discurso de desconfiança em relação à mulher.” (Del Priore, 2004).

Muitos outros aspectos sobre o feminino foram analisados por Mary Del Priore em suas obras, como o parto, a menstruação e a amamentação no período da colônia, todos transpassados pela ideia de que mulheres estavam predestinadas a serem mães, concepções que quase sempre orbitaram as madres e fomentaram mistérios, medos e perplexidades. Contudo, esta discussão visa demonstrar como as mulheres eram inferiorizadas e relegadas a cumprirem um único papel, o de mãe, e muitas enfermidades que as abatiam não eram diagnosticadas, nem tratadas, pois a mentalidade médica e religiosa da época as enxergava de forma misógina.

É neste cenário tão opressor, desesperador e solitário para as mulheres coloniais, que os saberes de cura tradicionais germinam para trazer alento físico e espiritual. Muitos historiadores denominam estas práticas como medicina popular e Del Priore (2009) as apelida de uma medicina rústica. Contudo, entende-se as práticas aqui descritas como parte de um mundo especialmente feminino, forjadas na necessidade de sobrevivência e nas demandas cotidianas, oriundas do quintal e da cozinha, ambiente tipicamente das mulheres, e assim, estas práticas serão alcunhadas ao longo deste trabalho de medicina feminina.

Desprovidas dos recursos da medicina para combater as doenças cotidianas, as mulheres recorriam a curas informais, perpetrando assim uma subversão: em vez dos médicos, eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, resgatavam a saúde. A concepção da doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as cerimônias de cura indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira. (Del Priore, 2004)

É neste universo tipicamente feminino, permeado pelo saber adquirido da experiência, oriundo do conhecimento botânico indígena e perpassado de mãe para filha, que as rezadeiras e curandeiras ganham notoriedade, formando uma rede de solidariedade feminina entre irmãs, mães e comadres. É certo afirmar que isto não denota uma total igualdade entre as mulheres de diversas etnias, principalmente em um país como o Brasil, desigual desde sua gênese. Na realidade, as opressões de gênero e raça sempre estiveram intimamente relacionadas e estavam presentes nesta sociedade. Este debate visa, contudo, demonstrar que dentro de suas possibilidades, impulsionadas pelas necessidades do período, estas mulheres buscaram formas de sobrevivência e maneiras de cumprir os seus objetivos, formando teias de apoio na medida do possível.

Mulheres que benziam, rezavam e curavam faziam parte de um número expressivo e se ocupavam da maior parte da população pobre, que não tinham condições de procurar médicos especializados, raros na colônia. Mas o principal público que procurava seus serviços eram outras mulheres, que não podiam/queriam ser examinadas por homens por pudor. (Del Priore, 2016). Dessa maneira, entende-se as práticas e saberes das rezadeiras, inseridas num berço feminino, como um saber que nasce com e para mulheres. Uma forma ainda de ganhar notoriedade e respeito em um contexto histórico e social que as oprimiam fortemente, sendo requisitadas e temidas até por figuras de grande poder.

Rezadeiras e curandeiras utilizavam da botânica para auxiliar suas irmãs e comadres, plantas que pareciam o órgão feminino eram presentes nos chás, emplastos e beberagens (Del Priore, 2016), além de gestos, rezas católicas e amuletos africanos, saberes estes perpassados oralmente entre mulheres indígenas, negras e brancas. É certo que os discursos sobre maternidade influenciaram nas mentalidades femininas, assim, seus serviços poderiam se voltar a curar males da “madre”, fomentar fertilidade, auxiliar nas enfermidades cotidianas, ou dentre outras atividades mais misteriosas, como “enfeitiçar” um homem para o casamento ou até “jogar praga” para desafetos. Mas outras doenças populares faziam – e até os dias atuais, fazem – parte do universo das rezas, como o quebranto, espinhela, mau-olhado. Em dois estudos, Del Priore (2004, 2016) faz alusão ao quebranto. Cita sobre a benzedeira Ana Martins que curava o mal com os procedimentos: “(...) invocava três vezes o nome de Jesus, benzia a pessoa ou uma peça de suas roupas, e dizia: “Jesus encarnou, Jesus nasceu, Jesus padeceu, Jesus ressurgiu; assim como isto é verdadeiro se tirem os males deste doente pelo poder de Deus, de são Pedro, de são Paulo e do apóstolo sant'Iago”.

Em um estudo muito singular (2016), traz em evidência a indígena Domingas Gomes da Ressurreição, que em 1763 no Grão-Pará, curava quebranto com as palavras: “Dois olhos maus te deram, com três hei de curar. Jesus Cristo te livrou, Jesus Cristo te diz quem de mal te olho.” O caso de Domingas chama a atenção, pois a reza ainda é comumente usada no sertão paraibano, como atesta o estudo de Assis (2022), demonstrando o saber vivo e pulsante na contemporaneidade e o poder da oralidade geracional. Outras benzedeiros e curandeiras chamam a atenção no período colonial, como a indígena Sabina, requisitada pelo governador do Grão-Pará, João de Abreu Castelo Branco (Suris, 2015). Este fato mostra que, mesmo as classes mais abastadas e a população masculina, recorriam às práticas do universo feminino quando era necessário.

Aqui entende-se que as práticas de curandeiras, benzedeiros e parteiras influenciavam umas às outras. É difícil caracterizar onde se traçam os limites entre estas figuras, onde era domínio de rezadeira ou de curandeira. Muitas vezes nas comunidades, estes personagens se concentravam em uma só mulher, que assim, centralizava grande respeito pelos demais. Eram elas a ponte entre mundo espiritual e físico, donas de conhecimentos místicos, capazes de curar males, jogarem “pragas”, trazer os amores, desfazer feitiços. Eram observadas com grande referência.

Além do caso de Sabina, procurada pelo governador do Grão-Pará para desfazer um feitiço, coloca-se em evidência o caso de Maria Fernandes Maciel, que em 1798 no Mato

Grosso, recebeu certidão que lhe permitia realizar suas curas, passada de punho pela Junta do Protomedicato (Del Priore, 2016). Esta permissão demonstra o sucesso de suas práticas e o respeito que rondava sua figura. A Junta do Protomedicato (1744) foi promulgada para fiscalizar as artes de cura de médicos, cirurgiões, parteiras, dentistas e curadores. Posteriormente, com o estabelecimento da medicina erudita, teremos a Fisicatura (1808) que também requisitava licenças aos terapeutas populares a fim de diminuir a quantidade de curadores. Estes movimentos indicam como as mulheres que praticavam tal medicina empírica passaram a ser perseguidas, inicialmente pela Igreja e posteriormente pelas instituições médicas. Como nos traz Del Priore (2004):

Curandeiras e benzedoras que curavam com “orações, benzimentos, rezas e palavras santas”, pertencentes ao monopólio eclesiástico, passaram a ser sistematicamente perseguidas, pois as palavras que empregavam eram consideradas, sobretudo pelos inquisidores do Santo Ofício, de inspiração diabólica.

Influenciados pela mentalidade europeia de feitiçaria e bruxaria³, as instituições católicas presentes no Brasil começaram a estigmatizar mulheres que realizavam benzeduras e praticavam curandeirismo enquanto feiticeiras. Em um movimento muito semelhante, os “médicos-doutores”, ao mesmo tempo que se apropriavam dos saberes botânicos femininos, desmoralizaram-nas e invadiram espaços tipicamente femininos anteriormente, como o momento do parto.

Este embate entre medicina erudita e popular, não só a medicina alcunhada aqui de feminina, foi marcado por vários movimentos, ora de aproximação, ora de distanciamento. Por causa da extensão territorial e dificuldade de acesso, nas palavras de Del Priore (2016), médico sempre foi coisa rara e cara. Não é surpresa as minorias sociais da época, mulheres, negros e indígenas, tenham criado seus próprios rituais de cura, entrelaçados ao misticismo e religião para combater as enfermidades que abatiam estas gentes. Assim, mesmo com a maior quantidade de médicos que começam a vir para as colônias, eram postergados em favor dos curandeiros.

Como os jesuítas e pajés, que começaram a ser figuras muito próximas no cotidiano de cura para converter mais pessoas, os médicos começaram a utilizar os conhecimentos botânicos em suas empreitadas. Ao mesmo tempo, procuravam desacreditar os terapeutas populares, já

³ Muitos historiadores entendem feitiçaria e bruxaria enquanto fenômenos distintos, contudo, esta pesquisa entende que no Brasil, podemos considerá-los como sinônimos. Assim, serão utilizados para se referir às práticas utilizadas por mulheres, indígenas e negros referentes à medicina popular que foram perseguidas e condenadas pelas visitas do Tribunal do Santo Ofício à América Portuguesa.

que “Não podendo simplesmente denunciar o ‘charlatanismo’ ou a ‘ignorância popular’, os médicos viam-se obrigados a dialogar com a tradição médica popular, disputando, em condições desfavoráveis, a autoridade cultural no campo da arte de curar.” (Ferreira, 2003, p. 119).

Especificamente no caso feminino, havia a misoginia extremamente enraizada na sociedade colonial fomentada pelos discursos médicos e religiosos, as transformando em feiticeiras malévolas. Por séculos, as mulheres foram as principais curandeiras em suas sociedades: utilizavam de plantas, ritos mágicos, davam conselhos sobre situações difíceis e tinham um conhecimento empírico, baseado no saber-fazer. Eram responsáveis pelas curas e igualmente causadoras de adoecimento, detinham um saber sobre o corpo feminino, partos, menstruações e aleitamentos extremamente perigoso. Seriam seres meio-deuses, que pareciam poder causar vida e morte.

Como nos traz Del Priore (2009, p. 204), elas eram perseguidas por dois fatores: “(...) por serem mulheres e por possuírem um saber que escapava ao controle da medicina e da Igreja. O Tribunal do Santo Ofício foi uma das manifestações do saber institucional na luta contra os saberes informais e populares.” As visitas inquisitoriais no Brasil podem nos dar um panorama bastante completo sobre as práticas desta medicina feminina, dentre outros aspectos que rondavam o corpo da mulher. Desta maneira, nos debruçaremos sobre a feitiçaria, bruxaria e curandeirismo na América portuguesa para traçar os ataques que mulheres foram submetidas neste período.

A principal pesquisa sobre feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colônia é a obra *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial* (1986) da historiadora Laura de Mello e Souza, sendo uma das maiores produções historiográficas das últimas décadas no campo das Mentalidades. Assim, será nosso principal aporte teórico para discutir sobre as práticas condenadas pelo Tribunal do Santo Ofício. Contudo, cabe ressaltar que o panorama trazido por Souza se volta para uma ótica religiosa – relevante no contexto discutido e que influencia nas práticas da medicina feminina – e não na influência do gênero nas condenações.

Para a maioria dos historiadores,⁴ o Tribunal do Santo Ofício realizou três visitas ao Brasil em diferentes localidades e períodos, sendo na Bahia, Pernambuco, Itamaracá e Paraíba

⁴ Suris (2015) aponta a probabilidade de uma quarta visita ao Rio de Janeiro, mas afirma que a historiografia considera apenas as três já apontadas.

(1591-1595), uma segunda em Salvador (1618-1621) e a última no Grão-Pará (1763-1769). A mais emblemática e conseqüentemente, estudada, é a última, tanto por ser a mais longa dentre as existentes quanto por estar localizada temporalmente em um momento que a caça às bruxas na Europa já havia diminuído consideravelmente, e a mentalidade da época já não era tão permeada pelo medo do Diabo. Ademais, outro fator interessante é que a localidade foi e é bastante influenciada pelas práticas indígenas. Dessa maneira, podem ser os documentos referentes a esta visitação que nos demonstrará melhor como a feitiçaria brasileira se encaixava no cotidiano.

A Inquisição fora estabelecida oficialmente em Portugal em 1536, possuindo como sede de julgamento o Tribunal de Lisboa, que supervisionava todos os territórios sobre o domínio português. Preocupada com a heresia e bruxaria na América Portuguesa, a Igreja Católica manteve-se presente por meio de representantes e visitas esporádicas (Suris, 2015). É por meio dos processos de julgamento durante as visitas do Tribunal do Santo Ofício que podemos desbravar o cotidiano de pessoas simples, seus medos, anseios, necessidades. Especialmente sobre as mulheres do período e suas práticas de cura, já que Souza (1986) traz que apenas na Visitação ao Grão-Pará, registra-se vinte e um casos de feitiçaria e nove de curas mágicas.

Para Souza (1986), cristianizar a colônia fazia parte de um processo de dominação. Apesar disto, muitos historiadores consideram que aqui houve uma “cristianização imperfeita”, já que por causa das influências indígenas e negras, além do cotidiano muito diferente do europeu, tivemos práticas sincréticas e um catolicismo *a la brasileira*. Esta originalidade “(...) residiria, portanto, na mestiçagem, na excentricidade em relação a Roma e no eterno conflito representado pelo fato de, sendo expressão do sistema colonial, ter que engolir a escravidão: uma cristandade marcada pelo estigma da não-fraternidade.” (Souza, 1986, p. 88). Contudo, este sincretismo foi permitido pelas instituições, pois era uma maneira de controlar as populações dominadas. Assim, pelo caráter escravista da colônia, seríamos sincréticos religiosamente.

Esta religiosidade popular, nascida pela violência empunhada com os negros e indígenas, marcada pela opressão do catolicismo dos brancos fez-se fomentar práticas extremamente sincréticas, localizada num caleidoscópio de crenças especialmente colonial. Inserida nesta religião tão específica da colônia, permeada pela miríade de conhecimentos de diversas etnias, surgem as práticas de feitiçaria e cura colonial:

Quase sempre individual, pouco significativa em relação à loucura europeia da caça às bruxas. a feitiçaria colonial lança luz sobre a vida da colônia nos seus três séculos de existência. Foi uma das formas de ajuste do colono ao meio que o circundava; por vezes, protegeu-o dos conflitos e, por outras, refletiu as tensões insuportáveis que desabavam rival. sobre seu cotidiano. Ajudou-o a prender a amante, matar o afastar invejosos, lutar contra os opressores, construir uma identidade cultural. Muitas vezes, resolveu seus problemas com o outro mundo: outras tantas, lançou-o em abismos terríveis. Mas foi quase sempre a ponte para o sobrenatural. (Souza, 1986, p. 155)

Em suma, a feitiçaria concebida no Novo Mundo tinha um caráter individual e bastante atravessado pelas raças que aqui habitam. Foi cunhada com base nas necessidades do cotidiano colonial. Apesar do caráter racial, que difere tanto a bruxaria colonial da europeia, a característica em comum que ambas compartilham é a extrema misoginia. A ideia de que a mulher seria mais suscetível aos domínios satânicos e a praticarem feitiços, jogando pragas, causando abortos etc. são transladas pelo Atlântico e somam-se ao caráter étnico.

Suris (2015) em uma análise sobre a documentação do Tribunal do Santo Ofício em uma visitação ao Grão-Pará, revela que dentre os casos relatados, a grande maioria tem a presença de mulheres, sejam envolvidas direta ou indiretamente. A autora ainda afirma que as práticas consideradas bruxaria eram “(...) realizadas por homens e mulheres, contudo, marcadas pelo estigma da inferioridade e por serem consideradas mais suscetíveis aos domínios de Satã, as mulheres eram submetidas a um olhar mais atento da vigilância clerical.” (Suris, 2015, p. 56).

É neste cenário que buscamos delimitar a presença das rezadeiras e curandeiras, consideradas bruxas e feiticeiras pelo Tribunal do Santo Ofício, julgadas duplamente: por serem mulheres que praticavam curas heréticas e por possuírem conhecimentos do corpo feminino que escapava ao controle da Igreja e da medicina. Sobre o curandeirismo, Souza (1986) afirma que os principais curandeiros do período colonial foram indígenas, africanos e mestiços: “Procurar obter curas por meios sobrenaturais aproximava, pois, esta terapêutica popular da feitiçaria. Curavam-se doenças, insolações, incômodos como dores de dentes; mas também se curavam feitiços.” (Souza, 1986, p. 167).

Já sobre os benzimentos, a autora cita que a documentação colonial pouco fala destes e levanta hipótese que os poderes clericais pouco se importavam com eles. Contudo, parece que a figura do curandeiro e do benzedor muitas vezes se fundem um no outro, impossível delimitar o que era prática de um e o que seria prática de outro, principalmente no cotidiano colonial. Ambos utilizam de signos sobrenaturais, plantas da fauna brasileira, das rezas católicas para jogar maldições ou retirá-las, curar males e enfermidades. Em um tópico especialmente

dedicado aos curandeiros, Souza (1986) cita que as doenças curadas seriam quebranto, mau-olhado, erisipela e descreve o *modus operandis* destes terapeutas. Em contrapartida, todos estes fatos – as doenças e o modo de curar – dos curandeiros são muito semelhantes aos utilizados pelas benzedeiros paraibanas na contemporaneidade. Em outras análises, como de Del Priore (2004, 2006, 2016), os mesmos casos que Souza define como curandeirismo, Del Priore define como benzedura.

A exemplo da negra Joana, da indígena Sabina e de Domingas Gomes, citada por ambas e em outros trabalhos (Suris, 2015; Olegário, Casseb, 2019) que as práticas descritas em muito se aproximam e ora são referidas como curandeiras, benzedeiros, feitiçeiros, bruxas. É certo se supor que no cotidiano colonial, as práticas de cura, os feitiços lançados, os saberes repassados oralmente de mãe para filha, o uso da botica indígena e os conhecimentos sobre o corpo feminino se entrelaçaram em personagens tão místicos, respeitados e temidos.

Como delimitar quem seriam estas mulheres em suas realidades tão opressoras e misóginas? Bruxas ou benzedeiros? Praticavam curas ou traziam morte? Serviam a seu bel-prazer ou realmente haveria um laço de solidariedade feminino? Entre o imaginário importado da metrópole sobre a bruxaria e inferioridade da mulher, os místicos africanos e indígenas, dentro de suas realidades, elas mostravam meios de conquistar uma determinada liberdade e autonomia, demonstrando a capacidade feminina de emancipação sobre seu corpo mesmo quando discursos diziam ao contrário. Em um período em que a máxima feminina deveria ser a maternidade, elas auxiliavam a fecundar úteros ou esvaziá-los, uniam casais, jogavam pragas e serviam a determinados interesses -próprios ou de outros.

A partir destas ideias construídas no imaginário colonial sobre o corpo feminino e sobre a feitiçaria, é necessário se debruçar mais sobre estes temas em questão e como eles surgem. Nossas mentalidades foram, em sua maioria, derivadas e importadas das concepções europeias. Assim, no próximo capítulo visa-se discutir como se germina este medo em torno do feminino na Europa e que finda no movimento de “caça às bruxas” durante a virada da Modernidade. Dessa forma, procura-se contemplar como os corpos femininos passam a ser um campo de disputas de poder dentro do sistema capitalista e qual as correlações destes debates com meu objeto de estudo, as rezadeiras.

CAPÍTULO II: ENTRE OS DISCURSOS ECLESIÁSTICOS E MÉDICOS, AS REZADEIRAS ENQUANTO FRENTE DE RESISTÊNCIA

O imaginário colonial sobre o corpo feminino, o medo relacionado às práticas realizadas por mulheres e o controle que isto lhes conferia permeou a sociedade dos trópicos durante os séculos de invasão europeia. Como quase todos os aspectos relacionados ao cotidiano do Novo Mundo português, a mentalidade foi intensamente importada da Europa. Desta maneira, o medo em torno do feminino foi algo fomentado antes do embarque nas caravelas, mas que certamente atravessou o Atlântico e ditou as dinâmicas sociais que aqui se assentaram. Procura-se na primeira parte desta pesquisa elaborar sobre como este temor germinado pelos discursos médicos e eclesiásticos culminou na percepção dos corpos, da reprodução e nas perseguições do Santo Ofício. Mas ora, todos estes ideais tão bem fermentados no clima brasileiro não surgiram casualmente.

Dessa forma, este capítulo visa discutir a partir da visão de Delumeau (2009) como se dá a construção do medo em torno do feminino que culmina no violento período de “caça às bruxas” durante a virada da modernidade. Em continuidade, parte-se do pressuposto de Silvia Federici (2017) que a perseguição às práticas de feitiçaria foi um dispositivo que visava dominar/domesticar os corpos femininos e condicioná-los unicamente a reprodução de mão de obra trabalhadora, dialogando com os conceitos de “acumulação primitiva” marxista e alguns ideais de Michel Foucault (1987), movimento parecido com o que a autora supracitada realiza. Por fim, debate-se como entendo as práticas de benzeção e de bruxaria bastante semelhantes, além de frentes de resistência às dominações masculinas, eruditas e capitalistas.

2.1 “FLECHAS DE SATÃ, SENTINELAS DO INFERNO”: A CONSTRUÇÃO DO MEDO EM TORNO DO FEMININO

Durante todo o período reconhecido como Idade Média, as concepções católicas influenciaram as visões de mundo na Europa. Era a Igreja que ditava o modo de vida, as formas de pensar, até a sexualidade da sociedade. O comportamento feminino, as obrigações deste sexo e as visões que se tinham dele não fugiam à regra. A ideia de que as mulheres seriam agentes de Satã, figura derivada da crença cristã, permeou o imaginário popular, mas o medo infundado em torno do gênero não foi particular da época, nem do espaço (Delumeau, 2009).

Em conformidade com Jean Delumeau (2009), a mulher esteve presente nas mais remotas religiões como uma divindade de vida, mas igualmente de morte, à exemplo da deusa hindu

Kali, das amazonas, das Parcas, de Medeia, dentre outras tantas figuras que ao longo das eras construíram um estereótipo sobre o feminino. Estas concepções são incorporadas pelo cristianismo e afloradas substancialmente ao ponto da publicação do *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras) em 1486, e de absurdas afirmações por autores como Jean Bodin de que a mulher seria a “flecha de Satã” e a “sentinela do inferno” (p. 503).

Assim, a atitude dos homens em relação ao feminino foi, ora de repulsão, ora de medo, ora de veneração. Tememos o desconhecido, e o que tememos tendemos a condenar ao místico e as forças sobrenaturais malévolas, o que foi o caso do masculino em relação ao gênero oposto. Dessa maneira, o que fazia o corpo da mulher ser adorado, também foi motivo deste corpo ser temido e repugnado. A menstruação, o parto, o aleitamento eram mistérios para os homens. Somados a isto, a mulher foi, nas civilizações mais tradicionais, considerada mais próxima da natureza por conceber nova vida, assim, a ela era relegado o papel de profetiza e curandeira e ainda, eram elas as incumbidas dos ritos funerários.

Em contrapartida, como faces opostas de uma mesma moeda, ao masculino foi atribuído um papel mais racional, enquanto o feminino seria mais sensitivo, o qual deixava-se se levar pelas emoções. (Delumeau, 2009) Assim, este mistério sobre o corpo do gênero oposto criou uma grande desconfiança que gerou medo e perseguições. A religião e outras áreas, como as áreas jurídicas e a medicina, germinaram discursos para justificar a inferioridade das mulheres.

Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega ou Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continha todos os males ou ao comer o fruto proibido. O homem procurou um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher. (Delumeau, 2009, p. 468)

Assim, em diálogo com as obras já discutidas de Mary Del Priore (2006; 2009), a religião refletia a dualidade feminina e os papéis que ela deveria desempenhar: uma Eva maliciosa, causadora dos males femininos, pecadora; ou um Santa Mãe, tal qual Maria, mãe de Jesus, que ao longo de toda sua vida permaneceu no milagre da castidade. Para o historiador Jean Delumeau (2009), muitas passagens bíblicas foram utilizadas pelos eclesiásticos medievais e modernos para justificar tais mentalidades, mas o autor defende que esta era uma leitura errônea do Evangelho, principalmente ao considerarmos que Jesus andou com prostitutas e mulheres, perdoando pecados e cercado-se delas.

Uma obra de extrema importância para analisarmos como culmina este ódio ao feminino e que serviu de manual para os inquisidores no violento período de caça às bruxas na Europa Ocidental, é o Martelo das Feiticeiras, em seu original, *Malleus Maleficarum*, de 1486, elaborado pelo religioso Heinrich Kramer. Neste escrito, é dedicado um extenso capítulo para atacar diretamente as mulheres, afirmando sobre a sua maior tendência a se aliarem à Satã e praticarem a bruxaria por serem mais estúpidas, maliciosas e sensuais, utilizando versículos bíblicos como justificativa. São acusadas de feitiçaria, concubinato com o demônio, assassinato de crianças, dentre outros crimes. Delumeau (2009), contudo, chama atenção para um ponto que é muito caro à esta pesquisa e que o livro supracitado traz: “Mulheres são ‘adivinhas ímpias’ e lançam mau-olhado. Algumas (...) impedem a procriação. Provocam a esterilidade com ervas e composições mágicas.” (p. 483)

Assim, dentre as várias acusações que as mulheres sofriam e as enquadravam enquanto bruxas, estava o uso de ervas e composições mágicas para fins anticoncepcionais, uma prática muito comum entre as mulheres no Brasil-Colonial, mas principalmente entre benzedadeiras, curandeiras, dentre outras figuras deste universo, como já citado anteriormente. Em continuidade, Delumeau (2009) defende que os discursos médicos e jurídicos também fomentaram o medo e a precaução ao feminino, além da literatura e das artes em geral.

Com esta construção ao longo da Idade Média em relação ao imaginário feminino, o violento processo inquisitorial conhecido como “caça às bruxas” se torna uma realidade no início da Modernidade. Este movimento de condenações, enforcamentos e execuções na fogueira é debatido na historiografia de várias maneiras. A abordagem desta pesquisa compreende este momento principalmente pela ótica de Silvia Federici (2017), descrita em *Calibã e a Bruxa*, cuja caça às bruxas foi de fundamental importância para a ascensão do sistema capitalista.

Em *A História da Bruxaria* (2019), Jeffrey B. Russell e Brooks Alexander trazem um panorama das bases da feitiçaria europeia até as práticas atuais religiosas, como a *wicca*. Examinam a gênese, o auge e o declínio da caça às bruxas. Assim, apesar de fazerem uma análise religiosa do tema, ou seja, entendendo-a como uma religião, também compreendem o fator social e de gênero atrelados à bruxaria, transpassando a bruxaria histórica. Aqui, bruxaria e feitiçaria são entendidos enquanto sinônimos, contudo, os autores supracitados possuem uma visão divergente de que as feiticeiras praticavam suas magias de forma individual, enquanto a bruxaria praticava-se em grupos, a exemplos dos famosos *sabás*. Para Russell e Alexander

(2019), a feitiçaria era praticada pelos povos europeus para auxiliar nas questões cotidianas, muitas das práticas derivadas das religiões pagãs que já existiam no local. Contudo, a teologia cristã reformulou essa ideia e começou a caracterizar estes saberes como bruxaria e heresia, ligados ao Diabo.

Assim, neste panorama de medo que aflora na Idade Média permeado por crises, guerras, doenças e acontecimentos de terror (Delumeau, 2009), a busca por uma explicação culminou na culpabilização de Satã, bastante influenciada pela Igreja Católica. Concomitantemente, a feitiçaria-herética estaria em pacto com esta figura demoníaca, dessa maneira, deveria ser erradicada. Este processo de construção do medo levou séculos e foi determinado por vários fatores sociais, religiosos e econômicos; a ideia de bruxaria, heresia, feitiçaria, sabás, pactos com o Demônio já estavam sendo aprimorados muito tempo antes da “caça às bruxas”, que em si, foi o ápice do medo ao sobrenatural, mas especialmente, do medo ao feminino.

Federici (2017) contribui no debate sobre heresia, bruxaria e o feminino ao afirmar que dentro das religiões consideradas heréticas, as mulheres possuíam um papel mais igualitário em comparação com o pregado pela religião cristã. Dessa maneira, não é de se surpreender que elas fossem o maior contingente nos movimentos heréticos, já que tinham, dentro destes, os mesmos direitos que os homens, podiam pregar em cultos, batizar e realizar sacramentos; igualmente lhes era permitido o uso de métodos anticoncepcionais. Este cenário se altera com as crises demográficas decorrentes da Peste Negra, e o medo, além da tentativa de controle social, faz com que a perseguição aos heréticos se torne uma caça às bruxas.

Em contraponto com a heresia, os teólogos entendiam a bruxaria como uma tarefa especialmente feminina (Russel; Alexander, 2019) e muitas foram as justificativas utilizadas, como já aponte anteriormente. Em *A História da Bruxaria* (2019) é aludido ainda que durante o séc. XVI, a tendência demográfica fez com que muitas mulheres vivessem sozinhas e com a Reforma, os conventos foram extintos, assim, solteiras, sozinhas, isoladas e “rabugentas” foram o principal alvo de caça às bruxas:

A própria fragilidade da posição social feminina, sobretudo viúvas e solteiras, tornava mais seguro acusar essas mulheres do que os homens, cuja força política, financeira, legal e até física deixava o acusador mais exposto a represálias. Uma anciã fisicamente fraca, socialmente isolada, financeiramente necessitada e legalmente impotente só podia oferecer seus feitiços como forma de dissuasão. (Russell; Alexander, 2019)

Dessa maneira, a bruxa européia não era apenas alguém que praticava magias de acordo com as necessidades do cotidiano, mas constrói-se em torno desta figura uma ideia de depravação, perversidade e totalmente à mercê de domínios maléficos. Sobre a caça às bruxas, existe uma crença errônea que ela se deu durante a Idade Média, muito fomentada pela ideia de que este período seria a “Idade das Trevas” da humanidade. Contudo, estas perseguições foram frutos da mentalidade renascentista, colocando-as neste momento de transição entre medievalidade e modernidade.

Russel e Alexander (2019), localizam as primeiras acusações de bruxaria no séc. XIV, utilizadas inicialmente para fins políticos, contudo, com as reformas religiosas que modificaram as estruturas europeias, este cenário transformou-se em uma perseguição ao gênero feminino. Os autores supracitados defendem que o auge da caça às bruxas foi entre 1560 e 1660, ocasionada principalmente pelas tensões religiosas entre católicos e protestantes, inflada em lugares em que a miséria era mais latente. Igualmente, Federici (2017) atribui as tensões religiosas como um dos fatores que propiciou o aumento na perseguição contra o feminino, mas sua análise também abarca o papel do Estado neste movimento. Tal pacto entre Igreja e Estado demonstra um projeto político e religioso para domesticar o corpo da mulher.

Em *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), Silvia Federici realiza uma análise de como se deu a tentativa estatal e religiosa de domesticação do corpo feminino, partindo do pressuposto que a perseguição às bruxas foi um dos principais acontecimentos que permitiu a ascensão do capitalismo, juntamente com a colonização e a expropriação de terras dos camponeses. Para a autora, o sistema vigente precisou extinguir determinados sujeitos, como a herege, a curandeira, a bruxa, a feiticeira; estas pessoas encarnavam um mundo sobrenatural que precisava ser destruído. Estas mulheres, principalmente, demonstravam um poder sobre os próprios corpos que deveria ser extinto.

Assim, a caça às bruxas é apontada como responsável por devastar os conhecimentos empíricos das mulheres sobre os próprios corpos e romper relações coletivas femininas que eram a base de seu poder na Europa pré-capitalista (Federici, 2017), além de condenar práticas anticoncepcionais à fim de empregar seus corpos unicamente para serviço do Estado e da acumulação primitiva. Como nos traz a autora supracitada:

Desse ponto de vista, não pode haver dúvida de que a caça às bruxas destruiu os métodos que as mulheres utilizavam para controlar a procriação, posto que eles eram denunciados como instrumentos diabólicos, e institucionalizou o

controle do Estado sobre o corpo feminino, o principal pré-requisito para sua subordinação à reprodução da força de trabalho. (2017, p. 331)

Partindo desse pressuposto, este movimento de perseguição às práticas femininas, fez com que a mulher fosse relegada ao papel de mãe e do lar, elas tornam-se bens comuns, reprimidas em sua sexualidade e permitidas unicamente a procriar dentro da família, ajustando-se a nova disciplina capitalista do trabalho. Em um longo processo violento, as mulheres foram degradadas, infantilizadas a ponto de perderem seus direitos jurídicos, possuíram seus saberes apropriados pela medicina, sofreram, em suma, uma tentativa de domesticação a fim de formar uma nova ordem sexual no sistema capitalista.

Neste trabalho complexo, e em outros como *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais* (2019), *Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo do capitalismo contemporâneo* (2023), Silvia Federici se debruça sobre a concepção que o sexismo na sociedade capitalista nasce na sua formação, sendo uma de suas bases. Ela elabora como a caça às bruxas foi um instrumento a fim de permitir a acumulação primitiva a partir da domesticação de corpos femininos e da apropriação de seus saberes, o que na contemporaneidade culminou na dominação masculina e no não reconhecimento do trabalho doméstico como força de trabalho.

Esta análise é bastante influenciada por concepções marxistas, mas principalmente por ideias derivadas da teoria de Michel Foucault, com a concepção de “política do corpo”. Compreendendo as várias divergências entre a análise de Karl Marx e as noções foucaultianas, com Silvia Federici enquanto elo, aborda-se a seguir como elas podem contribuir na discussão acerca desta domesticação e demonização dos saberes populares e femininos dentro do sistema capitalista.

2.2 “CORPOS FEMININOS, CORPOS FEITICEIROS”: A “CAÇA ÀS BRUXAS” COMO UM INSTRUMENTO DE DOMESTICAÇÃO DAS MULHERES NO SISTEMA CAPITALISTA

Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo e historiador francês que revolucionou as análises historiográficas ao debater sobre como as instituições pregavam um determinado controle sobre o corpo de grupos sociais, utilizando os conceitos atemporais de “biopoder”, “política do corpo”, “relações de poder”, dentre outros. Utiliza-se as discussões realizadas por Foucault, pois entende-se que houve um projeto político e religioso de dominação e submissão

do corpo feminino, apesar do autor não discutir especialmente o papel da mulher, suas concepções podem ser muito úteis.

Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão (1987), é uma das obras mais complexas de Foucault e visa analisar como se dá a formação do sistema carcerário, além do desenvolvimento das instituições de controle social, como o poder público, a fim de reprimir os grupos sociais considerados delinquentes. É necessário compreender que por muitas vezes, os métodos punitivos utilizados não são sempre violentos, mas podem ser sutis e pragmáticos. Assim, é uma obra que realiza uma análise desde as execuções públicas na Europa até a contemporaneidade, mas especialmente nos é caro a noção do corpo enquanto um campo de disputas de poder. Dessa maneira:

(...) o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (Foucault, 1987, p. 29)

Concomitante a isso e em paralelo com as discussões já abordadas anteriormente, o corpo feminino está assim, sujeito à sua utilidade reprodutiva. Ele é este campo disputado, que ao mesmo tempo deve ser submetido ao que se pede dele, ao que se obriga. Esta necessidade de submissão é tão forte, tão necessária ao Estado, que poucos países permitem a realização do aborto na contemporaneidade, como é o caso do Brasil. Este corpo deve produzir nova força de trabalho (Federici, 2017), ou seja, está estritamente ligado à sua função econômica, como nos traz Foucault (1987). Assim, o que é uma mulher se não utiliza seu útero para alimentar o sistema capitalista? O que é esse corpo, se não, submisso à necessidade incansável de reprodução? Tal submissão, como já apontei anteriormente, não é necessariamente realizada de modo violento, mas pode utilizar-se de mecanismos (ou dispositivos, afirma Foucault) mais sutis, sendo estritamente pensada e organizada.

Em continuidade, o autor supracitado também nos fornece a noção de “corpos dóceis”, que seria “(...) um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (Foucault, 1987, p. 163). Estes corpos seriam, assim, o de loucos, delinquentes, crianças, idosos, entre outros. As disciplinas permitiriam o controle destes corpos,

submetendo-os à docilidade-utilidade. Este “disciplinamento do corpo” seria para Federici (2017), uma das várias condições para o desenvolvimento capitalista.

Em contrapartida, Foucault (1987) não se atenta ao controle realizado especialmente aos corpos femininos, crítica tecida por Federici (2017). Para a autora, as concepções foucaultianas sobre as disciplinas, as políticas do corpo e as tentativas de controle social, não levam em consideração os processos sobre as mulheres, especialmente os relacionados à reprodução. O disciplinamento de corpos femininos e masculinos é entendido como um só, quando este não é caso, principalmente ao analisarmos a perseguição contra as bruxas na Modernidade, ataque este não mencionado por Foucault. Para ela ainda, a História da Sexualidade não pode ser escrita a partir de um sujeito universal e assexuado (Federici, 2017), pois as demarcações de gênero são de suma importância para compreendermos os processos de dominação infundidos nos corpos dos indivíduos.

Guimarães (2018) debate sobre as críticas e as utilizações de Federici em relação às teorias de Foucault, trazendo uma postura defensiva à tese da autora, afirmando que “O que Federici nos mostra é que a perseguição dos hereges e depois mais evidentemente das bruxas tem a marcação de modulação do corpo na sua raiz.” (2018, p. 138). Partindo assim, do princípio de que as tentativas de controle sobre a vida dos sujeitos, denominado de biopoder, são muito mais marcantes sobre os corpos de mulheres.

Outro conceito, desta vez marxista, que Federici (2017) debate é o da acumulação primitiva. Como uma feminista marxista, a autora citada tende a reelaborar determinadas noções e processos de Karl Marx à fim de explicar a gênese capitalista de um ponto de vista das mulheres e do corpo. Assim, acumulação primitiva seria um termo elaborado inicialmente por Marx (apud Federici, 2017) em *O capital* para “(...) caracterizar o processo político no qual se sustenta o desenvolvimento das relações capitalistas.” (Federici, 2017, p. 25). Este seria um processo de fundação, revelando as condições que permitiram a transição do feudalismo para o capitalismo. Um dos principais movimentos que permitiu a acumulação primitiva foi o do cercamento das terras, que privatizou as terras comunais nas mãos do Estado e da Igreja, expulsando camponeses e obrigando um êxodo rural, concentrando grandes porções de terras nas mãos de poucos (Guimarães, 2018).

Contudo, existe uma disparidade entre como o conceito foi primordialmente elaborado, especialmente quando considerarmos que Marx não se propõe a uma análise de gênero em seus

estudos; e como ele é entendido e utilizado por Federici (2017), que o compreende a partir da posição social das mulheres que se reformulou e em sua força de trabalho. Assim, ela compreende que a colonização e os cercamentos são importantes para a ascensão burguesa, mas adiciona um novo fator: o da caça às bruxas, durante o séc. XVI e XVIII, enquanto um processo que excluiu as mulheres do trabalho assalariado, relegando-as ao serviço doméstico e a subordinação aos homens. Dessa forma, a privatização da terra, os conflitos armados e a degradação das mulheres seriam as condições para a propagação do capitalismo em qualquer época.

Assim, é notório que Silvia Federici (2017) concilia teses e noções de diferentes correntes, como as concepções feministas, marxistas e foucaultianas para analisar a passagem do sistema feudal para o capitalista a partir de uma História das mulheres, do corpo e da acumulação primitiva, culminando em uma perspectiva original, à qual compartilho neste trabalho. Apesar das críticas elaboradas, as concepções marxistas e foucaultianas são válidas nas análises exercidas e precisam ser retomadas com as novas perspectivas historiográficas, incluindo o papel feminino nos processos sociais. Dessa forma, mulheres são sujeitos que sofrem opressões e participam da luta proletária a partir de suas próprias questões.

Em continuidade com a perspectiva analítica de Silvia Federici sobre o movimento de caça às bruxas, a instalação da nova ordem capitalista procurou extinguir as mentalidades acerca do universo mágico e de crenças que rondavam as comunidades, pois estas ideias enfraqueceram o poder do Estado. “(...) as mulheres foram perseguidas, pois, ao recorrerem ao poder da magia, debilitavam o poder das autoridades e do Estado, dando confiança aos pobres em sua capacidade para manipular o ambiente natural e social (...)” (Federici, 2018, p. 314). Dessa maneira, sob a perspectiva da autora, a perseguição ao universo feminino de práticas relacionadas ao corpo e às suas visões de mundo foi condicionada por vários fatores, já explicitados.

Sobre o fim deste período de terror, Russel e Alexander (2019), defendem que as acusações de bruxaria começam a declinar a partir do séc. XVII, pois as revoluções científicas permitem novas perspectivas pautadas na racionalidade e não mais na superstição. Apesar deste declínio, os julgamentos ainda eram utilizados como arma política no contexto social europeu da época. Em contrapartida a isto, Federici (2017) apresenta dois pontos de vista: o primeiro, seria que o cientificismo foi determinante para o fim das perseguições; já o segundo critica tal concepção, defendendo que o fim da caça às bruxas esteve relacionado ao aniquilamento do

mundo das bruxas e finalmente, a imposição da classe burguesa sobre o proletariado, estando mais segura em seu poder e não necessitando mais deste dispositivo. A autora defende que:

(...) o principal fator de incentivo a caça às bruxas foi o fato de que as elites europeias precisavam erradicar todo um modo de existência que no final da Baixa Idade Média ameaçava seu poder político e econômico. Quando esta tarefa foi cumprida por completo – no momento em que a disciplina social foi restaurada e a classe dominante consolidou sua hegemonia –, os julgamentos de bruxas cessaram. A crença na bruxaria pôde inclusive se tornar algo ridículo, desprezada como superstição e apagada rapidamente da memória. (Federici, 2017)

Apesar desta perspectiva da autora, é certo se supor que o movimento racionalista foi de fundamental importância para a degradação das mulheres e para o aniquilamento de saberes geracionais femininos. Uma nova forma de cercamento, agora sobre o corpo, surgiu: o da medicina profissional. A curandeira popular, que empregava um saber empírico, responsável pelo cuidado entre mulheres e que auxiliava nas questões femininas, como os partos, aleitamentos, menstruações; foi substituída pelos “doutores” homens, que apesar de suas tendências curativas, realizavam uma tentativa de controle sobre os corpos. Assim, as mulheres que resistiram e continuaram a praticar suas artes de cura, tanto na Europa quanto no Novo Mundo, não representavam mais uma ameaça real às elites locais e começaram a ser rotuladas pejorativamente como loucas, supersticiosas, ignorantes e charlatãs.

Sobre o processo de colonização e como o movimento de perseguição à bruxaria foi implantado na América, Federici (2017) defende que a caça às bruxas foi parte de uma estratégia estatal à fim de propagar terror, escravizar populações negras e indígenas, condenando suas crenças sob a ótica religiosa, justificando o genocídio empregado na América Espanhola e Portuguesa, realizando ainda, um cercamento sobre seus corpos. Igualmente como na Europa Moderna, as mulheres foram os principais alvos, já que eram elas os sujeitos mais resistentes às dominações impostas pelos europeus, pois a Colonização extinguiu seu antigo modo de sobrevivência, onde eram complementares aos homens, sendo agriculturas, donas de casa, produtoras, comerciantes, curandeiras, sacerdotisas etc. Com o controle europeu, elas foram reduzidas á servas, objetos sexuais, parte de escambos e acordos econômicos. (Federici, 2017)

2.3 “AS MÉDICAS POPULARES”: BRUXAS, REZADEIRAS, FEITICEIRAS, CURANDEIRAS...

No imaginário popular, nas representações literárias e cinematográficas, a bruxa é quase sempre uma mulher “velha” de aparência assustadora, com um grande nariz, risada estrondosa e que vive sozinha em uma residência isolada do resto da sociedade. Ela utiliza poções, plantas e cânticos em línguas desconhecidas para realizar um apelo, que quase sempre tem um preço imensurável. É a figura responsável pelo mal da comunidade, por atrair crianças indefesas e comê-las, realizar feitiços de amor ou lançar injúrias.

A idade é um fator corriqueiro nas descrições de bruxaria, mas igualmente nas das rezadeiras. A questão etária indicaria maior experiência e conhecimento, conseqüentemente maior respeito. “Para poder obter um reconhecimento social, estas terapeutas devem ter uma idade que garanta, ao seu grupo, um certo saber, devem ser a voz da experiência. (Oliveira et al, 2019, p.13). Como afirma Jean Delumeau (2009), a velhice acabou por fazer parte do estereótipo de mulher feiticeira, correlacionada com o Diabo e fomentadora de medos. Por outro viés, Russel e Alexander (2019) afirmam que durante as perseguições ocorridas, os alvos mais fáceis para as acusações eram anciãs debilitadas e com poucos recursos, que só poderiam recorrer às magias para sobreviver.

Em muitos trabalhos sobre os ofícios de cura das rezadeiras no Brasil, como o de Quintana (1999), Oliveira (1985) e Câmara (2016; 2020; 2021), as benzeções e feitiçarias são correlacionadas enquanto práticas populares com símbolos e noções semelhantes. Assim, até que ponto a bruxa se distancia tanto da rezadeira? Para Oliveira (1985, p.17), a imagem que fazemos destes sujeitos é a de “(...) uma mulher, casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria.” E em continuidade, define que “Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular.” Dessa maneira, tanto feiticeiras quanto benzedoras seriam estas mulheres presentes em variadas comunidades, que se utilizam de saberes empíricos, chás, plantas, beberagens etc., para trazer alento físico, psíquico e espiritual a um contingente que, na maioria das vezes, não possui condições financeiras.

Ao longo da pesquisa de Alberto Quintana, intitulada *A Ciência da Benzedura: mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise* (1999), o autor entrevistou e acompanhou benzedoras do Rio Grande do Sul, na procura de analisar suas práticas, relações e memórias

acerca da benzeção. Apesar deste trabalho não se limitar ao gênero, é interessante o diálogo exercido ao longo da escrita com pesquisas relacionadas à bruxaria e feitiçaria. Por muitas vezes, os processos descritos são correlacionados, embora não exatamente iguais.

Concomitantemente, Oliveira (1985) afirma que a feiticeira e a rezadeira possuem muitas ações semelhantes, fazem adivinhações, lidam com o mistério, possuem dons que às ligam ao sobrenatural, manipulam a realidade mundana a partir de instrumentos, falas e rituais sagrados. Câmara (2016) compartilha da visão e afirma que a bruxaria não foi inteiramente erradicada como se pretendia, em realidade, ela se repaginou, atualizando-se e servindo às necessidades cotidianas da vida feminina sob novas formas, como da benzedeira no Brasil. É necessário apontar como a figura analisada nesta pesquisa se insere em uma miríade de práticas e crenças, muitas vezes discrepantes e opostas. Consequente a isto, por irem contra um poder clerical, estatal e religioso, foram sistematicamente perseguidas. Outro aspecto, que ainda transpassa esta prática tão interseccional, é o de raça. Câmara (2020) aponta que muito dos *modos operandis* das rezadeiras advém de crenças afrobrasileiras e ameríndias, o que estaria diretamente correlacionado ao fato das acusações de bruxaria recaírem sobre corpos negros e indígenas (Federici, 2019).

O que estaria destoante do fato da maioria das rezadeiras se considerarem e utilizarem orações comumente católicas, estando inseridas no chamado catolicismo popular, como aponta Oliveira (1985), Quintana (1999), Câmara (2016), dentre vários outros trabalhos. Tal fator estaria atrelado à tentativa de fugir das perseguições católicas principalmente durante o séc. XIX e XX (Câmara, 2016) e das acusações advindas da medicina erudita de charlatanismo. Apesar disto, não é certo afirmar que este é o único motivo que elas se autodenominam católicas, já que suas crenças não são colocadas em análise neste trabalho. O catolicismo brasileiro, desde sua gênese, sempre foi extremamente sincrético e as práticas africanas, nativas e europeias se debatem, ora conversando, ora distanciando-se para formar o mosaico cultural à qual estas mulheres estão inseridas e possuem constante diálogo de gênero, raça e religião.

Em conformidade com isto e as forças que exercem poder sobre as rezadeiras, elas estão inseridas em campos de disputas, ora religioso, ora médico. Oliveira (1985) chama a atenção para a benzeção enquanto forma de resistência aos sistemas eruditos que são impostos sobre os saberes populares:

O ofício da benzeção sintetiza um dos momentos concretos e possíveis em que aparece o confronto popular/erudito, onde a benzedeira antagoniza o seu

conhecimento ao dos médicos e ao dos padres. O ofício da benzeção é um dos momentos em que a benzedeira propõe uma releitura da religião e da medicina através de uma relação de freguesia. É um dos momentos em que a benzedeira se faz existir enquanto um sujeito concreto. Alguém que realiza alguma coisa própria, um trabalho, numa relação com pessoas. Mesmo que não acreditem que alguém pobre e analfabeto, na maioria das vezes, traga alguma contribuição para se pensar a questão das doenças e aflições. (p. 74)

Dessa forma, a benzeção é muito superior ao rito em si, à oração proclamada ou aos ramos utilizados; ela é esta relação entre rezadeira e rezado, onde mulheres pobres e analfabetas, com seu saber empírico e geracional, desafiam uma ordem que lhes foi imposta por padres e médicos, é o momento em que elas são resistência e afirmam convictas que “Quebrante *doutô* nenhum tira!” (Melo, Lima; 2024), delimitando seu espaço de atuação. É assim que elas adentram num campo erudito, permeado por homens brancos, subvertendo-se à dominação política e cultural.

Compreender estes aspectos e analisar a benzeção enquanto uma forma de resistência à dominação de classe, raça e gênero, além de inserida em campos de disputas, é incluir as benzedeadas, mulheres pobres e analfabetas, mães e avós como sujeitos ativos no desenrolar da História humana. É, enfim, protagonizar narrativas que são nordestinas e sertanejas, femininas e populares, ampliando visões de mundo.

Dessa maneira, a primeira parte desta pesquisa visava buscar as origens coloniais das rezadeiras, a fim de demonstrar como elas estão atreladas diretamente aos saberes femininos e incorporadas à *medicina feminina*, sofrendo ataques violentos por suas práticas. Em continuidade, a segunda metade desenvolveu como surge o medo ao feminino que culminou no dispositivo de controle da “caça às bruxas”, relacionando, enfim, feitiçaria e benzimento como frente de resistência à dominação misógina, erudita e capitalista da medicina e da Igreja. Empreender estas discussões foi de suma importância para que as entrevistas de rezadeiras paraibanas sertanejas fossem vistas sob uma ótica singular, distanciando-se da perspectiva unicamente religiosa e cultural abordada em trabalhos anteriores. Assim, no próximo capítulo, aborda-se a metodologia da História Oral como imprescindível para estudar as memórias das benzedeadas; localiza-se estas mulheres no Alto Sertão Paraibano, procurando estabelecer este trabalho dentro de uma Historiografia dos Sertões e caracterizando o espaço religioso e cultural na qual estão inseridas, que é o município de Cajazeiras, Paraíba e por fim, atinge-se suas narrativas, memórias e práticas acerca do benzimento, da reza, do acalento físico e espiritual.

CAPÍTULO III: AS ARTES DE CURA DAS REZADEIRAS NA CONTEMPORANEIDADE EM CAJAZEIRAS, PARAÍBA

3.1 O TESTEMUNHO ORAL COMO OBJETO DO HISTORIADOR

A Nova História Cultural, concebida pelo Movimento de Annales, contempla novas fontes historiográficas, rompendo com a concepção positivista de que apenas documentos escritos e legitimados pelo Estado seriam passíveis de análise para o historiador. A partir destas novas fontes e metodologias, especialmente a partir da década de 80 no Brasil, surge-se a possibilidade do testemunho oral a fim de se estudar a História, valorizando memórias individuais, abarcando o cotidiano, as emoções e a subjetividade dos indivíduos (Ferreira, 2012). Dessa forma, surge a História Oral, metodologia empregada ao longo desta pesquisa, pois interpreta-se que as vivências e artes de cura das benzedadeiras sertanejas, não podem ser alcançadas por meio de outra forma de análise, mas revisitando suas memórias, narrativas e práticas a partir da oralidade.

Assim, a partir das reflexões de Verena Alberti (2005), Marieta de Moraes Ferreira (2011) e Philippe Joutard (2000) exponho sobre as mais variadas possibilidades e contribuições que este caminho pode oferecer para a produção historiográfica, bem como o caracterizar e justificar sua escolha para esta pesquisa. Para Marieta de Moraes Ferreira (2012, p. 171-172):

Na história oral existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular, isto é, são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo, o que leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas em uma rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa e a buscar caminhos alternativos de interpretação; a pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas, que são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando, assim, elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas (...).

Partindo deste pressuposto, a História Oral consiste na realização e análise de entrevistas, transformando narrativas em documentos únicos, compreendendo todos os âmbitos que permeiam o momento do fazer e concebendo ainda, novas perspectivas que não foram alcançadas por outros tipos de fontes. É uma produção única, onde o historiador presencia a criação de sua própria documentação, devendo atentar-se aos gestos, expressões faciais, tons de voz e outras características subjetivas a fim de tornar mais completa a sua trajetória. Em termos gerais, para a historiadora Verena Alberti (2005, p.18), a história oral: “(...) privilegia a

realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar de seu objeto de estudo.”

Interessante ressaltar que assimilar enquanto documento, o testemunho oral, a entrevista, a narrativa, enfim, as subjetividades que são trazidas à tona por meio desta metodologia, é romper com o ideal positivista de buscar reconstruir o passado “tal qual ele é”. Um campo permeado pela memória, tal esta sujeita aos revezes do tempo e passível de esquecimentos, compreende que a História será realizada da maneira que é lembrada e interpretada no presente. Dessa maneira, Philippe Joutard (2000) considera que existem três finalidades deste campo: dar vozes aos excluídos e esquecidos; trazer em pauta as realidades que a escrita não pode transmitir; e testemunhar as situações de extremo abandono. Dentro deste cenário, explicita sobre as acusações feitas em relação às omissões ou distorções nos relatos, enfim, as fraquezas de memória, defendendo que estes aspectos não são uma fragilidade da metodologia, mas que são passíveis de análise e nos colocam em evidência as representações reais e imaginárias, perspectiva que esta pesquisa compartilha.

Neste contexto, o testemunho oral torna-se documento histórico, passível das análises do historiador e surge enquanto uma maneira de colocar em evidência as vivências de grupos que foram marginalizados, silenciados ou segregados ao longo do tempo. Dessa maneira, as narrativas históricas não são um complemento do escrito, mas a parte principal, o “coração” da pesquisa. As artes de cura, as histórias de vida e o alento que as rezadeiras trazem em suas entrevistas, foi, por muito tempo, desconsiderado pela historiografia tradicional como um aspecto relevante. Contudo, é neste sentido que:

(...) o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas, característica que permitiu, inclusive, que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos. (Ferreira, 2012, p. 171)

A História oral, ainda, é permeada pela História do Tempo-Presente, já que se foca exclusivamente na memória do passado, sempre reformulada e transformada pelas experiências do presente. Como já citado por Joutard (2000), é um campo atravessado pelo conceito de memória e por suas fragilidades, mas esta não é a fraqueza da metodologia, em verdade, é a sua característica que mais lhe torna singular frente às outras, pois evidencia-se as várias

interpretações sobre um mesmo acontecimento ou experiência, revelando as pluralidades dos indivíduos e passando a compreender a heterogeneidade da História.

A memória, conceito este que permeia a História Oral, foi alvo de várias discussões historiográficas, dentre elas, cita-se especificamente as elaboradas por Halbwachs (1990) e Pollack (1989; 1992). Para Halbwachs (1990), a memória coletiva e individual de sujeitos e da sociedade, é influenciada pelo depoimento e que estão relacionadas ao grupo social de quem o evoca, sendo uma experiência comum. A partir disto, uma memória individual existe, mas intrinsecamente relacionada à memória coletiva, sendo um fenômeno social, suscetível a transformações. Dessa maneira, pode-se compreender que a memória possui uma relação com a repetição, já que é sempre influenciada pelo presente.

Por outro viés, Pollack (1989) dialoga com o autor supracitado em relação à construção de uma memória coletiva influenciada pelos grupos dominantes, dessa maneira, a História Oral surge enquanto metodologia que se opõe a uma memória “oficial” imposta, já que traz à tona os depoimentos de grupos oprimidos. “A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.” (Pollack, 1992, p. 204).

Consideramos, então, a partir das visões de Halbwachs (1990) e Pollack (1989, 1992) que a memória individual é fluída, sempre em transformação quando é rememorada; sendo ainda, influenciada pelos grupos dominantes, já que a memória coletiva e individual se entrelaça e faz um tecido costurado de lembranças e narrativas expressas nos testemunhos e depoimentos. A partir desta compreensão, para Flores (2022):

(...) o conceito de memória não diz respeito a um simples repositório de dados sobre o passado, muito pelo contrário, a memória é uma força dinâmica que possui uma relação direta com o passado, influenciando em como ele é sentido e aceito. Além disso, a memória é um bem simbólico, objeto de negociações e disputas entre os elementos que compõem determinado grupo, sendo, assim, um fenômeno de reconhecimento e identidade, em que o esquecimento não deve ser interpretado como seu par oposto, mas como um elemento constitutivo. (Flores, 2022, p. 251)

Concebendo tais questões que permeiam o fazer historiográfico, esta pesquisa empregou a metodologia da História Oral à fim de atingir as memórias e vivências das rezadeiras cajazeirenses em torno do benzimento, revisitando a origem de suas práticas, o *modus operandi* em relação às querelas que lhes são trazidas, bem como as próprias queixas, os instrumentos utilizados e a perpetuação deste saber-fazer a uma nova geração. Visando isto, entende-se que

é a metodologia que melhor contemplou as necessidades deste estudo, já que a História tradicional e escrita não possibilita a análise das visões de mundo e artes de cura das rezadeiras sertanejas. Ademais, estas mulheres realizam seu ofício por meio dos gestos, do manuseio de objetos e das palavras; transmitem esse saber, principalmente, por meio da oralidade; assim, são estes aspectos que marcam suas histórias.

Partindo deste pressuposto e empregando as bases teóricas já explicitadas, foram realizadas entrevistas com 4 (quatro) mulheres rezadeiras exclusivamente residentes do município de Cajazeiras, na Paraíba. Priorizou-se as que ainda estivessem em ativa, realizando benzimentos até, ao menos, o dia da entrevista. Especificamente, o tempo que praticam as rezas não é de relevância para a pesquisa, nem onde nasceram, mas unicamente se são mulheres, praticam as benzeduras e se são residentes do município. Entrevistou-se 2 (duas) da zona urbana e 2 (duas) da zona rural, à fim de procurar possíveis diferenças entre as artes de cura realizadas na cidade e nos chamados “sítios”.

Os depoimentos foram conduzidos por meio de um instrumento de coleta semiestruturado, previamente elaborado, contudo, caso surgisse algum questionamento que não estivesse no roteiro, este era incorporado à entrevista. Para uma posterior transcrição, os testemunhos foram gravados de forma oral, já que um dos objetivos da História Oral é que estas gravações também possam ser utilizadas por outros pesquisadores interessados no estudo. As transcrições na íntegra, bem como os termos de consentimento devidamente assinados pelas entrevistadas e o questionário que norteou as entrevistas estão anexados ao fim desta pesquisa.

Outro aspecto que foi observado foram os procedimentos das rezas em tempo, a fim de descrevê-los e analisá-los juntamente com os testemunhos ofertados pelas benzedoras e compor um quadro singular de suas práticas. Dessa maneira, por meio de conversas informais com conhecidos e pelo conhecimento prévio ofertado pela Iniciação Científica (2022-2023) realizada anteriormente, chegou-se até estas mulheres. Por tratar-se de uma pesquisa realizada com seres humanos, os devidos documentos foram submetidos à análise do Comitê de Ética Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC) pertencente à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) antes da realização das entrevistas, que só foram executadas após o parecer de aprovação de número 7.099.468.

Dessa forma, ao adentrar em campo, encontramos mulheres em sua grande maioria idosas e residentes de áreas consideradas periféricas dentro do município. Suas casas demonstravam simplicidade, onde reservavam um cômodo para a benzeção, seja ele na varanda,

sala, ou mesmo um quarto. Nestes locais, chamava a atenção as imagens dos Santos, espécie de altares, quase como uma proteção para os males que podiam lhes atingir. Seus relatos e rituais, que igualmente foram observados, demonstram o caráter de auxílio da prática e seu sincretismo.

Ademais, com as quatro entrevistas documentadas em forma de áudio, foram realizadas análises dos depoimentos das rezadeiras, além das observações em campo. Assim, com o aparato teórico e alicerce da literatura em questão, foi permitido compreendermos como estas mulheres sertanejas aprenderam as rezas, como se dão os procedimentos de cura e para quem este ofício está sendo perpassado, além de possivelmente conceber como elas se veem frente à sociedade atual.

3.2 POR UMA HISTORIOGRAFIA DO ALTO SERTÃO PARAIBANO: CAJAZEIRAS – PB COMO ESPAÇO DE ESTUDO

Para Michel de Certeau (1982), em sua obra *A Escrita da História*, o ofício do historiador é marcado pelo lugar que este ocupa dentro da sociedade, igualmente, o homem está atrelado a um lugar físico e sua produção, suas visões e ideais refletem este emblema. Dessa forma: “() não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével.” (Certeau, 1982, p. 55) Assim, tanto o historiador-investigador quanto seu objeto de estudo estão inseridos em particularidades que devem ser levadas em consideração nas análises e nas produções da História.

Em complemento, o autor afirma que a operação historiográfica está localizada em um lugar social, político, econômico, cultural, enfim, delineada por uma miríade de interesses e percepções. “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.” (p. 58, 1982) Igualmente, estes aspectos transpassam o objeto de estudo, no caso desta pesquisa, das rezadeiras sertanejas residentes do município de Cajazeiras, Paraíba.

Considerando estes panoramas, é de suma importância caracterizar o espaço delimitado desta pesquisa para compreender as dinâmicas sociais e religiosas que as benzedeadas estão inseridas. Cajazeiras é um município localizado na mesorregião do Alto Sertão da Paraíba, com população atual de 63.239 pessoas, sendo a oitava maior cidade do estado e possui de área territorial de 562, 703 km² segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022).

Sua fundação remete ao século XVIII, a partir da doação da sesmaria por parte do governador da capitania à Francisco Gomes Brito e José Rodrigues da Fonseca, que posteriormente foram doadas por outro governador à Luiz Gomes de Albuquerque em 1767, que fundou a Fazenda Cajazeiras, nome este alcunhado pelas grandes árvores de cajás que existiam no local. Em momento posterior, Luiz Albuquerque presenteou Ana Francisca de Albuquerque, sua filha, apelidada pela população de “Mãe Aninha” e a seu genro, Vital de Souza Rolim, na ocasião de seu matrimônio. Em 1804, foram construídos a Casa-Grande e o açude grande, a fim de abastecer o gado que era criado no local, bem como a população que ali residia, locais estes que ainda existem na atualidade e são grandes pontos turísticos da cidade.

Do casal Mãe Aninha e Vital Rolim, criadores de gado, bem como proprietários de escravizados, nasceu em 22 de agosto de 1800, o grande protagonista da história cajazeirense e que irá influenciar o pensamento religioso e educacional do município, Padre Inácio de Sousa Rolim, ordenado em 1825 na cidade de Recife, Pernambuco. Padre Rolim, como bem ficou conhecido, fundou duas escolas no então sítio, a primeira em 1829, chamada de “Escolinha da Serraria”, que de início pequena, começou a atrair pessoas de regiões próximas que buscavam estudar; já a segunda escola, alcunhada na época de sua criação de “Colégio de Salesianos” em 1843, funciona até a atualidade sob o mesmo manto religioso católico, mas com o nome de “Colégio Nossa Senhora de Lourdes”. Esta última ficou especialmente famosa e começou a atrair ainda mais estudantes para a localidade, bem como personalidades reconhecidas nos sertões nordestinos, como Padre Cícero. Os que vinham angariar conhecimento por meio das escolas, passaram a se assentar no local, o que fez-lhe crescer até tomar a forma de uma cidade.

No âmbito religioso, Ana de Albuquerque fundou uma capela em 1834, que atualmente é a Catedral de Nossa Senhora da Piedade e Diocese de Cajazeiras. Dessa maneira, Cajazeiras recebeu a denominação de “Cidade que ensinou a Paraíba a ler”, demonstrando o grande caráter educacional e religioso da cidade não só no sertão paraibano, mas em todo o Estado. Em 29 de agosto de 1859, a então fazenda é elevada a um distrito pertencente a Sousa e em novembro de 1863 é desmembrada de Sousa e torna-se uma vila até que 1876, torna-se cidade. Na contemporaneidade, Cajazeiras é formada pelos distritos de Cajazeiras e Engenheiros Ávidos. Pela sua história de caráter pedagógico, a cidade ainda atende as demandas educacionais das localidades circunvizinhas e polariza cerca de quinze municípios com seu grande número de escolas e universidades. Estes fatores culminam em um local diversificado, com uma cultura sertaneja rica e movimentado pelas variadas festas e eventos anuais.

Importante ressaltar, porém, que este é o discurso oficial pregado sob a história cajazeirense, onde grandes homens ganham notoriedade e importância, enquanto as mulheres, como “Mãe” Aninha passam por um processo de sacralização e são relegadas ao seu caráter maternal. Percebe-se igualmente que é uma construção bastante romantizada. Dessa maneira, percebe-se que as figuras femininas sertanejas, mesmo as que ganham visibilidade nas historiografias municipais, ainda estão inseridas dentro dos estereótipos de “santas-mãezinhas”. Cabe, assim, uma profunda reflexão em relação ao papel e construção de imagem em torno das mulheres sertanejas.

Ademais, também nos interessa, além de trazer a história cajazeirense, caracterizar o espaço religioso do município na atualidade, pois entende-se que o ofício da benção é influenciado por várias crenças, inserindo-se no sincretismo religioso, mesmo que o maior expoente que apareça seja o católico. Dessa maneira, a população de Cajazeiras, Paraíba, segundo o Censo 2010, conta com 50.839 pessoas que se autodenominam Católicas Apostólicas Romanas, um grandíssimo contingente. Apesar disto, outras crenças aparecem no cenário cajazeirense, enriquecendo ainda mais a cidade, como as religiões evangélicas (4.656), testemunhas de jeová (557), espírita (478), umbanda e candomblé (78) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012). Estes dados, fornecidos pelo Censo 2010, estão relativamente defasados, considerando que esta pesquisa se realiza no ano de 2024, contudo, demonstra como a cidade é diversificada e de quais fontes inspiram, creem e fomentam as práticas das benzedeadas.

Em relação ao catolicismo, Cajazeiras é sede de uma Diocese, criada em 06 de fevereiro de 1914, pelo Papa Pio X, hoje santo, através da Bula “*Maius Catholicae Religionis Incrementum*”, desmembrando-a da Diocese da Paraíba que, nesta mesma data, foi elevada à dignidade de Arquidiocese. É interessante citar que na época, a comunicação entre as paróquias do Estado era dificultosa por causa da grande distância entre a Diocese e demais localidades, dessa maneira, por causa de sua história fortemente religiosa e católica, a cidade foi escolhida para ser a Diocese do sertão paraibano a fim de facilitar a correspondência.

Dessa forma, a sede da Diocese está situada no município, na Paróquia Nossa Senhora da Piedade, Catedral Diocesana. Atualmente, a Diocese de Cajazeiras limita-se com as Dioceses de Crato-CE, Iguatu-CE, Mossoró-RN, Caicó-RN, Patos-PB e Afogados da Ingazeira-PE, possuindo 62 paróquias e 02 áreas pastorais, organizadas nas Foranias de Cajazeiras, São João do Rio do Peixe, Sousa, Itaporanga, Pombal e Catolé do Rocha. Estas informações, fornecidas

pela própria Diocese, nos fazem perceber a grande importância que Cajazeiras possui para a comunidade católica, não só pela sua história, mas por seu papel na atualidade.

Apesar do catolicismo ser a religião predominante na cidade, outras expressões de fé ganham notoriedade, como é o caso do movimento evangélico, que é o segundo maior contingente religioso na cidade. Para Barros (2017), o protestantismo se insere no cenário cajazeirense e do sertão paraibano a partir da década de trinta, sofrendo perseguições da população majoritariamente católica. Apesar disto, o movimento se ampliou. Segundo o autor supracitado,

A pluralidade de templos existentes pela cidade aponta que apesar do Movimento Evangélico ter passado por possíveis perseguições por parte dos líderes católicos locais nos anos trinta e quarenta do século passado, o início do século XXI se apresenta com uma realidade bem diferente, em que as igrejas evangélicas na cidade de Cajazeiras possuem seus espaços definidos e ordenados (...). (2017, p. 32)

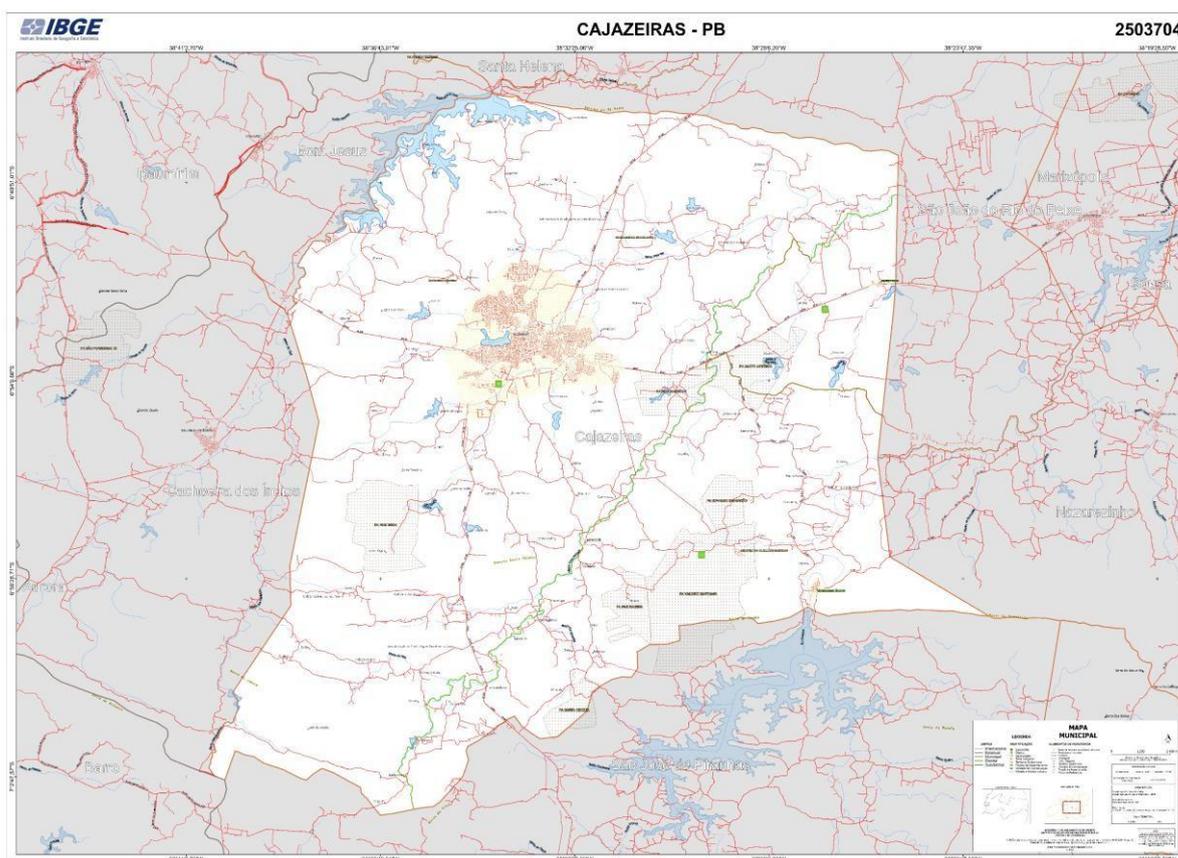
No ano de 2008, segundo Barros (2017), Cajazeiras continha vinte igrejas evangélicas, sendo a Igreja Assembleia de Deus, Primeira Igreja Batista de Cajazeiras, Igreja Congregacional, Igreja Metodista, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Deus é Amor, Igreja Universal do Reino de Deus Congregação Cristã Assembléia dos Justos, Igreja Assembleia de Deus Canaã, Igreja Sara Nossa Terra, Congregação Batista Fundamentalista, Igreja da Graça de Deus, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Batista Betel, Igreja Congregação Cristã do Brasil, Igreja Real de Deus, Igreja Presbiteriana Livre, Igreja Pentecostal Jesus é o Divino, Igreja Presbiteriana Independente e Igreja Betel Brasileiro.

Ademais, apesar de Cajazeiras ser uma referência para a religião católica, também possui grande importância para crenças de matrizes africanas na Paraíba, especialmente para o candomblé. A fé se difundiu na cidade com a chegada do Babalorixá Jackson Ricarte em 1974, contudo foi apenas em 1980, que essa prática religiosa se disseminou na capital João Pessoa e gradativamente em demais localidades do Estado, tornando Cajazeiras uma referência. “Ele recorda que na Paraíba, quanto da sua chegada, havia apenas cartomantes, rezadeiras e casas de umbanda.” (Freitas *et al*, 2013, p. 218). O trabalho supracitado, menciona a existência em 2013 de seis terreiros de candomblé, sendo apenas dois registrados, o de Jackson, Ilê Axé Runtó Rumbocí e o de babalorixá Valdemir, Ilê Axé Omi Akinjole.

Sobre as demais religiões na cidade, podemos citar a umbanda, presente por meio do Terreiro de Umbanda Joaquim Dangola e o Templo Religioso de Umbanda Santa Barbara. O

espiritismo também se faz concreto por meio do Centro Espírita Os Cireneus do Caminho , Lar dos Idosos - Grupo O Reencontro e o NEAK - Núcleo Espírita Allan Kardec. Assim, podemos perceber como o cenário religioso de Cajazeiras é diversificado, sendo permeado por várias crenças que moldam o contexto social do município.

Sobre o âmbito territorial, o município está na microrregião de Cajazeiras e na mesorregião do Sertão Paraibano, como já apontado anteriormente. Contudo, esta divisão regional de Mesorregiões e Microrregiões, elaborada em 1989 pelo IBGE e vigente até 2017, foi repensada e reformulada em Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias. Embora Cajazeiras ainda seja citada como Alto Sertão, nesta nova forma de regionalização insere-se na Região Intermediária de Sousa-Cajazeiras e na Região Imediata de Cajazeiras, realizando divisa com os municípios de Santa Helena, São João do Rio do Peixe, São José de Piranhas, Nazarezinho, Bom Jesus, Cachoeira dos Índios e Barro (CE). (IBGE, 2017).



Mapa estatístico de Cajazeiras – Paraíba.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024).

Apesar de Sertão Paraibano não ser mais uma divisão territorial, o conceito de sertão não se limita à ideais geográficos, mas produz um imaginário social sobre determinada região. Dessa maneira, considerando que o objeto de estudo desta pesquisa são as rezadeiras sertanejas localizadas em Cajazeiras, Paraíba e compreendendo o sertão como um espaço rico e específico, necessitamos conceituar como este local é interpretado na historiografia para entender-se as dinâmicas a qual as benzedadeiras estão inseridas, para isto, emprega-se como alicerce as óticas de Albuquerque Júnior (2019) e Neves (2003; 2012) para compreender as diferentes conotações do conceito de Sertão e ainda Santos (2019) para conceber a construção de uma História dos Sertões.

O Sertão foi um termo utilizado ao longo da história com diferentes significados e conotações, além de diversos objetivos sociais, políticos e culturais. É neste sentido que Neves (2012) concebe Sertão como polissêmico e controvertido. Comumente associado ao Nordeste enquanto categoria de sub-região deste espaço, em seus primórdios fonéticos sertão era caracterizado enquanto uma região oposta às terras litorâneas, ou seja, o interior. Durante a colonização portuguesa, “‘sertão’ expressou fronteira da colonização, campo de atividades bandeirantes, lugar onde se procuravam minérios e guerreavam-se contra os índios, degolando os homens e escravizando mulheres e crianças.” (Neves, 2003, p. 154) Assim, pode-se compreender que, em determinado momento, o Sertão era idealizado como uma região desconhecida, permeada por mistérios e perigos, oposta ao litoral dominado, um lugar que era necessário colonizar e dominar por meio de estratégias violentas:

Na lógica do colonizador estabelecido no litoral, o “Sertão” se constituiria um espaço vazio no imaginário da sociedade colonial, indomado e selvagem, terra de índios bravos, do medo, em oposição à “região”, ao “espaço social ocupado”. Seria “o lugar da desordem e da rebeldia, ou da outra ordem”, e a cidade, o “espaço privilegiado de atuação do elemento colonizador”, onde se entabulariam as “relações mais significativas entre os diferentes grupos sociais”, portanto, o “universo-síntese da ordem social”. (Neves, 2012, p. 36.)

Ainda para o autor supracitado, o sertão como um recorte espacial foi identificado a partir de dois sentidos, no final do século XIX, um como semiárido, e o outro sendo associado às atividades econômicas empregadas e as relações sociais que deste derivam. Assim, o sertão foi visto por muito tempo como o oposto da civilização, sendo distante dos poderes públicos e da modernização. Não seria nem barbárie, nem civilização. Dessa forma:

Generalizou-se o conceito de “sertão” para vasta área do interior brasileiro que expressa pluralidade geográfica, social, econômica, cultural, equiparando-se à ideia de “região”, exposta como espacialização destacada num continente,

país ou subunidade setorial de poder, caracterizada pelas relações sociais e de trabalho, condições materiais, recursos ambientais, natureza do que produz, espécies de bens comercializados, formação étnica, manifestações culturais. Como categoria analítica da divisão espacial, “sertão” exprime condição de território interior de uma região ou unidade administrativa interna – Sertão Nordestino, Sertão da Bahia – ou de zoneamento dessas espacializações – Alto Sertão da Bahia, Sertão de Canudos, Sertão do São Francisco, Sertão do Araripe – ou ainda o sertão do bandeirante, que inclui o interior de outras unidades da federação, fora do “polígono das secas”. (Neves, 2003, p. 157)

Em complemento à discussão, Albuquerque Jr. (2019) entende que o conceito de “Sertão” foi incorporado por um discurso regionalista a fim de definir e limitar o Nordeste como um espaço relacionado à seca, ao misticismo, messianismo, semiaridez, seca e coronelismo. A partir do séc. XX, discursos foram fomentados a fim criar esta imagem do interior nordestino:

Além da temática da seca, que seria responsável por dar ao sertão certa paisagem – marcada pela terra gretada, pela caatinga seca e esgalhada, por um sol abrasador, uma luz branca e intensa, pela presença das cactáceas –, esses discursos associarão o sertão a três outras temáticas: o coronelismo, com seu complementar jaguncismo, o cangaço e o messianismo. (Albuquerque Junior, 2019, p. 26)

Dessa forma, cria-se um imaginário sobre o âmbito espacial do “Sertão” e, concomitantemente, dos sertanejos e sua cultura. Seria ali, que as expressões culturais brasileiras se apresentariam autênticas, sem mácula ou influência externa. É assim que as camadas populares sertanejas são observadas e estudadas com um ar de superioridade, distância e curiosidade, culminando nas diversas representações estereotipadas e animais de seus habitantes na literatura, cinema e demais artes. “O sertão é também esse lugar da distância cultural, o espaço do anacronismo, de um passado, de tradições, de costumes que atravessam os tempos, infensos a mudanças.” (Albuquerque Junior 2019, p. 28). Incorporando estes ideais, o Sertão seria considerado estático e estereotipado por suas tradições. É neste sentido que a presente pesquisa pretende colaborar rompendo com esta concepção, entendendo o sertão como um espaço vivo, pulsante, plural e permeado pelas mobilidades culturais e religiosas.

Concebendo estes sentidos do termo “Sertão” e suas diversas finalidades sociais, geográficas e culturais, este estudo insere-se em uma nova perspectiva que surge na historiografia, denominada História dos Sertões. Para Santos (2019), este novo horizonte historiográfico, se propõe a ser pós-colonial, já que rompe com os ideais eurocêntricos do que se estudar e como estudar, assim, fortalece narrativas marginalizadas e alternativas. Em conclusão:

(...) o projeto de uma História dos Sertões pretende contribuir com as problemáticas contemporâneas sobre as relações entre natureza e cultura e

também sobre a complexidade do pensamento a respeito de novas espacialidades. Entretanto, este projeto pretende estimular a produção de uma historiografia sobre os sertões e, mais ainda, desde os sertões. Trata-se de uma historiografia que intenta se ocupar do problema deixado em aberto pelos limites eurocêntricos da modernidade e da ciência em seus padrões europeus, qual sejam, aqueles que entendem sujeitos históricos como portadores de subjetividades, que fazem parte da política e também da produção de saberes. (Santos, 2019, p. 449-450)

Visando estas concepções, as rezadeiras inserem-se em um imaginário nordestino e sertanejo, estão delimitadas pelo ideal de sertão e o que se concebe deste. Assim, esta pesquisa, ao estudar suas memórias e práticas, procura trazer à tona outras narrativas, sob uma outra visão, demonstrando que o sertão nordestino e paraibano, é tradição, religiosidade popular, mas igualmente transformação. O sertão é muito maior que a seca, que o misticismo, que a semiaridez; ultrapassa as concepções que foram lhes foram impostas; abrange narrativas marginalizadas e não se limita ao que os intelectuais o idealizam; é um sertão de mulheres, de rezadeiras, feiticeiras, que transmutam sua realidade, que resistem.

3.3 “EU NÃO SOU MÉDICA DO CORPO... SOU MÉDICA DA ALMA”: MEMÓRIAS, ARTES DE CURA E PERCEPÇÕES DAS REZADEIRAS CAJAZEIRENSES

Enfim, esta pesquisa se debruça sobre as memórias, artes de cura e vivências das rezadeiras inseridas nas dinâmicas cajazeirenses. Para preservar o anonimato requerido pelo Comitê de Ética, utiliza-se apenas as iniciais dos nomes das colaboradoras, impossibilitando a identificação. Assim, para referenciá-las, usou-se os codinomes Terezinha, Luzia, Damiana e Fátima. Esta sessão foi dividida em cinco blocos temáticos, sendo o primeiro referente as suas histórias de vidas, extremamente entrelaçadas com os ofício da benzeção, e como elas mesmas se autodenominam; do recebimento do dom, como este apareceu em seu cotidiano; as querelas e os instrumentos de cura; como elas se veem frente aos padres, médicos e possíveis preconceitos na atualidade; e por fim, como está sendo realizada a perpetuação da reza, bem como possíveis transformações que estejam ocorrendo com o ritual da reza.

Para realizar este movimento de análise, utilizou-se trechos das entrevistas, para que as vozes destas mulheres se coloquem em evidência nesta pesquisa, além do diálogo com outras pesquisas semelhantes, como as de Assis (2022), Quintana (1999), Melo e Lima (2024), Santos (2009) e Oliveira (1985). Apesar de referenciar tais pesquisas, tanto por sua proximidade quanto ao objeto de estudo, ao espaço e às discussões elaboradas, este estudo entende que as práticas aqui descritas são individuais e singulares.

3.3.1 Quem são as rezadeiras cajazeirenses?

As rezadeiras de Cajazeiras – PB, se apresentam como mulheres idosas, e em suas próprias palavras, pessoas simples. Com histórias de vidas diversas, elas demonstram um grande caráter religioso, especialmente do catolicismo, mas com a influência de outras religiões. Em suas falas, evidencia-se uma vida marcada por dores e sofrimentos, a perda de maridos, a morte de filhos, as saudades de entes queridos. Mas em muito, se apoiam no fato de oferecerem auxílio para quem as procura; auxílio este gratuito, muitas vezes realizado apenas pela conversa. Nesta pesquisa, nos debruçamos sobre as narrativas das rezadeiras Terezinha (zona urbana), Luzia (zona urbana), Damiana (zona rural) e Fátima (zona rural). Existiu a preocupação de procurar tanto mulheres na zona urbana quanto nas zonas rurais, pois Oliveira (1985) nos elucida que existem divergências da prática nestas localidades dentro de um mesmo município, assim, buscamos visualizar estas possíveis diferenças.

É necessário, ainda, conhecer minimamente nossas colaboradoras, pois suas artes de cura, entendimentos do dom, formas de aprendizados estão intimamente relacionadas com suas experiências pessoais, suas vivências, segundo Assis (2022) em seu próprio estudo. A benção assim, torna-se uma parte da vida dessas mulheres, entrelaça-se com suas relações familiares e de amizade, adentrando no domínio pessoal.

Nossa primeira entrevista foi a Rezadeira Terezinha, que é uma mulher idosa, a única mulher negra de nosso pequeno espaço de pesquisa. Fato este muito importante de evidenciar, pois como foi visto anteriormente, mulheres racializadas eram as principais praticantes das “curas mágicas” durante o período colonial. Ademais, não é originária de Cajazeiras, mas veio para a cidade ainda muito jovem, na busca de estudar junto com as irmãs. Em realidade, sua família é de Poço Zé de Moura, município localizado na Zona Imediata de Cajazeiras. Dentre as colaboradoras, é a única que não é casada, nem possui filhos, pois dedicou a vida a cuidar da própria mãe, que também era rezadeira. Suas falas denotam um desejo muito grande de ter se formado médica, mas suas condições nunca possibilitaram. Com uma experiência bastante única, Terezinha é católica, bastante inserida dentro das dinâmicas da religião da cidade, o que transparece em vários momentos da entrevista, demonstrando seu conhecimento sobre a Bíblia, mas igualmente acerca do perdão, amor ao próximo e a Deus. Quando questionada o que significa ser uma rezadeira, ela elucida:

É um servidor de Deus. É um servo de Deus que foi escolhido. Eu jamais podia imaginar que eu fosse, mesmo desde eu pequena gostar da oração. Aí

um dia eu tava muito doente, em São Paulo, no Instituto do Coração, neste dia eu tava até lá. Aí tinha um frade lá, um frei, que era um sacerdote que fazia o atendimento a gente, toda semana ele confessava os doentes, dava a comunhão...E ele disse assim “Você...”, eles não acreditavam que eu não era formada, que eu não fazia faculdade, aí eu disse “Não, frei, se eu pu...eu queria muito fazer medicina, ser médica para atender aos pobres, eu tenho um verdadeiro fascínio pra ajudar quem precisa”, aí ele foi e disse assim “Talvez Deus não te queira médico do corpo, te queira médica da alma”. Eu nunca esqueci essas palavras. *Aí um dia Frei Damião também disse que eu não ia ser médica do corpo, ia ser médica da alma. Hoje eu entendo...* (Rezadeira Terezinha, 2023. Grifos nossos)

Terezinha demonstra em sua fala o grande temor e amor a Deus, como se vê apenas como um instrumento de bondade e de fazer o bem, algo muito presente nas falas das outras entrevistadas. Outro aspecto importante em sua fala é a ideia de ter sido escolhida, algo muito distante para ela, que observa a mãe realizar as curas, mas não pensava em ser digna de tanto. A rezadeira também se percebe semelhante ao ofício do médico, no sentido de auxiliar quem precisa, sendo não médica do corpo, mas médica da alma; delimitando muito bem seu espaço de atuação: coisas da alma, do coração.

Na sequência, a próxima entrevistada foi a Rezadeira Luzia, que nasceu e “se criou” na cidade de Cajazeiras, inserida nas dinâmicas municipais desde muito cedo. Sua trajetória varia, ora na zona rural, ora zona urbana, o que se manifesta na maneira como benze, bem semelhantes às das rezadeiras “dos sítios”. Luzia é casada, mãe e avó, aspectos de sua vida bastante entrelaçados à maneira como aprendeu a benzer. Apesar de citarmos um aprendizado da reza, é explícito por estas mulheres que a benção é um dom, presente desde a infância em suas vidas:

Ser uma rezadeira eu acho que é um dom de Deus, porque a pessoa não sabe de nada, aí aprende uma reza, a gente reza naquela pessoa, benze aquela pessoa e a pessoa diz que ficou boa, eu acho que *é um dom de Deus*. (Rezadeira Luzia, 2024)

Nota-se a percepção que ser rezadeira é algo intrínseco de seu ser, que sempre esteve presente em sua vida e ofertado por Deus, pois foi escolhida para ajudar, curar, acalantar, mesmo que só tenha se apresentado posteriormente em relação a idade.

Já a rezadeira Damiana, residente da zona rural, morou a vida toda em Cajazeiras, apesar de transitar entre os sítios, é uma mulher casada, mãe e avó. Sua simplicidade e gentileza foram evidentes ao longo do relato; sentou-se no chão de sua casa enquanto respondia as perguntas. “O que era ser uma rezadeira?” foi perguntado. Ela respondeu:

O que é ser uma rezadeira...? É a pessoa fazer as vontades de Deus, né? Porque Deus quando andou no mundo, ele andou curando as pessoas e hoje em dia ser uma rezadeira, é pra fazer as vontades Dele, curar as pessoas em nome de Deus. É isso que eu entendo de ser uma rezadeira. (Rezadeira Damiana, 2024)

Igualmente a Terezinha, ela demonstra a servidão frente às vontades de Deus, mas externa-se o pensamento que realizava um movimento muito parecido ao que realizou Jesus Cristo quando andava no mundo: o de cura, sem preço, sem retribuição. Herda-se, assim, neste exemplo cristão a busca do restabelecimento da saúde de quem o procurava.

Nossa última entrevistada, a Rezadeira Fátima também é residente da zona rural, sua vida toda trabalhou na roça; suas dinâmicas pessoais demonstram uma narrativa permeada pelo sofrimento, mas sempre trazia um sorriso no rosto. Mãe, mas que havia perdido alguns filhos; avó; já fora casada, mas pelos vícios do marido não convive mais com ele. Apesar disto, Fátima demonstrava a grande felicidade em ser rezadeira e afirma convicta que gostava, que realizava atos de bondade. Interessante citar que Fátima, ao falar sobre ser rezadeira, lembrou da própria mãe, mesmo que não fosse ela que tivesse lhe ensinado.

Melo e Lima (2024), em um estudo com as rezadeiras na zona urbana do município, realizam a categorização destas mulheres em “desenvolvidas” e “não-desenvolvidas”, sendo as primeiras capazes de rezar em pessoas de quaisquer idades e de querelas diferentes, enquanto as “não-desenvolvidas” só benziavam crianças de mau-olhado. Esta diferenciação deriva-se de algumas terem aprendido a se proteger de males mais perigosos, enquanto outras não. A classificação demonstra que há uma especialização em determinadas querelas e é necessário um nível maior de aprendizado. Tal separação não foi observada no presente estudo, provavelmente devido ao número reduzido de entrevistadas; contudo, é notável que algumas destas mulheres rezam para doenças específicas, já que existe uma reza típica para cada.

Dessa maneira, estas mulheres delimitam seus conhecimentos, compreendem quais males fazem parte de seu escopo e quais procedimentos devem fazer. Denominam-se servas e instrumentos de Deus para realizar o bem e a cura. Interessa-nos investigar como este tipo de percepção adentrou em suas vidas? Em qual momento se compreenderam enquanto rezadeiras? Discutimos a seguir tais questões.

3.3.2 Do recebimento do dom

Entender-se enquanto uma rezadeira parece, na vida de nossas colaboradoras, passar por dois momentos bem distintos: o primeiro relaciona-se em como aprenderam as rezas, com

quem, em que momento há o primeiro contato; o segundo perpassa por um tipo de validação social. Uma rezadeira só possui o título a partir do momento que a comunidade ao seu redor a reconhece como tal, o que demonstra o grande caráter comunitário da prática. Não basta esta mulher reconhecer que possui o dom, as pessoas próximas a ela também devem possuir esta crença. Nos relatos descritos a seguir, percebemos que este momento se dá de forma bastante demarcada. Fátima afirma que *sabia rezar*, mas foi apenas com a divulgação de um terceiro e a procura de outros, que passou a compreender-se enquanto benzedeira.

Mulher, eu vou dizer uma coisa a tu, meu amor...Eu comecei a rezar um tempo desse...Eu sabia rezar, né? Mas eu não queria, assim, não vou mentir, se for pecado que Deus queira me perdoar, né? Aí eu comecei a rezar, né? Aí rezando nos de casa, nos meus neto mesmo, aí [nome de uma pessoa que mora com ela] foi, aí inventou pra todo mundo “Eita, mãe sabe rezar!” [Risos]. (Rezadeira Fátima, 2024)

Para Oliveira (1985), o recebimento do dom e o aprendizado das rezas, ou seja, a primeira parte deste momento pedagógico, é realizado de várias maneiras diferentes, entrelaçando-se com as experiências de vida única das rezadeiras, mas geralmente é um momento marcante de suas trajetórias. No caso de nossas entrevistadas, isto aparece no falecimento de um ente importante, como a mãe. A autora supracitada nos direciona ao fato que:

(...) há outras situações em que ocorre o reconhecimento da existência de seu dom: quando a benzedeira depara com alguma doença incurável; quando ocorre uma *revelação*, por exemplo, uma visão de que uma santa a protege numa estrada perigosa; ou quando ela ouve uma voz que a orienta no sentido de retribuir, às pessoas, a *graça da benção* que recebe dos santos; ou ainda quando, na ausência de outras benzedieras, ela precisa aprender o conhecimento do trabalho para poder benzer as crianças que ficavam doentes. As vezes recebe o dom de pessoas de sua família, como o de uma avó, de uma tia (...). (Oliveira, 1985, p. 34)

Por vezes, estes elementos podem aparecer combinados. No caso de Terezinha, ela demonstra que desde pequena possuía a vocação, aprendendo as rezas com mulheres de seu seio familiar. Ela denota que era diferente dos irmãos, muito temente a Deus, explicitando que foi escolhida para realizar o ofício e aceitou a missão que lhe foi dada, que era ser um instrumento divino.

Aprendi com minha mãe...minha avó...minhas tia-avó. Eram pessoas religiosa, que tinha uma vida espiritual muito devotada à Deus. E eu aprendi muito pequena, muitas rezas eu aprendi muito pequena e eu acho, assim, Mariana, que *as pessoas não escolhem ser, elas são escolhidas pra ser, pra exercer uma missão*. Porque eu era muito pequena...o meu...as minhas irmãs, os outros irmãos também eram pequenos, mas se a minha mãe dissesse assim “Minha filha, não faça isso, porque você magoa o coração de Deus”. Era o

suficiente para eu parar, então eu não tinha o entendimento do que era Deus...de quem era verdadeiramente Deus, mas eu tinha aquilo no...no meu coração aquele zelo, mesmo sem entender! Então por isso, que eu acho assim, que não é você que escolhe, você é escolhida. Eu...eu...nu...eu nunca achei que um dia, eu fo...eu pudesse fazer ou ser luz na vida de alguém como eu fui e pretendo continuar sendo, porque é muito gratificante você rezar por uma pessoa, você rezar naquela pessoa e depois a pessoa voltar pra você e dizer assim “Ó, a senhora salvou minha vida!” e eu não salvei vida de ninguém, porque eu não tenho esse poder, mas *eu fui um instrumento nas mãos de Deus pra ser luz na vida daquela pessoa...e muita gente pode querer ser, mas não consegue ser, né?* (Rezadeira Terezinha, 2024. Grifos nossos)

Apesar de explicitar o dom que recebeu desde pequena, da grande admiração que tinha por sua mãe, o momento de reconhecimento sobre si própria como um agente de cura e fé só se deu com o momento da proximidade da morte da mãe. Seu relato evidencia um sentimento de estar dando prosseguimento a missão das mulheres a quem amava:

Elas me ensinaram, ó, naquele tempo, minha avó era analfabeta, não sabia ler, nem escrever. (...) Nada escrito. Ela me botava pra decorar aquilo dali minha mãe...minha mãe também. Quando foi perto dela morrer, ela foi, chegou aí no santuário [apontou para o quarto, onde realizava seus benzimentos e continha um santuário de madeira], ela disse assim “Aqui é meu...meu...” É assim, uma espécie de fortaleza, onde ela guarda... o oratório dela. Aí disse “Ói, essa é a sua verdadeira herança. Cuide de todos aqueles que lhe procurarem.” (Rezadeira Terezinha, 2023)

Terezinha demonstra como a benzeção está relacionada às sensibilidades; é uma forma de se estar espiritualmente próxima da mãe e da avó, e igualmente, de estar cumprindo um propósito que lhe foi deixado, um propósito de cura e refúgio nas dificuldades. O momento da reza, assim, não é exclusivo para o sujeito que procura estas mulheres, mas demonstra ser, em certa medida, uma maneira das próprias rezadeiras se sentirem acalentadas por entes que já se foram há muitos anos. É, enfim, um ritual que não cura apenas rezados, mas a própria sujeita que possui o dom.

Em outro relato, desta vez da Rezadeira Luzia, a presença de sua mãe também é uma peça importante na iniciação da benzeção. Lembrando de sua mãe, ela traz um aspecto importante do ofício, a relação da fé, não só da rezadeira, mas da pessoa que a procura:

Mãe rezava, as pessoas tinham uma fé, sabe? Chegava com as crianças bem doentinha, aí quando saía as crianças já... a fé que cura, né? Porque não adianta a gente vir...você vir pra rezar e não ter fé, porque sempre é a fé que cura. (Rezadeira Luzia, 2024.)

Tal fato demonstra como a reza não é um procedimento que esteja unicamente na responsabilidade das nossas entrevistadas, mas igualmente dos rezados, pois precisam ter a

crença que irão ficar bons. Em continuidade, Luzia revela que passou a rezar já quando era idosa, após o evento marcante da morte da mãe:

(...) quando eu comecei a rezar, eu tinha o que? Uns sessenta e oito, por aí. No tempo que mãe morreu, né? Aí eu fiquei, né? Aí depois...eu nem...ela me ensinou, mas eu rezava nos meus menino, e nunca rezei em gente de fora não. (Rezadeira Luzia, 2024)

Este aspecto está relacionado ao fato que a rezadeira acredita que só se pode “passar as rezas” para alguém quando não se quer mais rezar, para que não “perca as forças”. Sua mãe a ensinou, por outro viés, para que ela pudesse realizar a benção nos próprios filhos, devido a carência de assistência médica onde residiam, mas por, especialmente, não existir outras mulheres benzedoras.

Enquanto as rezadeiras anteriores trazem em comum o fato de que *alguém* as ensinou, especialmente de forma oral, Damiana traz um novo aspecto em seu aprendizado: o escrito. Seu relato explicita uma aparência até profética do momento, da folha de jornal vindo no vento em sua direção:

Um dia eu ia pra Cajazeiras de “pés”, aí um vento bolou uma página de jornal até mim. Aí quando eu peguei tinha a oração...Na página do jornal tinha a oração de quebranto e mau-olhado, aí por isso...eu...eu fui decorando e as outras coisas, outras coisas, *eu aprendi por conta-própria*. (...) Foi...Precisava de rezar eles e as rezadeiras era muita distante e as coisa tudo difícil pra pagar carro, e tudo essas coisas, aí eu aprendi. (Rezadeira Damiana, 2024. Grifos nossos)

Damiana se mostra, assim, como uma pessoa autodidata, que aprendeu sozinha as orações, a identificar os males, sem ninguém para guiá-la, mas sua narrativa traz alguns pontos em comuns com as outras rezadeiras: a necessidade de aprender, pois seus filhos necessitavam da reza e as rezadeiras eram muito distantes de si. Percebendo sua dificuldade, seria como se Deus a tivesse escutado e atendido suas preces de ajuda.

Já Fátima não aprendeu com sua mãe, apesar desta ser rezadeira, mas sim com sua madrinha. Mesmo que não tenha sido com ela que tenha aprendido, isto demonstra o caráter geracional da prática e evidencia ainda mais a presença feminina na perpetuação da benção. Quando questionada como ela se lembra da mãe rezar, a colaboradora afirma:

Do mesmo jeito que eu faço! Do mesmo jeitinho..., mas eu era muito criança, muito nova, não ligava de aprender, né? Também ela nunca me ensinou, como era que, né? Quem me ensinou foi minha madrinha mesmo. (Rezadeira Fátima, 2024)

Assim, as rezadeiras cajazeirenses demonstram a benzeção enquanto um ofício que germina na necessidade, mas principalmente no seio feminino familiar, sendo uma prática geracional, repassada de mãe para filha, avó para neta; muitas vezes está relacionada às preocupações femininas, como a da maternidade. Assim, muitos dos aspectos coloniais ainda se fazem presente, como o de ser um saber feminino, gerado por e para os anseios e dificuldades deste substrato populacional. É, ainda, um elo entre diferentes gerações, uma forma de lembrar quem lhe ensinou.

3.3.3 Das querelas, dos instrumentos e dos pormenores do ritual da benzeção

A benzeção é um ritual complexo, que extrapola o momento da movimentação dos ramos. Ele abrange desde quando o indivíduo possui a percepção que está com algum mal do escopo das rezadeiras, até o momento do agradecimento pela querela combatida. A partir disso, iremos discutir sobre as doenças, as curas, instrumentos e pormenores que permeiam este ritual tão simbólico e sincrético.

Na visão de Santos (2009), há algumas doenças que fazem parte do universo das rezadeiras, dentre elas, citamos mau-olhado, quebranto, erisipela, cobreiro, espinhela caída, peito aberto, dentre outros. Sobre os rituais, são diversos, dependendo de cada caso, da gravidade, da própria rezadeira e em como é lidado com isto. Apesar deste tipo de querela ser mais evidente nos relatos, há males de outra natureza: uma energia negativa em suas vidas, um momento de dor e necessidade, que pode ser curado com as rezas e os conselhos. Estas mulheres, assim, não realizam apenas bênçãos, mas muitas vezes são conselheiras, escutam as dores de pessoas desconhecidas e com sua sabedoria derivada da experiência, auxiliam com palavras. A Rezadeira Terezinha foi a única que não citou as doenças tradicionais, preferindo focar seu relato na energia negativa que se originou do afastamento de Deus:

É uma tristeza profunda, tudo dando errado. Tipo assim... Até das lâmpadas de casa queimar tudinho, entendeu? Sair queimando lâmpada, aparelho...Perturbação mesmo, inveja que o povo tem demais, começa...é... desespero, dívidas, as pessoas vão se perdendo nas suas vidas, se afastam de Deus e quando dá fé tão num buraco bem grande. (Rezadeira Terezinha, 2024)

Conseqüentemente, há uma clara relação entre esta percepção e maneira como sua reza se apresenta: é a única das rezadeiras que não utiliza plantas na benzeção, apenas o terço. Igualmente, se mostra singular ao destinar um quarto em sua casa para isto, com um santuário de madeira herdado de sua mãe:

Uso terço, uso a mão, levo ali pra aquele cantinho [aponta para o quarto com santuário], sento em frente ao Santo, mando fazer o sinal da cruz e rezo. Muitas vezes, primeiro a pessoa diz assim “Eu vim procurar a senhora porque eu to...to muito aflita. Eu to com isso, com aquilo”, entendeu? Aí eu vou pra ali, pois vamos pra eu rezar em você. “Eu vim pra senhora rezar em mim, pelo amor de Deus, reze em mim. Eu to em tempo de enlouquecer”, quando eu termino de rezar, a pessoa diz assim “A senhora tirou, assim, um peso, um peso tão grande de cima de mim”. (Rezadeira Terezinha, 2024)

Assim, seu momento é guiado pelas palavras e orações, juntamente com o terço. Sua forma de rezar derivou-se igualmente de sua mãe. O terço movimenta-se, juntamente com suas mãos, pela cabeça, pescoço, peito e costas do rezado. Estes aspectos apresentam muito de seu teor católico, suas orações também advêm desta matriz religiosa. Por outro viés, a Rezadeira Luzia traz os males mais recorrentes do aparato da benzeção, especialmente o mau-olhado, descrevendo-o como mais característico em crianças, mas cita também a erisipela, ventre-caído, peito aberto:

Se queixando que tá com febre, que dá febre, né, também? Quando você bota um...um mau-olhado grande mesmo, que fica sem comer, vômito, é... não fica...fica sem dormir, fica enjoadinho, fica sem dormir. (...) Eu rezo em todo mundo. Eu rezei daquela...daquela...como é? Erisipela, né? Que dá nos povos, que só fica boa com reza. (...) Ventre-caído...criança que tem susto, né? Peito-aberto também... (Rezadeira Luzia, 2024)

Seu ritual consiste em pegar três ramos da árvore que se localiza na calçada de sua residência. Tais ramos representam, de forma simbólica, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, segundo a própria. Posiciona o enfermo na porta, para assim “o mal sair” e não pode haver ninguém entre o rezado e a porta, nem na calçada durante a reza, pois as energias podem ser absorvidas, principalmente quem tem “corpo aberto”. Quando questionada o que seria isto, ela responde que é alguém desprotegido, suscetível as invejas, mau-olhado e energias negativas. Apesar de ter conhecimento sobre, não rezava para isto.

Esta demarcação de quais doenças cada uma pode curar é algo notável nas narrativas analisadas. As senhoras benzedoras reconhecem seu espaço de atuação, demonstrando um saber complexo, cheio de camadas, mas muito bem reconhecido pelas próprias. Elas se entendem como rezadeiras, mas acatam uma humildade única, ao compreenderem que existem certas enfermidades para as quais não podem/conhecem as orações.

Importante frisar que as práticas de Luzia são muito mais próximas das rezadeiras da zona urbana, como veremos a seguir, do que de sua similar da zona urbana. Os males que lhes são apresentados, bem como o próprio ritual são bastante semelhantes com os de Damiana e Fátima, este fator pode atrelar-se aos vários anos que morou na zona rural. Assim, começamos

a demarcar certas diferenças entre a prática na zona rural e na urbana. Um deles é o uso mais recorrente das plantas para curar as querelas mais tradicionais.

O relato de Damiana, traz que as doenças são, em muitas vezes, determinadas pela idade do enfermo, além de citar o mau-olhado, bem como erisipela e cobreiro, e afirma:

Vem...criança é mau-olhado, é quebranto...Adulto é de coluna...Muita gente já veio aqui pra eu rezar de erisipela, de cobreiro. Aí eu rezo tudo isso. (...) Eu rezo com a planta. Eu pego o raminho verde e benzo aquela pessoa. É as orações de...que...de quebranto, de mau-olhado, *que eu não posso dizer qual é, né?* [Risos] aí são essas orações que eu rezo, em voz baixinha. Aí eu vou, rezo o Pai-Nosso, a Ave Maria, a Salve Rainha também. (Rezadeira Damiana, 2024. Grifos nossos)

Em meio a risadas, Damiana não me revela as rezas que utiliza para cada mal e diz de forma misteriosa que *não pode*. Seus ramos são retirados do jardim de frente a sua casa e a benção ocorre em suas cadeiras de balanço, colocadas estrategicamente na varanda aberta da casa, onde comumente no Nordeste, é chamado de “alpendre”. Ali, Damiana utiliza seu ramo em movimentos de cruz e para ter certeza, pergunta o nome do rezado. Demonstra, assim, a necessidade do nome, além das rezas católicas. Como as outras, a rezadeira busca o intermédio de Santos, mas em divergência, traz São Cosme e São Damião, figuras bastante ligadas ao sincretismo já que na religião Umbanda são identificados como Ibejis ou Erês, demonstrando o entrelace de crenças em sua prática.

Já Fátima, apesar de descrever o quebranto, não o cita diretamente e simplesmente diz “eu rezo”, o que demonstra que a benção faz tão parte de seu cotidiano que é visto como algo simples, corriqueiro, simples:

Minha filha, assim, com fastigo, né? Esmurecido, pois é, aí...assim... assim...com ânsia de vomito, né? Essas coisas...aí quando eu rezo, né? Aí melhora. (Rezadeira Fátima, 2024)

Observou-se, tanto em Fátima quanto em Damiana, ambas da zona rural, o uso do pinhão-roxo, ou ao menos, a preferência por este tipo de planta. Para Luzia, por outro viés, não importava o tipo, desde que estivesse verdinha. Fátima, em sua benção, abre a porta da sala e posiciona o rezado de frente a ela, palmas para cima, sem cabelo preso. Com o ramo, fazia frenéticos movimentos de cruz, mas passava a mão livre pelo cabelo da rezada, apertava com ambas as mãos os dois lados da cabeça em certos momentos. A reza, em si, parecia cíclica, palavras repetidas, bem como os gestos, mas ao mesmo tempo que rezava, acariciava, como se fosse alguém muito querido a ela.

Há, de certa forma, uma construção de elo entre a rezadeira e enfermo neste momento. O enfermo, que confia que sua dor só pode ser sanada nas mãos idosas, nas palavras religiosas de acalento. A rezadeira que parece, de forma maternal, ver na pessoa que a procura, uma espécie de neto ou filho, cujos gestos transparecem tal carinho.

Importante ressaltar que, apesar desta pesquisa só ter encontrado em campo rezadeiras católicas, a prática em si, é bastante sincrética, utilizando concepções e noções de outras matrizes religiosas, principalmente das afro-brasileiras. No estudo de Melo e Lima (2024), aparecem referências à umbanda e candomblé, bem como o espiritismo. Outros aspectos, bem mais sutis, são observados aqui: a benzeção em um lugar aberto ou perto da porta para que os males saiam; a cabeça como último local a ser benzido, pois é um lugar de saída do corpo e da alma; até os santos intercessores de Damiana, citados anteriormente, reforçam tal fator, corroborando uma miríade religiosa de influências diversas.

Para Quintana (1999), o ritual da benzeção se mostra muito além do momento do balançar de ramos e do pronunciamento das rezas no quintal, sala ou varanda das rezadeiras; ele se expande, abarca desde o momento do reconhecimento da enfermidade que só pode ser curada por esta senhora; da fé, seja religiosa ou na eficiência da benzeadeira, que leva o indivíduo até a casa destas mulheres; até o momento pós, quando se alcança uma graça, e é necessário pagar uma espécie de penitência para agradecer ao Senhor por isso.

Em nossos relatos colhidos, um momento que faz parte da benzeção é o recebimento ou agradecimento. Normalmente, quando enfermidades são curadas, busca-se agradecer a quem finda tais males. No caso das benzeadeiras, foi unânime a afirmação que não recebiam, de forma alguma, pela reza. “Jesus disse “Dá de graça, o que de graça recebeste”. A oração é dom de Deus, eu não posso fazer dela um comércio.” (Rezadeira Terezinha, 2024). Há, inclusive, uma descredibilização para quem recebe por tal coisa, pois não seria uma rezadeira verdadeira, já que os dons obtidos não podem ser cobrados.

Ademais, estas mulheres recusam até o obrigado, pois para Luzia e Fátima até agradecer pode enfraquecer as rezas, já que “ninguém reza obrigado, reza porque se quer” (Rezadeira Fátima, 2024). Recebem, se muito, pequenos agradecimentos, como a vela no caso de Damiana, mas apenas porque precisa para suas orações. O pós, dessa forma, também se faz presente no ritual e contempla todo um universo de percepções.

Há, assim, certa forma de resistência por parte dessas mulheres em servir a um sistema capitalista, movido pelo dinheiro. Seu auxílio opõe-se às concepções de que serviços devem ser

pagos com dinheiro, uma recusa, em si, das relações monetárias, pois a benção é algo divino, provido como missão; já o dinheiro é mundano, algo que não deve fazer parte de seus rituais.

3.3.4 Entre padres, médicos e estereótipos

Durante os dois primeiros capítulos desta pesquisa, empregamos discussões acerca da opressão fomentada pela Igreja Católica e medicina institucionalizada contra os saberes tradicionais e femininos, especificamente na modernidade e período colonial. Como estas mulheres se inserem nestas dinâmicas na contemporaneidade, principalmente ao considerarmos que todas possuem relações afetivas, de fé e credo no catolicismo, frequentando assiduamente a Igreja, acreditando fielmente nesta religião?

A Rezadeira Terezinha, que é uma mulher negra, afirma que já sofreu muito preconceito por ser rezadeira, mas não por parte de médicos ou padres, e sim por terceiros que não acreditavam em seu dom. É a entrevistada que mais afirma ter sofrido preconceito, sendo assimilada a uma bruxa, uma “catimbozeira”. Como ela explicita:

Muito! Já levei muito nome de bruxa, de catimbozeira, mas eu não me incomodo não, que eu não sou. Nem incomoda. Deus não disse que ia ser fácil. Você assumir sua missão de professora, dela de enfermeira [aponta para a irmã, que estava no cômodo ao lado], eu escolhi a oração. Ele não disse que ia ser fácil, Ele disse que ia ser possível. “Na vida tereis tribulações, mas eu estarei contigo.” Então... (Rezadeira Terezinha, 2024)

Sobre a intervenção médica, ela delimita seu espaço de intervenção, convicta que há aspectos da vida que o médico não cura, que a ciência não explica. Percebe-se uma oposição de sua fé, um âmbito só seu, onde apenas ela pode curar por meio da Palavra; e da ciência, algo que ela já não domina e por isso, é onde os médicos atuam. Assim:

Eu acho que, porque ele não tem o conhecimento da palavra de Deus, entendeu? Porque ele só acredita naquilo que a ciência mostra e tem tanta coisa nessa vida que a ciência não explica. (Rezadeira Terezinha, 2024)

Já para a rezadeira Luzia, a situação se torna mais complexa a partir de um relato que o médico encaminhou a enferma para as mãos de um rezador, já que a doença, erisipela, só poderia ser curada por meio da benção:

Eu rezo em todo mundo. Eu rezei daquela...daquela...como é? Erisipela, né? Que dá nos povos, que só fica boa com reza. Aquela [cita nome de conhecida], que deu num lado da cabeça, o médico disse “Eu vou passar o remédio pra estabilizar, mas procure rezador, porque se não rezar...” (Rezadeira Luzia, 2024)

Na contemporaneidade, a relação entre médicos e benzedoras se torna complexa, ora de conflito, seja direto ou indireto, como no caso de Terezinha, ora de cooperação, como no caso de Luzia, que o próprio médico encaminhou a mulher para seus cuidados. Se em certo momento da História, estas forças foram conflitantes e disputavam o campo do saber curativo, na atualidade ela se mostra bastante atenuada, embora ainda presente. Isto deve ao fato que as situações de atuação de rezadeiras e médicos estejam muito bem delimitadas, mas igualmente na percepção que as primeiras se encontram marginalizadas dentro da sociedade.

Outra instituição e sua relação com nossas colaboradoras que nos interessa discutir, é com a Igreja Católica. Esta discussão pareceu ser mais delicada, tomada como ponto sensível na hora das entrevistas, de forma muito receosa, três das rezadeiras não se alongaram nas respostas, apenas afirmando que fazem o bem, os padres não se incomodam com isto; Damiana relata que um padre até pediu para ser benzido. Terezinha, na narrativa a seguir, traz alguns aspectos que merecem ser evidenciados:

Tem padres e padres, né? Tem padre que às vezes acha, mas muitos padres não acham, porque eles sabem que é na gratuidade. Ninguém faz isso pra ganhar dinheiro. Eu não tenho culpa...eu tô...eu tô fazendo o que? Eu tô pescando almas pra Deus. (Rezadeira Terezinha, 2024)

Assim, para ela, a benzeção não incomoda a maioria dos padres, já que é feito na gratuidade; ou seja, não está sendo utilizado o nome de Deus para se ganhar dinheiro. Além disso, ela evidencia uma característica de extrema importância para a Igreja: a maneira como as rezadeiras são uma rede católica, atraindo fiéis para a instituição. Fazendo parte do catolicismo popular, elas formam uma base e elo entre a Igreja e as camadas mais populares, que muitas vezes se vêem distantes das palavras cultas dos clérigos. Falam de Deus, de amor, de perdão, na mesma linguagem que os demais, pois fazem parte deste universo. Na contemporaneidade, a Igreja Católica passa a necessitar destas mulheres, mesmo que não reconheçam isto.

Retomando a questão do preconceito por parte da sociedade, nas vivências de Luzia, também residente da zona urbana, ela afirma que passou por muitas situações de preconceito, sendo chamada pejorativamente de macumbeira:

Demais! [Assente bastante]. Às vezes dizem assim, gente mesmo daqui, né? Diz “Eu não gosto muito de rezadeira não, porque pra mim, toda rezadeira é macumbeira”, mas não é não! Eu nem sei o que é macumba, Deus sabe que eu não sei, sei de jeito nenhum, passa nem pela minha cabeça. Aí mãe que me

ensinou a reza e eu rezo, pessoal acha que serve, né? Eu não sei de nada. [Risos]. (Rezadeira Luzia, 2024)

Eis, aqui, uma das principais divergências entre nossas colaboradoras da zona rural e da zona urbana: o preconceito. As rezadeiras da zona urbana afirmaram ter sofrido preconceito, sendo chamadas de bruxas, catimbozeiras, macumbeiras; isto demonstra que embora o conflito entre rezadeiras e a Igreja/Medicina esteja atenuado, a presença destas instituições na zona urbana pode ter contribuído para a fomentação dos discursos pejorativos. Já as da zona rural não demonstraram, nem explicitaram algo relacionado, e a nossa hipótese é que isto deriva-se do distanciamento das instituições citadas.

Oliveira (1985) pode nos elucidar sobre tal diferença de percepção, pois afirma que na cidade a benção compete com outros agentes, como médicos e padres, assim, sofre uma gama de preconceito maior. Já no campo, ela é o acalento mais próximo e tem aura de respeito, pois o espaço de atuação físico é menor. Tal argumento se justifica, quando as entrevistadas da zona rural explicitam que não há posto de saúde na região que moram, nem Igrejas, o que demonstra a pouca força destes agentes no meio que vivem. Dessa forma, as disputas que elaboramos e discutimos ao longo desta pesquisa ainda se faz presente, mas de maneira mais branda do que em épocas anteriores.

3.3.5 Da perpetuação da reza e das transformações na contemporaneidade

Apesar da presença destes agentes conflitantes na zona urbana, os conselhos, palavras, orações, terços e ramos das rezadeiras ainda são bastante procurados pela população. Tal cenário não é diferente nos “sítios”, pois os relatos destas mulheres evidenciam uma grande procura, afirmando que há dias que suas casas estão cheias. Considerando esta grande necessidade da benção, pois se há procura, há necessidade e crença na eficácia, como este dom está sendo perpetuado para as próximas gerações?

Os relatos de nossas entrevistadas demonstram que, na realidade, não está. Nenhuma destas mulheres ensinou para alguém que ativamente tornou-se uma rezadeira ou rezador, abrindo a possibilidade para uma futura supressão destas práticas. Apenas Damiana afirmou que ensinou para alguém, mas esta pessoa sempre voltava a procurá-la, pois não lembrava, já que a reza era passada de forma oral. A justificativa que Terezinha deu para o não-ensinamento foi que ninguém nunca havia se interessado e a procurado, bem como Fátima, já Luzia e Damiana revelam questões de cunho mais pessoal.

Luzia afirma que as rezas só podem ser passadas para alguém quando ela não quiser mais realizar benzimentos, se não, sua oração perde forças: “Porque quebra as forças, só quando a gente não quiser mais rezar, aí você passa pra outra pessoa, ou da família, ou outra pessoa que quiser.” (Rezadeira Luzia, 2024). Nos relatos de Terezinha e Luzia, elas não diferenciam o gênero do aprendiz, pode ser homem ou mulher, em contraponto, Damiana e Fátima defendem uma “reza-cruzada”.

Para Santos (2009) a reza-cruzada consiste na crença que o ensinamento só pode ser feito de homem para mulher, ou de mulher para homem, se não, as orações “perdem as forças”. Este tipo de tradição é visto com mais afincamento por Damiana e Fátima que afirmam: “Não, não pode. Porque tem que ser de homem pra mulher e de mulher pra homem.” (Rezadeira Fátima, 2024) e “Eu ensino mais pra homem. De mulher pra mulher, quebra a força da oração e a mulher ensina ao homem, para o homem passar pra outra mulher.” (Rezadeira Damiana, 2024).

Este é outro aspecto que diferencia a atuação das rezadeiras da zona urbana e da zona rural de Cajazeiras, já que a reza-cruzada não é vista da mesma maneira para Terezinha e Luzia, que não acreditam na importância do gênero:

Por exemplo, tem uma oração que é a Força do Credo, os mais velhos recomendavam passar de homem pra mulher e de mulher pra homem, nunca pra pessoa do mesmo sexo, pra não enfraquecer, mas eu já penso diferente. Porque eu acredito, assim, se você tá rezando e tem fé, Deus não quer saber quem é, quer saber do que você tá plantando em alguém. Porque se for pra fazer o bem e evitar qualquer mal... (Rezadeira Terezinha, 2024)

Demonstra-se que no campo, os saberes mantêm-se mais atrelados a uma tradição, uma crença “dos mais velhos”, segundo Terezinha, enquanto na cidade, o ofício passa por transformações a fim de adequar-se aos seus cotidianos. Isto não significa, de forma alguma, que a benção na zona rural não sofra alterações, pois elas são de suma importância para a presença e adequação nos mais variados contextos e situações.

No relato de Fátima, denota-se que a pandemia de COVID -19, que ocorreu entre os anos de 2020 e 2022, foi um momento de grande procura, no qual as pessoas viviam em sua casa, mesmo com as restrições, pois precisavam do acalento da reza em um momento de dor, morte e medo. Mas outros aspectos demonstram as transformações da reza, como a “reza à distância”. Todas as rezadeiras entrevistadas nesta pesquisa afirmam realizar tal tipo de benzimento.

Ele consiste, no geral, em mandar a foto e o nome da pessoa enferma para rezar via telefone celular, e a benzedeira utiliza o registro como guia. Benze, assim, pessoas que estão a quilômetros de distância, utilizando a tela do próprio celular. Estas mulheres, assim, continuam alterando suas realidades e cotidianos, adaptando-se aos interlúdios contemporâneos, praticando seus dons e missão. Quando questionada sobre tal tipo de benzeção, Terezinha afirma:

Deus é onisciente e onipotente, tá em todo canto. O invoque, com fé e confiança, interceda por alguém. Você vê direto o Padre Reginaldo, lá em Curitiba, no programa dele o povo dá testemunho. Então, a oração não tem fronteira, não tem parede, não tem divisão, não tem nada. Tem Deus. (Rezadeira Terezinha, 2024)

Assim, as benzedeadas mostram-se como mulheres que resistem, não apenas a dominação eclesial, ao sistema capitalista, aos médicos, mas do próprio tempo, das transformações sociais que lhes são impostas; resistem, assim, ao possível fim de suas práticas, conhecimentos e saberes. O que será deste ofício no futuro? Preocupação esta que atinge também Assis (2024). Nós, historiadores, não prevemos, infelizmente, não há sonhos proféticos que nos guiem, apenas uma esperança de que sensibilidades tão profundas não se percam no redemoinho do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou historicizar e analisar as memórias e vivências das benzedeadas situadas no município de Cajazeiras, Paraíba, na contemporaneidade. Dessa forma, procurou-se contribuir para uma historiografia sertaneja e paraibana relacionada aos vários agentes de cura nos sertões brasileiros, mas especialmente às sujeitas atuantes neste campo. Ainda são muito raras as pesquisas que dialoguem com o corpo, cura, saberes ancestrais e conhecimentos femininos, salvo alguns trabalhos referenciados. Dessa forma, visamos colaborar com as pesquisas de Assis (2022), Santos (2019) e Duarte (2013) para analisar a miríade compositora das práticas do benzer na Paraíba Sertaneja.

Dialogar, em si, não é repetir o que já foi produzido, mas vislumbrar novos aspectos que possam transpassar o ofício das senhoras rezadeiras, respeitando as abordagens anteriormente realizadas. Assim o que motivou esta pesquisa, no sentido singular, foi a percepção que a grande maioria das pessoas que realizam a benzeção são mulheres. Esta assimilação guiou toda a produção deste trabalho, bem como as entrevistas realizadas e a escolha das colaboradoras, sendo exclusivamente do sexo feminino.

Dessa maneira, na primeira parte, localizamos tal pesquisa no Campo da História Cultural e buscamos no Brasil-Colonial a origem destas práticas, relacionando-as com uma medicina feminina, cunhada na cozinha e no quintal, utilizando conhecimentos e boticas indígenas e africanas para curar querelas que atingiam a população, especialmente mulheres. Assim, percebeu-se que a benzeção nasce como uma maneira de resistência ao projeto colonizador propagado pelo Estado e pela Igreja, sofrendo perseguições. Ademais, também surge no horizonte brasileiro uma medicina emergente, criando um campo de disputas do saber do corpo. Relacionando orações católicas, ramos, terços e outros signos de seu campo de atuação, estas mulheres foram pejorativamente assimiladas à feiticeiras e bruxas.

Por esta correlação, inspirando-se nas visões de Câmara (2016), Federici (2017) e Foucault (1987), analisamos no segundo capítulo como o sistema capitalista expropria mulheres de conhecimentos sobre o próprio corpo, a fim que perpetuem uma submissão ao patriarcado e a reprodução. Esta sessão, em específico, demonstra os conflitos entre Estado, economia e Igreja, que por meio do mecanismo de “caça às bruxas” também permitiu a colonização das Américas. As rezadeiras, durante o período colonial, dispunham de um aparato de ervas, objetos, palavras e orações que se destinavam ao auxílio de mães, jovens e esposas para lidarem com questões de seu cotidiano, como relacionamentos, maternidade etc. Com o surgimento dos

médicos, estas mulheres passam a ser lidas como bruxas e posteriormente, como supersticiosas e ignorantes.

Já na terceira sessão, amparadas pelas discussões empregadas de cunho mais teórico, nos debruçamos sobre a metodologia empregada, a da História Oral, como uma maneira de estudar as memórias e práticas de sujeitas que por muito tempo foram excluídas dos estudos historiográficos. Posterior a isto, localizamos o espaço que estas mulheres se inserem, o de Cajazeiras, no Alto Sertão Paraibano e entendemos a inserção deste estudo em uma História dos Sertões, visando ampliar o que se compreende enquanto sertão e distanciar-se de um lugar marcado pela seca, fome e tradição.

Nossas colaboradoras, em realidade, demonstram que sua prática é sim, geracional e demonstram o teor tradicional, mas evidenciam de forma mais acentuada a resistência ao tempo, a adaptação às necessidades de quem as procura e as transformações que seus rituais possuem para inserir-se no meio digital.

Terezinha, Luzia, Damiana e Fátima são mulheres sertanejas, mães, avós, solteiras, casadas, separadas. Elas demonstram a pluralidade feminina no sertão, as trajetórias diversas que formam suas identidades, sua fé, sua benzeção. Em suas narrativas percebe-se que passaram por percalços na vida, mas nunca perderam a crença no amor e no perdão, bem como sempre acreditaram no serviço de auxílio que prestavam. Seu dom, como chamam, foi fecundado em seio familiar, principalmente em figuras femininas, como suas próprias mães, avós, tias e madrinhas.

Este tipo de percepção denota que a prática mantém-se sendo algo relacionado ao universo das mulheres, principalmente ao considerarmos que os rezados são crianças, levadas pelas mães ou que o objetivo de “aprender a rezar” tenha sido, em muitas vezes, fomentado pelo desejo de rezar nos próprios filhos. Dessa forma, reiteramos que a benzeção, apesar de ser praticada por homens, é um ofício feminino e tal aspecto deve ser destacado.

Ademais, a característica religiosa se faz presente por meio das orações católicas, da frequência assídua dessas mulheres nas missas, dos Santos invocados e nas imagens que permeiam suas casas, bem como no fato de sempre afirmarem que são servas de Deus. Seus rituais, em muito, derivam daí, os ramos e terços usados, as simbologias, o momento de retribuição, não a elas, mas a Igreja.

Adentra-se no quesito que estas pessoas, na atualidade, formam redes de cooperação com o catolicismo, apesar de praticarem um viés popular da religião, não atendo-se exclusivamente às regras oficiais desta. Seu ofício, assim, é visto como uma maneira de propagação dos credos católicos, sendo necessário e requisitado. Por outro viés, há uma relação mais evidente de oposição à medicina, onde as rezadeiras delimitam seu espaço de atuação e suas querelas próprias, caracterizando o que é de médico e o que é de benzedeira. Apesar disso, os relatos de Luzia demonstram que este tipo de percepção também se apresenta nos doutores.

Estas relações descritas, principalmente com a medicina, podem estar atreladas ao fato que os médicos curam em troca de dinheiro, enquanto o dom da benzeção é feito de forma totalmente gratuita. Assim, elas se opõem a este tipo de prática e as relações capitalistas guiadas pelo caráter monetário.

Quanto às diferenciações entre as benzedeiros da zona urbana e zona rural, as divergências são mais marcantes em relação ao preconceito, algo que as do campo não relataram sofrer, enquanto as da cidade sim. Atramos este fato a presença mais marcante da Igreja e da Medicina na cidade, que embora não disputem e oprimam estas mulheres diretamente, fomentaram discursos que ainda estão presentes na população. Já na zona rural elas são a alternativa mais próxima (tanto espacialmente quanto emocionalmente) e por isso, a mais respeitadas. Outro fato que evidencia as dessemelhanças entre estes locais é o da reza-cruzada, uma crença muito tradicional dentro do universo da benzeção, mais presente nas mulheres rurais.

Tal concepção não limita, de maneira alguma, as transformações e adaptações que estas idosas fizeram para continuar auxiliando os enfermos: a reza a distância, por ligação ou pela foto no próprio aparelho celular demonstram a grande resistência aos revezes do tempo que possuem, sempre na busca de, mesmo distante, prestar acalento, mas sem abandonar os ramos e as orações que lhes caracterizam.

A benzeção, assim, resiste ao redemoinho das tecnologias e da presença institucionalizada da medicina. Se apresentam como uma alternativa próxima, espiritual e corporal, para quem as procura, pelos mais diversos motivos. Lamentavelmente, estes saberes que remetem a nossa gênese enquanto brasileiros, importante símbolo da cultura imaterial, parecem não estar sendo perpassados à próxima geração. Contudo, surge a esperança de que as rezadeiras continuem com seu ofício, mesmo de forma diferente da que conhecemos hoje, pois elas representam um saber não se submete às ordens capitalistas, mas vislumbra uma realidade

repleta de caridade e amor ao próximo. Retratam um contingente de mulheres que em diferentes lugares e diferentes tempos transmutaram suas realidades, mesmo que inseridas em dinâmicas que buscavam as oprimir.

Enfim, que estudo nos permita olhar com carinho, respeito e solidariedade às mulheres na História, e que instigue novas perspectivas acerca da História das Mulheres.

FONTES ORAIS

REZADEIRA TEREZINHA. Entrevista de história oral concedida à autora em sua residência, outubro de 2024. Zona urbana.

REZADEIRA LUZIA. Entrevista de história oral concedida à autora em sua residência, outubro de 2024. Zona urbana.

REZADEIRA DAMIANA. Entrevista de história oral concedida à autora em sua residência, outubro de 2024. Zona rural.

REZADEIRA FÁTIMA. Entrevista de história oral concedida à autora em sua residência, outubro de 2024. Zona rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 83, 2003.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3^o ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. **Revista Observatório Itaú Cultural**, v. 25, p. 21-35, 2019.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da História Oral**. 8^o ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ASSIS, Roberto Ramon Queiroz de. **“Com dois te botaram com três te retiro”**: as práticas educativas da reza e da cura no sertão paraibano (final do século XX início do XXI). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, p.176. 2022.

BARROS, José D.'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **TEXTOS DE HISTÓRIA Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.**, v. 11, n. 1-2, p. 145-172, 2003.

BARROS, Jonabio de Souza. **Fé e resistências: movimento evangélico, rompimentos e formação de novas igrejas em Cajazeiras (1999-2011)**. TCC (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras- Paraíba, p. 125, 2017.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

_____. A nova história, seu passado e seu futuro. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. CAJAZEIRAS. O município. Prefeitura Municipal de Cajazeiras. Disponível em: <https://www.cajazeiras.pb.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 08 out. 2024.

CÂMARA, Yls Rabelo. Das Bruxas, Saladoras, Santeiras, Cuspideiras e Meigas Europeias às Atuais Rezadeiras Tradicionais Brasileiras. **Caminhos**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 502-514, 2020.

CÂMARA, Yls Rabelo; FIUZA FIALHO, Lia Machado. O papel sanitário das rezadeiras brasileiras outrora e agora: ressignificações e continuidades. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, n. 59, p. 1-19, out./dez. 2021.

CÂMARA, Yls Rabelo; MINGO, Carlos Sanz; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo. Das bruxas medievais às benzedoras atuais: a oralidade como manutenção da memória na arte de curar-uma pesquisa exploratória. **Boitatá**, v. 11, n. 22, p. 231-236, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1982.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, M. (Org). **História das mulheres no Brasil**. 10. eDamianaão Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. **Histórias da gente brasileira: Volume 1 - Colônia**. Rio de Janeiro, Leya, 2016.

DUARTE, Mauricio Parnaíba. **As rezadeiras e os rezadores de Santa Helena – PB (1950-2013)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2014.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

_____. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. **Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Elefante, 2023.

FERNANDES, Gonçalves. **O folclore mágico do Nordeste: usos, costumes crenças & ofícios mágicos das populações nordestinas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A Editora, 1938.

FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular: Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney. MARQUES, Vera Regina Beltrão. SAMPAIO, Gabriela dos Reis. SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003. p. 101-122.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 169-186, 2012.

FLORES, Rodrigo Musto. Memória e história oral: as interações entre a história escrita e a história vivida. **Intellèctus**, v. 21, n. 1, p. 248-263, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Janierk Pereira de. *et al.* Religiões afro brasileiras estudo de caso do candomblé em Cajazeiras PB. **Dimensões**, [S. l.], v. 31, p. 205-217, 17 out. 2013.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUIMARÃES, Cecília Severo. Mulher: corpo incivilizado – A crítica feminista marxista de Silvia Federici à Michel Foucault. *In: XVIII Semana Acadêmica da Filosofia PUCRS*, 2018, Porto Alegre. **XVIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS**, 2018, v.1. p.131-145.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Editora Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Cajazeiras – Panorama. 2022. Disponível em: < [IBGE | Cidades@ | Paraíba | Cajazeiras | Panorama](#) >. Acesso em: 07 de out. de 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Amostra - Religião. 2012. Disponível em: <[IBGE | Cidades@ | Paraíba | Cajazeiras | Pesquisa | Censo 2010 | Amostra - Religião](#)>. Acesso em 09 de out. de 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. IBGE, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro : IBGE, 2017.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. (Org.) História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: FGV*, p. 31-45, 2000.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura**. Recife: UFPE, 2017.

MELO, Luziene da Silva Ferreira. “Ele enviou a sua palavra e os livrou da morte”: **As práticas de cura das rezadeiras em Lavras da Mangabeira-CE, 1960 - 2020**. TCC (Licenciatura em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras - PB, p. 121. 2021.

MELO, Mariana Palácio. LIMA, Thalyta de Paula Pereira. “Feiticeiras do sertão”: Um estudo das práticas de benzer na Paraíba sertaneja. *In: ASSIS, Roberto Ramon Queiroz. (Org.) Pensar os sertões: história, cultura e sensibilidades*. Campina Grande, PB: Amplla, 2024.

MENEZES, Yslany Moreira de. **Rezadores de Umari -CE: Entre a tradição e a fé (1970 - 2015)**. TCC (Licenciatura em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras - PB, p. 111. 2016.

NASCIMENTO, Estelina. Souto do; MEDINA, Ana Maria Vaz de Assis.; TEIXEIRA, Cláudia Dias de Lacerda. O corpo da mulher no período colonial: algumas reflexões. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, [S. l.], v. 2, n. 1, 1998.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. **Politeia**, Vitória da Conquista, v.3, n.1, p. 153-162, 2003.

_____. Sertão recôndito, polissêmico e controvertido. In: KURRY, Lorelai Brilhante (org.). **Sertões adentro**: viagens nas caatingas séculos XVI a XIX. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson, 2012.

OLEGÁRIO, Amanda Martins. CASSEB, Kalil Campos. **O poder da feitiçaria: a utilização das práticas mágico religiosas como forma de resistência ao modelo colonial durante a visitação do Santo Ofício no estado do Grão-Pará e Maranhão (1763-1769)**. TCC (Licenciatura em História). Faculdade Integrada Brasil Amazônia, Belém. P. 53. 2019.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PIMENTA, Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALHOUB, Sidney. MARQUES, Vera Regina Beltrão. SAMPAIO, Gabriela dos Reis. SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003. p. 307-330.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A Ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de Psicanálise**. São Paulo: EDUSC, 1999.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, p. 81-91, 1995.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. Entre a cura e a cruz: Jesuítas e pajés no Novo Mundo. In: CHALHOUB, Sidney. MARQUES, Vera Regina Beltrão. SAMPAIO, Gabriela dos Reis. SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003. p. 231-272.

RUSSELL, Jeffrey B. ALEXANDER, Brooks. **A história da bruxaria: feitiçarias, hereges e pagãos**. 2ª e Damianaão Paulo: Goya. 2019.

SANTOS, Lucas Roza dos. **“Em meio a tantos agravos rezava-se, e muito”**: As rezadeiras e suas práticas de reza e curas na comunidade rural de Caldeirão, São José De Piranhas – PB de 1984 a 2018. TCC (Licenciatura em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras - PB, p. 95. 2019.

SANTOS, Evandro dos. Ensaio sobre a diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e “velhas” epistemologias. **Saeculum - Revista de História**, João Pessoa, v. 24, n. 41, p. 441-452, 2019.

SILVA, Luisa Stella de Oliveira Coutinho. O saber médico e o corpo das mulheres no Brasil colonial: a tradição médica da metrópole na Capitania da Paraíba. **IBEROAMERICANA. América Latina-España-Portugal**, v. 19, n. 71, p. 145-172, 2019.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. Editora Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Ricardo Luiz de. O catolicismo popular e a Igreja: conflitos e interações. **História Unisinos**, vol. 12, n. 2, maio-agosto, 2008, p. 127-139, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866836005>

SURIS, Andreia. **Um olhar sobre as mulheres acusadas de feitiçaria pela terceira visitaçã do Santo Ofício na América Portuguesa (Grão-Pará, 1763-1769)**. TCC (Licenciatura em História). Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 64.2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PORTELA, Bruna Marina. Carambolas ou artes diabólicas? As mulheres e a feitiçaria na sociedade colonial do século XVIII. In: HILTON, Costa. *et al.* **Tecendo as suas vidas: As mulheres na América Portuguesa**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2017, p. 207-227.

ANEXOS

Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCEG

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **“AS FEITICEIRAS DO SERTÃO”: DAS ARTES DE CURA E DAS VIVÊNCIAS DAS REZADEIRAS NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS-PB NA CONTEMPORANEIDADE**, coordenado pelo professor **THALYTA DE PAULA PEREIRA LIMA** e vinculado à **UNIDADE ACADÊMICA DA ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE DE CAJAZEIRAS (ETSC) no CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CFP) da UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCEG)**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo historicizar as memórias e práticas das rezadeiras da zona urbana e da zona rural do município de Cajazeiras - PB na contemporaneidade, identificando as formas de manutenção do ofício, além de relacioná-lo com um saber especialmente feminino que foi sendo apropriado ao longo do tempo.

Ademais, este trabalho justifica-se pois o estudo tem por base a análise de narrativas historicamente marginalizadas como é o caso desse substrato social que ainda é pouco reconhecido enquanto importante símbolo da cultura imaterial brasileira; a pesquisa também ganha notoriedade, já que visa prosseguir com as novas possibilidades de investigação acerca dos saberes sertanejos, mas especialmente os saberes femininos que por muito tempo foram apropriados e perseguidos. Assim, além de cultura e religiosidade popular, trabalha-se igualmente questões de gênero. Dessa maneira, a sua execução pode trazer ganhos para a comunidade acadêmica pela possibilidade de publicação dos resultados e pode proporcionar um importante diálogo entre a área de humanidades e a área da saúde por conter temáticas as entrelaçam.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: realização de uma entrevista semiestruturada com questões norteadoras sobre suas práticas e memórias acerca do ofício de benzer, e, se possível, à observação da realização dos rituais. Se for consentido, a entrevista será realizada mediante gravação de áudio e/ou anotações.

Os possíveis riscos envolvidos com sua participação são mínimos, já que não é um procedimento invasivo, entretanto os questionamentos podem infligir constrangimento e talvez desconforto, pois relacionam-se com suas experiências de vida. Caso venha a ocorrer, a entrevista será interrompida e continuada em momento oportuno, se for de sua preferência.

Dessa forma, os benefícios da pesquisa serão a preservação da memória e dos ritos característicos do benzer, a contribuição para a comunidade acadêmica regional e a colaboração na visibilidade de agentes que foram marginalizados ao longo da história.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências da resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a THALYTA DE PAULA PEREIRA LIMA, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro - CEP/HUAC/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa**Nome: Thalyta de Paula Pereira Lima****Instituição: Universidade Federal de Campina Grande****Endereço Pessoal: Rua Francisca Fernandes Claudino, 500, Centro, Cajazeiras-PB****Endereço Profissional: R. Pedro Carlos de Moraes - Lot. Jose Bonifacio de Moura, Cajazeiras - PB, 58900-000****Horário disponível: 2^a-6^a 8:00-12:00/14:00-18:00****Telefone: (83) 99997-3775****Email: thalyta.paula@professor.ufcg.edu.br****Dados do CEP****Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro - CEP/HUAC/UFCG, situado na rua Dr. Carlos Chagas, s/n, Bairro São José, Campina Grande- PB; CEP 58400-328****E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br/ huaccep@gmail.com.****Telefone: (83) 2101-5545.**

como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo estudo

Anexo B: Questionário semiestruturado.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFPG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO - HUAC

**QUESTIONÁRIO**

1. Qual foi o primeiro contato ou lembrança que tem de uma rezadeira?
2. Como e quando começou a rezar?
3. Ainda há muitas pessoas atualmente que vem para serem “rezadas”?
4. Quais são as doenças/ problemas mais comuns que as pessoas se queixam?
5. Quais são os procedimentos nestes casos?
6. Quais são os santos que intercedem nestes casos?
7. Utiliza plantas? Se sim, quais?
8. De onde são as pessoas que lhe procuram?
9. Encontrou algum tipo de preconceito/dificuldade ao longo do ofício como rezadeira?
10. Já ensinou as rezas para alguém? Alguém já lhe procurou com esse propósito?
11. É feito algum tipo de retribuição pela reza? Seja de forma monetária ou outros?
12. O que é ser uma rezadeira para você?

Anexo C: Transcrição da entrevista realizada com a Rezadeira Terezinha em 03/10/2024, na residência da voluntária do estudo. Zona urbana. Duração: 47 minutos.

Referência da pesquisadora: M. P.

Referência da entrevistada: Terezinha

M.P: TEREZINHA, como é que a senhora aprendeu a rezar?

TEREZINHA: Aprendi com minha mãe...minha avó...minhas tia-avó. Eram pessoas religiosa, que tinha uma vida espiritual muito devotada à Deus. E eu aprendi muito pequena, muitas rezas eu aprendi muito pequena e eu acho, assim, Mariana, que as pessoas não escolhem ser, elas são escolhidas pra ser, pra exercer uma missão. Porque eu era muito pequena...o meu...as minhas irmãs, os outros irmãos também eram pequenos, mas se a minha mãe dissesse assim “Minha filha, não faça isso, porque você magoa o coração de Deus”. Era o suficiente para eu parar, então eu não tinha o entendimento do que era Deus...de quem era verdadeiramente Deus, mas eu tinha aquilo no...no meu coração aquele zelo, mesmo sem entender! Então por isso, que eu acho assim, que não é você que escolhe, você é escolhida. Eu...eu...nu...eu nunca achei que um dia, eu fo...eu pudesse fazer ou ser luz na vida de alguém como eu fui e pretendo continuar sendo, porque é muito gratificante você rezar por uma pessoa, você rezar naquela pessoa e depois a pessoa voltar pra você e dizer assim “Ô, a senhora salvou minha vida!” e eu não salvei vida de ninguém, porque eu não tenho esse poder, mas eu fui um instrumento nas mãos de Deus pra ser luz na vida daquela pessoa...e muita gente pode querer ser, mas não consegue ser, né? E aquilo daí, é... sabe qual é o meu maior salário? É o sorriso daquela pessoa, é você me dizer que mudou a sua vida por uma palavra que eu disse. É eu chegar na Igreja e ver você de volta á casa do Pai. É eu chegar na Igreja e ver você na fila da comunhão, porque aceitou a confissão, entendeu? Pronto, esse é o meu maior pagamento! Nunca impus as mãos em ninguém, nunca aconselhei ninguém, nunca fiz nada pensando em ganhar nada financeiramente, um presente, nada, nada. Quando eu vejo uma pessoa chegar na minha porta ou me encontrar em algum lugar e dizer “Ó mulher, foi Deus que te botou aqui, foi Deus quem me mandou pra aqui”, eu esqueço tudo! A minha alegria é poder ajudar, com uma palavra...Muitas vezes, minha fiá, as pessoas só precisam ser ouvidas...e ter a certeza que tem alguém que reza nelas, reza por elas, desinteressadamente. Porque muitas pessoas eu rezo, eu nem conheço pessoalmente, estão em São Paulo, “tão” em outro país, “tão” em outro estado, longe de mim...eu nem conheço pessoalmente e as pessoas diz “A senhora mudou minha vida!”. Hoje uma mulher “teve” aqui de manhã e disse “Desde que eu conheci a senhora, que na minha vida é só bençãos.”. Não sou eu. Eu digo “Não, minha filha, é pela graça de Deus”. Eu apenas sou aquela formiguinha que trabalha pro Reino de Deus acontecer. Quantas almas se perdem? Quantas pessoas se desviam do caminho de Nosso Senhor? Por falta de um ouvido pra lhe ouvir? Por falta de um olhar? Um sorriso? E não é com briga! Não é com... Eu preciso ouvir você sem lhe criticar. Quem sou eu? Eu não sou juiz nem de mim mesmo. O justo juiz é Deus. Então, se...a... aquela pessoa quem vem pra você aflita, desesperada, achando que tá tudo perdido, ela não precisa de um julgamento, ela precisa de carinho. Uma palavra carinhosa, afetuosa, de fé! Que mostre a ela, o possível a gente faz, o impossível é com Deus e pra Ele, nada é impossível, nada! Olhe, minha filha, não tem situação que Deus não mude, não tem! Basta a gente acreditar e confiar. Ter fé,

num é... não se dev... uma fé sem obras é uma fé morta. Eu digo “Eu tenho fé em Deus! Eu vou pra Igreja, eu vou pra isso, faço aquilo”. Não precisa você fazer propaganda do que você faz, Deus sabe. Deus sabe. Então, o importante é isso aí. Servir a Deus, fazer o bem, sem olhar a quem. E não importa a quem. Do jeito que eu lhe recebo, eu recebo um presidiário que acabou de sair da cadeia. Não é competência minha julgá-lo, mas se ele tá precisando ser ouvido, é meu dever cristão, antes de mais nada, e pela fé que eu tenho, por eu viver de oração, isso me dá prazer, porque muitas vezes aquela pessoa caiu naquele buraco, mas todo mundo tem o direito de recomeçar. E pode recomeçar diferente, e as vezes uma palavra faz você encontrar o seu caminho. E é isso que tá faltando na humanidade hoje: a capacidade de amar, de ouvir. As pessoas têm necessidade de Deus, porque eles...eles...as pessoas se apegaram muito as coisas materiais, as coisas visuais, por exemplo, ói, eu vou passando nessa...você vai...vai passando uma pessoa nessa rua, bem-vestida, mas atrás vem um malvestido, sujo...a maioria das pessoas dá atenção à quem?

M.P: A quem tá bem-vestido...

TEREZINHA: Pois é! E as vezes aquele bandido tá bem-vestido! Tá um... um leão disfarçado em pele de cordeiro e o pobrezinho lá, que ninguém quis olhar...é o que é um servo de Deus. Tá vendo como são as coisas? Por isso que Jesus disse...Santa Terezinha diz em seus escritos “Um copo d’água dado com amor pode ser motivo de salvação”. A humildade, a humildade. Eu lendo esses dias o diário de Santa Faustina, na história dela tem uma parte que iam fazer um...uma...uma...uma cerimônia à Santa Terezinha com as rosas. Aí uma das irmãs perguntou “A rosa...”, a madre superior, né? “A rosa de Santa Faustina...”, que ela ainda não era chamada de, não era Santa ainda, era, ela...ela se santificou ainda viva, aí disse “Nam, a dela? Essas rosas murchas, só...pra ela, basta uma rosa murcha pronta pra botar no...no lixo.” Ah, essa...essa irmã que pediu a rosa pra levar pra ela ficou muito sentida. Quando chegou, que disse a ela, sabe o que foi que ela falou? “As rosas estando bem fresquinhas ou murchas, são de Deus. Não importa como nós estejamos, Deus nos ama de qualquer jeito.” É humildade, não é não? Ela não se magoou. Se pensaram...Fizeram pensando que tavam ferindo ela, ela se sobressaiu. E não é verdade? Deus não ama você só quando você tá toda bonita, toda de bem com a vida, toda feliz, não...Ele ama você todo o tempo, o tempo todo. Nós...Deus não se afasta de nós, nós é que nos afastamos Dele. Por ignorância, muitas vezes por desespero, muitas vezes pela dor, pelo sofrimento, a gente na dor, muitas vezes acha que Deus abandonou e Deus não abandona ninguém, mesmo naquela dor. E nem castiga. Mas as vezes Ele permite que as coisas nos aconteçam. Por quê? Porque muitas vezes, quando nós estamos em qualquer obstáculo, sofrimento, provação, nós aprendemos a trabalhar, alimentar a nossa fé. Nos aproximamos mais de Deus. Ele curou dez leprosos, quem voltou para agradecer? Um! [Mostra-me o dedo indicador]. Tá vendo? Mas na dor, os dez foram buscar Jesus, a cura. Mas só um voltou pra agradecer.

M.P: Pode continuar? [Entrevistada assente]. **TEREZINHA,** eu queria voltar um pouco para quando a senhora aprendeu com a mãe da senhora, com a avó da senhora. Quais são as memórias que a senhora tem delas rezando?

TEREZINHA: Rezando muito! Muito, muito...

M.P: A senhora era de...? De onde?

TEREZINHA: Poço Zé de Moura. Sou de lá, filha natural de lá.

M.P: Viveu a vida toda lá?

TEREZINHA: Vivi! Porque nós nunca saímos definitivamente de lá. Ainda hoje nós temos residência lá, nós vamos para lá, vamos para a nossa casa, entendeu? A gente vinha porque tinha que imigrar pra estudar, mas as férias a gente estava lá. E minha mãe foi...trabalhou com finado Zé de Moura. Que foi tocado por São Geraldo e... a partir desse dia, ele mudou de vida completamente e viveu só pra rezar e ele tinha o dom da cura. A minha mãe também tinha. Tipo, de uma pessoa tá... pedir uma oração e dizer que...que ficou boa, que se curou pela sua oração. Como muita gente já disse também comigo, é porque eu não digo. Tô dizendo a você, porque é um trabalho seu, é uma entrevista, porque Nosso Senhor diz “Faz com a mão direito que a esquerda não saiba”, né? Então...aí eu aprendi muitas rezas, mas não tem uma oração mais forte do que a que o senhor nos ensinou, basta que a gente faça com fé. E muita gente acha que reza um pai-nosso, uma ave-maria e rezou muito. Cê tem noção quantos terços eu rezo por dia?

M.P: Quantos?

TEREZINHA: Eu perco a conta! [Dá uma risada] Porque se eu acordar de noite, pronto, eu não tava bem de saúde, se eu acordar dez vezes, são dez terços que eu rezo. Às vezes eu não termino o último, adormeço..., mas adormeço com a conta na mão, entendeu? E...e... minha mãe...Mariana, é uma coisa assim, tão, tão incrível, que Deus vai colocando em você as orações, você começa a rezar numa pessoa, quando você se dá conta, você tá rezando o que você nem mesmo você se dá conta. É uma coisa sobrenatural mesmo! Uma coisa sobrenatural...Uma coisa assim...

M.P: Aí a senhora lembra como é que ela rezava? Era com a mão? Era com o terço?

TEREZINHA: Com a mão dela, com o terço na mão. Terço na mão...terço na mão, o rosário. Mamãe não tirava o rosário do pescoço. Eu tiro, porque...dá muita coceira no meu pescoço, as vezes nem o escapulário eu uso, se for... porque coça, fica coçando o meu pescoço. Muitas vezes eu uso no sutiã, na alça do sutiã pendurado e as vezes tenho que tirar porque coça...Com o terço...Com a Bíblia...muitas vezes quando chegava uma pessoa muito agitada, possessa, mamãe pegava a Bíblia ou o livrinho dela de oração e...e... botava sobre a cabeça daquela pessoa e rezava.

M.P: Ela usava plantas?

TEREZINHA: Não, nunca usou.

M. P: Qual a diferença do jeito que a senhora reza pra o que ela rezava? Ou a senhora acha que é a mesma coisa?

TEREZINHA: Eu não sei te dizer a diferença porque muitas vezes você reza em silêncio.

M.P: É muito individual, né?

TEREZINHA: É, é muito individual. Eu só sei que antes dela morrer, ela me ensinou a Oração do Rosário da Imaculada Conceição, ela, minha avó também. Elas me ensinaram...de Santa Rita, o Ofício de Nossa Senhora, como você rezar pra na hora de uma aflição muito grande, as vezes você presencia cenas que podem terminar em tragédia, você rezar o Ofício de Nossa Senhora da Conceição, você...Como é que eu quero dizer... [Silêncio] O Rosário de Nossa Senhora, de Santa Rita, que é das causas perdidas, o Terço de São José, que é uma oração exorcista, o Terço de São José. É... você diz assim “Glorioso São José, em todas as suas aflições, o anjo não vos valeu? Valei-me, São José!”. Você sabia que São José todas as revelações eram feitas, ele dormindo, durante o sono? Quando foi pra... pra... ele sair com Maria e o menino Jesus do Egito até fugir, pro rei não matar, quando ele quis abandonar Maria pra não...pra ela não ser condenada à morte...Jesus acordou ele, mandou o anjo, disse a ele que podia voltar que ela não tinha sido desonesta com ele, aí ele disse “Como foi que ela engravidou?”, porque imagina! Homem nenhum aceita uma coisa dessas e naqueles tempos remotos? A mulher era condenada a ser... a morrer apedrejada até a morte e foi tudo assim... Elas me ensinaram, ó, naquele tempo, minha avó era analfabeta, não sabia ler, nem escrever.

M.P: Então foi tudo feito oralmente?

TEREZINHA: Oralmente. De cabeça!

M.P: Nada escrito?

M. J: Nada escrito. Ela me botava pra decorar aquilo dali, minha mãe...minha mãe também. Quando foi perto dela morrer, ela foi, chegou aí no santuário [apontou para o quarto, onde realizava seus benzimentos e continha um santuário de madeira], ela disse assim “Aqui é meu...meu...” É assim, uma espécie de fortaleza, onde ela guarda... o oratório dela. Aí disse “Ói, essa é a sua verdadeira herança. Cuide de todos aqueles que lhe procurarem.”

[Entrevista é interrompida brevemente pela irmã da entrevistada que chega na residência]

M. J: Uma criança que tá com...com desinteria, os mais velhos chamam ventre-caído. As vezes a criança fica só fazendo...vomitando e fazendo cocô muito verde. Ali foi um medo, ventre caído, a gente reza. E tudo isso é a fé. É.

M. P: TEREZINHA, quando a senhora reza, a senhora se sente mais próxima dela? Quando a senhora tá rezando nas pessoas?

M. J: Da minha mãe? [Entrevistadora assente]. Sinto! Por incrível que pareça, é uma sintonia dela e da minha avó. Eu sinto sim.

M. P: Ainda há muitas pessoas que vem para serem rezadas?

M. J: Tem, minha filha! Tem semana que...eu agradeço a Deus toda hora, porque eu nunca fico só...nunca fico só e sei que posso ajudar alguém.

M.P: A senhora acha que tem mais mulheres ou homens? Ou a senhora nunca percebeu isso?

TEREZINHA: Vem muito homem também, muito homem, muito homem.

M.P: Mas vem mais mulheres?

TEREZINHA: Vem mais mulher, mas vem muito homem também. Tem muitos homens que vem, por exemplo, ói, que hoje voltou pra Igreja...Já veio gente aqui pra eu rezar que tava numa situação muito difícil, fazia vinte e dois anos que não se confessava e hoje se confessou, se tiver em Cajazeiras, não perde a missa dos domingos, tipo assim, de tirar foto e mandar pra mim [Risos]. Ainda tem muita gente que é grato.

M.P: A senhora disse que tem gente de fora que pede pra senhora rezar por eles.

TEREZINHA: Tem!

M. P: Como é que a senhora faz pra rezar por eles? A reza não precisa tá junto?

TEREZINHA: Não.

M.P: Não precisa ser presencial?

TEREZINHA: Deus é onisciente e onipotente, tá em todo canto. O invoque, com fé e confiança, interceda por alguém. Você vê direto o Padre Reginaldo, lá em Curitiba, no programa dele o povo dá testemunho. Então, a oração não tem fronteira, não tem parede, não tem divisão, não tem nada. Tem Deus.

M.P: Aí como é que a senhora faz nesses casos que as pessoas estão longe?

TEREZINHA: Rezo! Rezo por elas.

M.P: Precisa de alguma coisa?

TEREZINHA: Do nome. O nome. Seu nome de batismo. Tem que ser o nome de batismo.

M.P: Não precisa ter foto?

TEREZINHA: Se quiser, pode. [Risos]

M.P: E aí quais são as principais coisas que as pessoas vem pra se queixar pra senhora?

TEREZINHA: É uma tristeza profunda, tudo dando errado. Tipo assim... Até das lâmpadas de casa queimar tudinho, entendeu? Sair queimando lâmpada, aparelho...Perturbação mesmo, inveja que o povo tem demais, começa...é... desespero, dívidas, as pessoas vão se perdendo nas suas vidas, se afastam de Deus e quando dá fé tão num buraco bem grande. Ói, você diz assim “Fulano é ateu”, não...ser ateu é a ausência de Deus, eu me afasto de Deus...Muita gente diz assim...” Ah, tá bom, já fui na missa uma vez” Eu...eu...eu...Fulano, ói...ói, Mariana, nós...nosso sinal de pertença à Deus é o batismo, a partir daquela hora do batismo, você confirma na vida espiritual que você pertence à Cristo. Você é um batizado, todo batizado é chamado a ser missionário. Então, você é um batizado, mas você num quer...num quer...cumprir as regras. Quer desobedecer a Deus, quer fazer de todo jeito e acha assim, que Deus...Deus não vai perdoar? Eu posso. Ele perdoar hoje, eu fazer amanhã, do mesmo jeito ou pior. Mas não é assim que a banda toca. Todo pecado tem consequências, não é castigo. O tributo do pecado é a morte, não é só morrer simplesmente. Morrer pra vida. Tudo dando errado na sua vida, não progride, nada dá certo e você não entende o porquê. Eu só peço e nada dou. Venha a nós o vosso reino e nada de retribuir?

M.P: TEREZINHA, aí quando as pessoas vêm para serem rezadas pela senhora. Como é que a senhora faz? Só conversa, usa o terço, usa a mão?

TEREZINHA: Uso terço, uso a mão, levo ali pra aquele cantinho [aponta para o quarto com santuário], sento em frente ao Santo, mando fazer o sinal da cruz e rezo. Muitas vezes, primeiro a pessoa diz assim “Eu vim procurar a senhora porque eu to...to muito aflita. Eu to com isso, com aquilo”, entendeu? Aí eu vou pra ali, pois vamos pra eu rezar em você. “Eu vim pra senhora rezar em mim, pelo amor de Deus, reze em mim. Eu to em tempo de enlouquecer”, quando eu termino de rezar, a pessoa diz assim “A senhora tirou, assim, um peso, um peso tão grande de cima de mim”.

M.P: Aí a senhora usa o terço aqui [entrevistadora aponta pra testa]?

TEREZINHA: Uso o terço.

M. P: Em quais regiões?

TEREZINHA: [faz o sinal da Santa Cruz, apontando para a testa, centro do peito, ombro esquerdo e ombro direito] Ói, onde tá o sinal da cruz. Chega gente aqui pra eu rezar, Mariana, que não sabe mais fazer o Sinal da Cruz, o Pelo-Sinal não sabe, adulto! Não sabe.

M.P: Aí a senhora pede intercessão de quais Santos?

TEREZINHA: Em primeiro lugar, tudo que pedires ao Pai em nome de Jesus, ele vo lhe concederá. Pedi e vos será dado, batei e a porta se abrirá, busca e acharai, não é assim que ele diz? Na Bíblia? Pronto. Nossa Senhora, pediu a mãe, o filho atende! E onde foi que você viu, na história da Igreja, Jesus negar nada à Nossa Senhora e a São José? Não tem, em nenhuma narrativa, tem? Então pronto. Sou muito devota também de São Geraldo...Todos os Santos, porque eles foram servidores e ainda hoje a sua história continua sendo usada à serviço de Deus.

M.P: A senhora encontrou algum tipo de preconceito?

TEREZINHA: Muito! Já levei muito nome de bruxa, de catimbozeira, mas eu não me incomodo não, que eu não sou. Nem incomoda. Deus não disse que ia ser fácil. Você assumir sua missão de professora, dela de enfermeira [aponta para a irmã, que estava no cômodo ao lado], eu escolhi a oração. Ele não disse que ia ser fácil, Ele disse que ia ser possível. “Na vida tereis tribulações, mas eu estarei contigo.” Então...

M.P: Alguém já lhe procurou pra senhora ensinar as rezas?

TEREZINHA: Não, ninguém nunca me procurou.

M.P: E a senhora também nunca teve...?

TEREZINHA: Não, não...Se for a hora, Deus vai e ilumina e diz a você e a quem você vai passar...ensinar...

M.P: TEREZINHA, tem algumas pessoas acham que... que só pode passar de mulher pra homem e de homem pra mulher.

TEREZINHA: É, tem oração que só se deve fazer assim. Tem oração que só se deve fazer assim.

M.P: Por quê?

TEREZINHA: Porque...pra não quebrar a força. Por exemplo, tem uma oração que é a Força do Credo, os mais velhos recomendavam passar de homem pra mulher e de mulher pra homem, nunca pra pessoa do mesmo sexo, pra não enfraquecer, mas eu já penso diferente. Porque eu acredito, assim, se você tá rezando e tem fé, Deus não quer saber quem é, quer saber do que você tá plantando em alguém. Porque se for pra fazer o bem e evitar qualquer mal...

M.P: A senhora já disse que não, mas eu vou voltar um pouquinho pra isso. As pessoas retribuem de forma monetária, com dinheiro?

TEREZINHA: Olhe, uma mulher, uma vez, de Recife, ela ligou pra mim, ligou não sei quantas vezes e disse assim “TEREZINHA, não importa quanto seja, eu tenho dinheiro, eu posso pagar”, só que eu não tava em casa nessa época, nesse dia que ela ligou pra mim insistentemente, eu tava viajando, não podia nem atender o telefone porque você não pode certas coisas na frente de ninguém, né? Porque eu tenho que responder de acordo com o que eu escuto. Aí eu disse “Minha filha, não se trata de dinheiro, eu não vendo o que eu rezo”. Jesus disse “Dá de graça, o que de graça recebeste”. A oração é dom de Deus, eu não posso fazer dela um comércio. Agora, a gratidão tá no coração de quem quiser ter, porque se Deus curou dez leprosos, um voltou para agradecer, pode andar mil pessoas aqui, às vezes, um! Um volta e é grato o resto da vida e quer sempre lhe gratificar com alguma coisa, seja com um vestido, seja com uma blusa, alguma coisa, não é verdade? Aí isso aí é um presente, não tá me pagando, eu não cobre, nem quero. “Quanto é, TEREZINHA? Que a senhora reza?” Nam, quanto foi que Jesus cobrou pra morrer na cruz por você? Minha filha, no dia que você for na casa de uma pessoa que reza e ela cobrar, não é de Deus. Não é de Deus. Às vezes, você vai na casa de uma pessoa, que é um missionário, e ele diz assim “Deixe uma contribuição”, não é pra ele, as vezes é pra manter uma obra que ele tem, de caridade, as vezes é pra fazer cesta básica pra quem precisa, mas não é pra ele. No dia que uma pessoa disser assim “É tanto!”, aquela reza não é de Deus. Deus não mandou...Ele disse “Dá de graça, o que de graça recebeste”. Isso é dom de Deus. Se você usar um dom que Deus lhe deu gratuitamente errado, você perde. E perde a sua salvação também.

M.P: Só mais algumas agora [Risos].

TEREZINHA: Pode perguntar!

M.P: O que é ser uma rezadeira pra senhora?

TEREZINHA: É um servidor de Deus. É um servo de Deus que foi escolhido. Eu jamais podia imaginar que eu fosse, mesmo desde eu pequena gostar da oração. Aí um dia eu tava muito doente, em São Paulo, no Instituto do Coração, neste dia eu tava até lá. Aí tinha um frade lá, um frei, que era um sacerdote que fazia o atendimento a gente, toda semana ele confessava os doentes, dava a comunhão...E ele disse assim “Você...”, eles não acreditavam que eu não era formada, que eu não fazia faculdade, aí eu disse “Não, frei, se eu pu...eu queria muito fazer

medicina, ser médica para atender aos pobres, eu tenho um verdadeiro fascínio pra ajudar quem precisa”, aí ele foi e disse assim “Talvez Deus não te queira médico do corpo, te queira médica da alma”. Eu nunca esqueci essas palavras. Aí um dia Frei Damião também disse que eu não ia ser médica do corpo, ia ser médica da alma. Hoje eu entendo... as pessoas veem aflitas e depois fica dizendo “Aí, TEREZINHA, minha vida nunca mais foi a mesma, hoje eu tenho paz, hoje eu tenho alegria, hoje eu entendo quando as coisas me acontecem. De primeira, eu sempre achava que era uma punição de Deus, eu ficava achando que Deus tava me castigando, que Deus tinha esquecido de mim” Aí eu digo, olhe, tá vendo aí? Você ajudou uma alma ferida. O perdão...olhe, Mariana, o perdão é curativo. Curativo, minha filha. Cê sabe qual é o primeiro mandamento com promessa no Antigo Testamento? Honra teu pai e tua mãe, não importa quem eles sejam, você não tem o pai e mãe que você quer, você tem quem você tem, quem você foi designado a ter. Então, é seu dever honrar e amar, e cuidar deles na velhice. O filho que faz isso, ele tem até quinze anos de vida acrescentado. Tiver uma doença grave, Deus adormece essa doença. O que as pessoas precisavam era ler mais o Evangelho, ler mais a Bíblia, estudar, meditar, sobre ela, sobre a vida dos Santos, que renunciaram o mundo pra seguir Jesus. O mundo tem muita coisa fascinante e você renunciar tudo isso para seguir Jesus, tem que amar. Tem que amar. E o único amor que lhe dá paz. Ói, não é que a gente que queira ... escolheu seguir Nosso Senhor com todas as letras, não sofre, sofre. Mas nós passamos pelas atribuições diferente daqueles que tão longe dEle, que passa angustiado, atribulado, entendeu como é? Culmando o mundo, tentando achar um culpado pras coisas que tá acontecendo, aí quando não acha ninguém, culpa Deus. Quantas vezes você não ouviu dizer...uma pessoa dizer assim “Por que Deus fez isso? Tirou minha mãe, tirou meu filho”, não é? E todo mundo sabe que ninguém veio aqui pra ficar. Nós somos peregrinos nessa vida, estamos aqui de passagem, nossa verdadeira morada não é aqui, mas ninguém quer aceitar. As pessoas nem gosta de falar! Nem gostam de falar. Ói, São Francisco era filho de pais ricos e São Francisco saiu do tribunal nu! Até a roupa que ele estava vestindo, ele devolveu pro pai dele. Porque o pai dele era um homem muito hostil, sem caridade.

M.P: A senhora tinha falado sobre como a senhora se considera uma médica da alma, né? Que a senhora queria muito ser uma médica do corpo, mas hoje a senhora entende que é uma médica da alma, né?

TEREZINHA: É, eu sou aquela formiguinha que trabalha pra ajudar as pessoas entender que a vida não é só essa daqui, essa daqui é uma preparação pra nossa vida eterna. Temos que preparar nossa alma, nosso coração. Temos que aprender a amar, a perdoar. O perdão é... é uma decisão, mas é uma...uma...uma conquista diária. Você tem que trabalhar isso. Senhor, dai-me a graça do perdão e de aprender a perdoar. Sozinho, a gente não vai conseguir, sem a ajuda de Deus. Porque não é fácil o perdão, não é. Nunca guarde, minha filha, olhe...o rancor, a mágoa, o ressentimento é um veneno que você toma todos os dias. A pessoa por quem você tem aquela mágoa, aquele ressentimento, não sente nada, quem se envenena é você e magoa Jesus, que não merece.

M.P: Aí, TEREZINHA, tem muitos médicos que acham que as rezadeiras querem tomar o lugar dele.

TEREZINHA: [Risos] tem nada a ver, né? Tem nada a ver.

M.P: E o que a senhora acha disso?

TEREZINHA: Eu acho que, porque ele não tem o conhecimento da palavra de Deus, entendeu? Porque ele só acredita naquilo que a ciência mostra e tem tanta coisa nessa vida que a ciência não explica. Ói, tem muitos médicos aí que já...já...já... se conscientizou que as pessoas que se aproximam mais de Deus, que...que... tão doentes e que rezam, e que a família cuida em coração, é...se recupera mais rápido. Passa pelo tratamento até de um câncer. Ainda hoje uma mulher tava dando o testemunho, que fez o tratamento, não teve nenhum efeito colateral, fez quimioterapia e o cabelo não caiu! E a médica disse que não tinha explicação, mas ela disse “Eu tenho, doutora, isso aqui foi a mão poderosa de Jesus”. Olhe, tá vendo? Quer dizer, ela nem sofrendo, ela se desesperou e achou que Deus tinha abandonado. Então, como é que a pessoa que reza tá tomando o lugar do médico, hein? Cada um no seu quadrado. Eu cuido da parte espiritual e você cuida da material, não é verdade? Eu nunca vou num centro cirúrgico fazer uma cirurgia, mas ele pode hoje em dia nem saber mais rezar o Pai-Nosso, nem fazer o Pelo-Sinal, não é? São duas coisas distintamente diferentes, mas elas duas juntas, é uma fortaleza. Eu tenho um amigo que ele não entra no centro cirúrgico pra operar, sem antes ele rezar. Que ele disse...ele disse e um dia um menino novo veio aqui, médico, aí eu disse “Meu filho, olhe, você um dia vai se deparar muitas vezes com situações que você vai dizer ‘Meu Deus, e agora? O que eu faço?’ Não tenha medo, Deus disse a Pedro, diz a mim, diz a você, não tenhais medo. Diga ‘Senhor, se o senhor tivesse no meu lugar, o que faria?’ Não se preocupe que Ele vai mostrar o que você vai fazer e você vai acertar. Não tente se Deus, nunca tente ser Deus, seja apenas um médico.” Deus dá ao médico, um enfermeiro, uma missão muito bonita. Com suas mãos você pode salvar alguém! Com uma palavra! Você sai de um consultório médico, um médico gentil, que lhe atende bem, que fala...lhe consulta olhando pra você, sem tá com nojo de você, sem tá com medo, você já melhora antes de tomar o remédio, não é verdade? Já sai do consultório melhor! Agora chega um médico não quer nem olhar pra você, levanta nem a vista, entrega a consulta a você, eu num vou tomar esse remédio não! Nem prestou atenção no que eu falei! Tô mentindo? E tem muitos!

M.P: TEREZINHA, a senhora é muito participante da Igreja, né?

TEREZINHA: Sou! E não sou mais porque as minhas condições físicas muitas vezes não permite. Por exemplo, agora eu tô sem ir por causa da minha perna.

M.P: E o que a senhora acha que os padres pensam das rezadeiras? A senhora acha que eles veem de um jeito positivo ou de um jeito negativo?

TEREZINHA: Tem padres e padres, né? Tem padre que às vezes acha, mas muitos padres não acham, porque eles sabem que é na gratuidade. Ninguém faz isso pra ganhar dinheiro. Eu não tenho culpa...eu tô...eu tô fazendo o que? Eu tô pescando almas pra Deus. Na hora que eu dou um conselho, que a pessoa sai daqui diferente, que muda de vida, de mal pra melhor... Essa pessoa vai querer se afastar de Deus mais? Não, porque ela já viveu uma experiência dura, ela não vai querer voltar. Não vai. Uma pessoa que tenta suicídio... as pessoas não querem verdadeiramente se matar, todo mundo tem medo da morte. As pessoas querem acabar com

aquele sofrimento, e as vezes, muitas vezes, muitas dessas pessoas não encontraram no seu caminho alguém disposto a lhe ouvir, a lhe encorajar. A mostrar a vida, como realmente é, não só tem tristezas, tem muita coisa boa. Eu não posso responder pelos padres [risos], mas posso responder por mim mesma. E respeito, são pessoas unidas de Deus, que nós devemos respeitar e cuidar deles, hein? Nós temos o dever cristã, a comunidade de cuidar do seu pároco.

M.P: A senhora quer dizer mais alguma coisa?

TEREZINHA: Quero dizer a você, que é uma menina jovem, como você, ter o interesse de fazer o seu TCC falando da oração, isso não é falando no que eu faço, no que eu sirvo, como eu sirvo a Deus, isso aí você tá falando do nosso Deus pras pessoas. É dEle que você tá falando, isso é uma graça, minha filha, é uma benção, Deus ter suscitado no seu coração essa vontade e você aceitou. Você disse “Sim, senhor, eu estou aqui, eu vou fazer”, porque tinha muitos outras temas que você podia ter escolhido e tem mais outra coisa, escolher pessoas leigas, que não são doutoras da Igreja, de nada, pra falar de Deus. Eu peço a Deus que abençoe sua vida, sua carreira e me sinto honrada pela oportunidade de participar do seu TCC, de falar de Deus pras pessoas! Se eu pudesse, eu gritava ao mundo inteiro, quem verdadeiramente é Deus. Porque hoje nós vivemos em um mundo tão capitalista, que as pessoas falam de todo assunto em voz alta, mas quando falam de Deus, falam em voz baixa, como se tivesse vergonha daquele que lhe deu a vida. Daquele que pagou com seu sangue, a nossa redenção! Deu a vida por nós, ao preço do seu preciosíssimo sangue e muita gente tem vergonha de falar de Jesus, fala em voz baixa. E muitas vezes na minha vida, eu paro, me paro, me pego pensando e dizendo assim “Meu Senhor e meu Deus, quem sou eu? Tão pequena? Pra servir...pra ser soldada sua? Quem sou eu tão pequena, para merecer tamanha graça, tanto amor por mim?” Então tudo que eu fizer é pouco, pra falar de Deus, pra levar Deus até as pessoas, pra fazer com que elas conheçam Deus, fazer com que as pessoas se apaixonem pela oração...a oração, Mariana, faz você assim...se transpor assim, tipo, por exemplo, as vezes eu tô aí onde [apontando e dizendo o nome da irmã] tá, rezando, a pessoa chama e eu não escuto. É como se eu não tivesse ali, de tão mergulhada eu tô...

[Entrevista novamente interrompida brevemente pela irmã estar saindo da residência]

M.P: Acho que era isso, TEREZINHA. Eu agradeço demais pelas palavras da senhora, é sempre uma honra conversar com a senhora e lhe escutar!

TEREZINHA: Eu que agradeço, minha filha...Eu nasci e me criei em um lugar que foi, a criação dele foi a partir da religiosidade, porque o finado Zé de Moura, ele teve uma visão com São Geraldo e a partir daí, ele mudou de vida. Abandonou todo o trabalho pra rezar e pra... unguir as pessoas, ser motivo de cura. Eu vi minha mãe e ele rezar em pessoas que chegavam lá louco amarrado, e eles rezavam... “Solte, pode soltar, não vai correr” e correndo, quatro, cinco homens pra segurar um louco e rezar e a pessoa sair calmo, calmo, não se lembrar nem que um dia teve doente. Vi muito isso! Muito...Agora você tem que, se você escolheu viver assim, sua vida tem que ser um testemunho vivo, eu não posso dizer a você que é assim e viver completamente diferente, uma vida deslocada, não, de jeito nenhum. Mas mesmo assim, quem é assim, Mariana, quem escolhe viver como eu vivi, eu tive uma experiência de quase morte, um coma, você se... você vê você fora do seu corpo, aí você fica assim, você se transforma,

cada dia mais, quanto mais você conhece Jesus e quanto mais você conhece a vida de oração, mais você se apaixonou. Mais quer você quer seguir, mais você quer servir. Tanto é, que quantos dos Santos doaram sua vida, não negaram a vida, muitos deles.

M.P: Mais alguma coisa, TEREZINHA?

TEREZINHA: Não...acho que não...se eu esqueci alguma coisa, você diz.

M.P: Não! Foi tudo maravilhoso. Eu agradeço novamente, TEREZINHA, pela disponibilidade e pelas palavras.

[Após a realização da entrevista, a rezadeira benzeu a entrevistadora]

Anexo D: Transcrição da entrevista realizada com a Rezadeira Luzia em 07/10/2024, na residência da voluntária do estudo. Zona urbana. Duração: 24 minutos.

Referência da pesquisadora: M. P.

Referência da entrevistada: Luzia.

M.P: LUZIA, eu queria saber um pouco, primeiro, sobre a senhora. A senhora sempre foi daqui? [Referindo-se a Cajazeiras]

LUZIA: Sim.

M.P: A senhora é casada? Tem filhos?

LUZIA: Casada [mostra a aliança], tenho seis filhos, três mulher e três homem. É... e quatro mora aqui e dois em São Paulo, são empregado lá. Uma veio agora, passou um mês comigo e veio embora e é assim...

M.P: Então a senhora sempre aqui em Cajazeiras, nunca foi pra outro lugar e nasceu aqui?

LUZIA: Sim, foi sim...Eu nasci num sítio, mas no município de Cajazeiras, né?

M.P: Foi qual sítio que a senhora nasceu?

LUZIA: É... Boavista, sítio Boavista, foi... Aí morei, quando era solteira, morava aqui, aí depois me casei, fui morar num sítio, passei trinta anos morando lá e depois voltei pra cá.

M.P: E faz quanto tempo que a senhora tá morando aqui?

LUZIA: Uns dezesseis anos já.

M.P: Qual a primeira lembrança que a senhora tem de uma rezadeira?

LUZIA: Da minha mãe.

M.P: Da mãe da senhora? A mãe da senhora rezava?

LUZIA: Rezava...

M.P: Conta um pouquinho sobre ela pra mim.

LUZIA: Mãe rezava, as pessoas tinham uma fé, sabe? Chegava com as crianças bem doentinha, aí quando saía as crianças já... a fé que cura, né? Porque não adianta a gente vir...você vir pra rezar e não ter fé, porque sempre é a fé que cura. Tem gente que chega aqui com criança, que já tem ido pra hospital, já tem ido pra se internar, passa dois, três dias internado e vem pra rezar e quando sai, a criança já acha com uma melhora e disse que quando chega lá, dorme bastante, quando acorda tá melhor e as vezes nem vem mais rezar, porque já...uma reza só...Porque... Até porque quando Jesus andava no mundo que ele curava, ele só curava uma vez, né? Não ia curar...é... ficar curando, voltando pra curar ninguém, né? Curava só uma vez e a reza, eu acho que que tem fé é assim também.

M.P: Aí a mãe da senhora rezava só em criança ou rezava em adulto também?

LUZIA: Rezava em todo mundo!

M.P: Como é que ela rezava? Era com ramo? Terço?

LUZIA: Era com ramo...com rosário... Ela usava o rosário...que o terço é um, o rosário é outro, né? O rosário tem dez mistérios e o terço só tem cinco.

M.P: Ah, então ela rezava com o rosário.

LUZIA: Era...quando não tinha ramo, ela usava o rosário, mas ela gostava mais assim, de rezar nas sexta-feira e nas segunda com pinhão-roxo, que disse que é muito bom.

M.P: Por que nas sextas e nas segundas? Tem alguma explicação?

LUZIA: ... Disse que são os dias melhor pra reza. Mas eu rezo todo dia, só não gosto de rezar de noite, depois de seis horas...não é muito bom não.

M.P: E a senhora? A senhora com ela aprendeu a rezar, então?

LUZIA: Foi, mãe que me ensinou. Quando ela tava bem doentinha, ela me ensinou, “Minha fia, reze, você tem tanto do menino, criança, mora no sítio, é difícil gente pra rezar. Aprenda a rezar” e ela me ensinou.

M.P: Então foi por causa dos filhos da senhora que a senhora começou a rezar?

LUZIA: Foi sim, por causa deles.

M.P: Então foi um dom que foi passado da sua mãe pra senhora. [Entrevistada assente] A senhora tinha quantos anos, mais ou menos quando começou a rezar?

LUZIA: Setenta e...cinco.

M.P: Não foi desde pequena? Porque, assim, tem muita gente que diz que reza desde pequena...

LUZIA: Não, quando eu comecei a rezar, eu tinha o que? Uns sessenta e oito, por aí. No tempo que mãe morreu, né? Aí eu fiquei, né? Aí depois...eu nem...ela me ensinou, mas eu rezava nos meus menino, e nunca rezei em gente de fora não. Aí...tinha uma senhorinha ali [aponta para a rua], que tava internada, com um pé...Ia cortar a perna, aí ela veio para casa, para depois voltar para lá, aí ela mandou a mulher ali vizinha dela “Minha filha, arranje uma pessoa pra rezar em mim”, a primeira pessoa que quando eu cheguei aqui, que eu rezei nela. Aí ela disse “Mulher, eu num... por aqui eu não sei não, tem lá no Cristo, mas acho que num... ela não vem não, que já é velhinha”, aí ela chegou aqui “LUZIA, mulher, tu reza?”, digo “Rezo, as vezes rezo nos meus menino”, aí ela disse “Vá rezar em...na minha vizinha ali, mulher, que ela veio do hospital, o médico mandou ela pra...pra ela se recuperar” porque já tava com muitos dias que tava internada, né? Aí ela chamou, aí eu fui. Cheguei lá, eu rezei, o pé dela muito inchado, já com aquelas bolhas...ia cortar, né? O pé, que ela era diabética e aí...ela disse “Ó, minha fia, eu rezo!”, ela rezava, mas a reza não serve pra gente, só serve pros outros...Aí ela disse “Ô, minha fia, reze, eu...eu rezo, mas minha reza não serve, se eu arranjasse uma pessoa que rezasse no meu pé, eu não...eu não ia cortar meu pé. Eu sei que eu, com a fé que eu tenho em reza, eu ficava boa”. Aí eu rezei, fiquei rezando nela, de vez em quando eu ia lá rezar...eu sei que ela disse que

a primeira vez que eu rezei, dormiu a noite todinha e o pé foi desinchando, e foi aquelas bolha foi se acabando...e eu sei que ela morreu de problema de coração, mas a perna não foi mais pro hospital cortar, nem nada.

M.P: Ela ficou com a perna boa até morrer?

LUZIA: Até morrer...porque ela já tinha...ela morava no sítio, no Gadelha, aí foi simbora pra lá, depois ficou boa do pé, mas ela botava [uma pessoa cumprimentou a entrevistada da calçada] ... ela me botava das nuvens pra baixo, porque disse que agradecia muito a Deus e a eu, que tinha rezada nela, aí eu digo “Nam, pois foi Deus, porque eu não sei de nada!” [Risos]

M.P: Então foi a partir daí que a senhora começou a rezar em outras pessoas?

LUZIA: Foi sim...aí as pessoas vêm, reza, tem gente que chega com umas crianças e diz “Ó, meu fi tá com uns três idas que não come, não se alimenta, já fui...já foi pro hospital e o médico diz que ele não tem nada e eu não sei”, aí sei que eu rezo e os meninos diz “Eu quero comida!” e eu digo “Ah, meu fi, pois...” [Risos], aí a mãe deles diz “Ah, pois a gente vai já pra casa” e assim vai...

M.P: Então ainda há muitas pessoas que vêm para serem rezadas?

LUZIA: Vem! De vez em quando aparece.

M.P: São mais crianças ou adultos?

LUZIA: Mais criança, né?

M.P: Se queixando de quê?

LUZIA: Se queixando que tá com febre, que dá febre, né, também? Quando você bota um...um mau-olhado grande mesmo, que fica sem comer, vômito, é... não fica...fica sem dormir, fica enjoadinho, fica sem dormir...Aí quando reza, eles dormem e as mulheres diz “Menina...”, tinha uma senhora que veio de São Paulo aí esses dias, tá com bem um mês, aí a filha dela já grande, com mais dez anos...ela disse que foram pra um sítio e lá, minha filha, o povo se admiraram da menina, que ela é...ela é bem forte, parece ter assim, quinze anos, né? Aí ela disse que a menina ficou só dormindo, só dormindo, sem querer comer, sem nada, sem se alimentar...Aí ela, ela...Chegou vó dela aqui “Ó LUZIA, a senhora sabe quem reza?”, aí eu olhei pra ela, dei risada e disse “Eu!”, aí ela disse “Eu não acredito!” [Risos], aí eu disse “Rezo!”, aí ela “Ó mulher, reze na minha neta”, aí eu rezei nela, aí ela, era umas dez horas, aí ela disse que ela foi pra casa, sei que a menina agarrou num sono, quando veio acordar, foi três horas pra almoçar. Ela disse “Ó mulher, a menina quase não acordava”, aí eu disse “Porque ela tava sem dormir, né?”, ela disse que era um sono assim... meio doido, que acordava e... e dormia e acordava, sem ser um sono profundo. Aí eu sei que dormiu, disse que acordou, ficou boazinha. Ela é de São Paulo, ela manda é muita mensagem pra mim, falando.

M.P: Aí só tem o mau-olhado que as pessoas vêm, ou tem outras coisas também?

LUZIA: Eu rezo em todo mundo. Eu rezei daquela...daquela...como é? Erisipela, né? Que dá nos povos, que só fica boa com reza. Aquela [cita nome de conhecida], que deu num lado da

cabeça, o médico disse “Eu vou passar o remédio pra estabilizar, mas procure rezador, porque se não rezar...”

M.P: O médico mesmo que disse pra procurar rezador?

LUZIA: O médico mandou. Aí ela veio pra aqui, foi lá pra outra rezadeira, lá no Divinópolis, que tem uma mulher que reza lá...Em Marizópolis... pra acolá! Foi pro lado acolá de Boqueirão, aí ficou eu indo pra lá rezar. Minha fia, era coisa feia, feia mesmo no pescoço dela, um lado todinho. O doutor disse “Se emendar, tem jeito mais não... Você procure rezador, porque eu vou passar remédio pra estabilizar a doença” porque tava tomando o corpo dela, “mas só tira o mal vermelho com reza”. Ela disse que nem uma mosca sentava, que ela não aguentava! Mas ficou boa.

M.P: Aí tem o mau-olhado, erisipela...Pra o que mais a senhora reza?

LUZIA: Ventre-caído...criança que tem susto, né? Peito-aberto também...

M.P: Aí como é que a senhora faz? Pra cada um tem um jeito diferente de rezar?

LUZIA: É, cada um tem um jeito.

M.P: E como é em cada caso?

LUZIA: Você reza o Creio em Deus Pai, a Salve Rainha, o Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria e oferece as Cinco Chagas do Nosso Senhor Jesus Cristo e pede pra aquela doença afastar e a pessoa ficar bom.

M.P: A senhora faz essas mesmas rezas pra todos os casos?

M.P: É, a gente falando na doença, ela basta.

M.P: Aí a senhora usa ramo? [Entrevistada assente] por que o raminho?

LUZIA: Porque o ramo, tem deles que fica murcho que seca, né? Se tiver, o ramo fica bem murchinho e outros que não tem, não fica. Tem gente que diz que só com aquele movimento [faz o sinal do Pai, Filho e Espírito Santo no ar, como se estivesse segurando o ramo] de balançar, tipo fazendo uma cruz, mas não é não, que tem deles que você reza o tempo da reza todinha e ele não murcha, fica do mesmo jeito e o outro, se tiver as coisas, pega e eu só rezo com três folhinhas...três ramos e uma na mão pra não pegar pra gente.

M.P: Pra não passar pra senhora?

LUZIA: É, pra não passar pra mim nada, nem doença nenhuma.

M.P: Aí tem que ser verdinho o ramo? [Entrevistada assente] é por que ele absorve?

LUZIA: É sim.

M.P: A senhora usa plantas, outra coisa?

LUZIA: Só...pinhão...ninho...

M.P: A senhora passa chá? [Entrevistada nega] usa o rosário igual sua mãe?

LUZIA: O terço! [Risos]

M.P: A senhora pede intercessão de algum Santo? [Entrevistada assente] De quem?

LUZIA: Das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

M.P: As pessoas que procuram a senhora são todas aqui de Cajazeiras? Ou tem gente de fora?

LUZIA: É a maioria daqui, dos sítios...Teve a de São Paulo, a minha irmã que tem um neto que quando ele tá doente, ela manda a foto dele e eu rezo nele.

M.P: Ah, não precisa estar junto da senhora pra acontecer a reza?

LUZIA: Não! Só mandar a foto no celular.

M.P: Aí a senhora faz a mesma coisa dos ramos?

LUZIA: É!

M.P: Aí precisa das fotos...

LUZIA: Precisa das fotos porque pra gente tá...benzendo na foto como se tivesse o pensamento naquela pessoa, né?

M.P: Precisa do nome da pessoa?

LUZIA: Precisa! Tem que ter o nome...principal é o nome da pessoa, pra pessoa pedir a intercessão tem que ter o nome da pessoa e a foto.

M.P: Aí pode ser no celular mesmo? A foto?

LUZIA: Pode! Se quiser mandar a sua... [Risos]

M.P: A senhora já encontrou algum tipo de preconceito? As pessoas já falaram algo?

LUZIA: Demais! [Assente bastante]. Às vezes dizem assim, gente mesmo daqui, né? Diz “Eu não gosto muito de rezadeira não, porque pra mim, toda rezadeira é macumbeira”, mas não é não! Eu nem sei o que é macumba, Deus sabe que eu não sei, sei de jeito nenhum, passa nem pela minha cabeça. Aí mãe que me ensinou a reza e eu rezo, pessoal acha que serve, né? Eu não sei de nada. [Risos]

M.P: Tem outra situação que a senhora sofreu preconceito? Algum tipo de coisa que lhe chamaram?

LUZIA: Só isso mesmo... “Toda rezadeira é macumbeira”, e eu disse “Eu não sei”, se for, eu não sou, não me coloque numa dessa que eu não sei fazer macumba. Mas essa pessoa já veio atrás de mim, e eu rezei sem olhar a quem. Porque é assim, quando Deus dá um dom a pessoa, porque...é... teve um rezador que ele olhou a minha mão, aí ele disse “A senhora tem poder de cura” ...Aí eu disse “Mas por que?” aí ele disse “Porque tem!”. Aí num dia, eu tava numa reza...num terço, né? Que o pessoal vai rezar. Aí tinha uma menina, tava na porta assim, a casa bem apertadinha, nós tava na porta, eu cheguei e fiquei na porta, ela já tava ajoelhada lá, eu não ajoelhei por causa do meu joelho que dói. Aí ela...tava na porta...ai era uma casa muito

carregada, desse povo que tem depressão tudo, aí [nome de conhecida] veio fazer uma oração lá, mulher, essa mulher de joelhos, tava perto de terminar a oração, ela recebeu uma coisa muito ruim, ela disse que de repente deu uma dor de cabeça nela, como se tivesse juntado assim [pressiona as duas mãos, uma em cada lado da própria cabeça] as duas bandas da cabeça dela, que ela disse que chega parecia que ia explodir. Aí ela disse...eu vi...eu tava na porta, eu inocente, ah! Aí eu tava na porta, ela ajoelhada e eu em pé, ela disse, minha filha, que veio um...que acho que pegou ela, porque ficar na porta é ruim, né? Não pode rezar com gente assim [aponta para a porta da sala, que dava para sua calçada e estava seu esposo sentado] porque pega pra você.

M.P: Quer dizer, que quem estiver na porta, enquanto a senhora tá rezando, quem tiver ali na calçada, pode pegar?

LUZIA: Pode pegar! Se tiver com o corpo aberto, principalmente, né? Aí ela disse que...aí ela fez assim [Pressiona a própria mão no topo da cabeça], “Aí Jesus, dor de cabeça, de repente”, aí eu disse “O que foi, mulher?”, botei a mão na cabeça dela [Imita o que está descrevendo com a entrevistadora] e aí ela disse “Ai, mulher, deu um arroxco tão grande na minha cabeça agora, parece que ia abrindo minha cabeça, mas passou”, aí a [quem estava rezando] ficou “O que foi?”, ela disse “Mulher, foi um...não sei não o que foi, um negócio tão ruim na minha cabeça, mas LUZIA quando botou a mão assim...”, que eu disse “O que foi, mulher?”, aí ela com as duas mãos na cabeça, aí eu peguei e botei minhas mãos, né? Aí ela disse assim... Aí [nome de quem estava rezando] disse assim “Sabe o que é? É que ela tem...ela tem poder de cura”, aí eu me lembrei do que o vêi já tinha dito. Aí eu disse “Eu não sei de nada não”, aí ela disse “Mas é”, na época...É, você que sabe, é Deus quem dá o dom da cura à pessoa, sei que essa mulher tem a maior fé, essa mulher, né? Ano passado ela veio pra mim rezar...Era daquelas que tava tão ruim...tão ruim que era negócio de o corpo só dá pra se deitar, não tinha animo pra nada, mas aí se curou.

M.P: LUZIA, a senhora falou sobre o corpo aberto, né? Que se a pessoa tiver com o corpo aberto, é mais fácil pegar as coisas. A senhora pode explicar pra mim o que é o corpo aberto? É quando a pessoa tá desprotegida?

LUZIA: É... Tem gente que já nasce com o corpo aberto, né? E mesmo quem não tenha, se tiver na porta, tudo que é ruim...A pessoa tá rezando e vai pras ondas do Mar Sagrado e tem que ir, né? Aí..., mas o corpo aberto, a pessoa já nasce, não é todo mundo. Já nasce com o corpo aberto, aí o [cita nome de um rezador], ele rezava de corpo aberto, mas só ele que sabe.

M.P: A senhora não sabe? [Entrevistada nega com a cabeça] então, essa reza é pra fechar?

LUZIA: A reza é pra fechar, pra se proteger.

M.P: A senhora já ensinou as rezas pra alguém?

LUZIA: Não, não pode ensinar.

M.P: Por quê?

LUZIA: Porque quebra as forças, só quando a gente não quiser mais rezar, aí você passa pra outra pessoa, ou da família, ou outra pessoa que quiser.

M.P: E a senhora ainda quer rezar bastante, né?

LUZIA: Eu quero muito! [Risos] Até quando Deus quiser.

M.P: A senhora se sente bem rezando?

LUZIA: Sinto! Ah, Ave Maria, chegar uma pessoa, eu posso tá fazendo o que for, eu tenho que rezar! Aí se por acaso a pessoa vem e eu não to em casa e os meninos diz “Ah, mãe, a mulher veio aí pra rezar”, eu fico com aquela coisa...quando a pessoa vem... eu fico com aquela mágoa, assim, pra mim, que eu deixei de fazer aquela reza pra aquela criança e quem sabe ela não se prejudica, né?

M.P: Quem vem mais? É homem ou mulher?

LUZIA: Mulher com os filhos! E reza nela e nos filhos logo! [Risos]

M.P: A senhora já respondeu que não pode passar pra ninguém por enquanto, porque não quer parar de rezar. Mas a senhora acredita, que quando a senhora for passar, precisa ser para um homem? Ou pode ser para uma mulher? Porque tem gente que diz, né...

LUZIA: Pode ser para mulher, para homem...Qualquer um que quiser, que aceitar, porque tem gente que não quer...

M.P: E tem que ter o dom, né?

LUZIA: Tem que ter o dom também.

M.P: Aí a senhora não acredita que precisa ser pra um homem? Porque tem gente que diz que quebra as forças, né?

LUZIA: Não acredito não, pode ser pra qualquer um...Pra homem, pra mulher, o povo diz que não serve as rezas...porque aquela pessoa já ta rezando e você...você... não vai ta rezando a mesma, mas se as meninas quiser, uma das meninas quiser, eu ensino pra elas.

M.P: É feita algum tipo de retribuição pela reza?

LUZIA: Não! Deus me livre, eu não quero não! Quem reza recebendo gorjeta...às vezes a pessoa dá uma lembrança, não é dizendo que tá pagando a reza, porque reza não se paga, né? Mas mesmo assim, eu digo “Não, não precisa dar nada!”, nem obrigado pode dar, porque as rezas não vai servir, porque ninguém é obrigado a rezar. A gente reza porque quer, né? [Risos] Aí diz “Obrigado!”, não, rezei porque eu tenho o dom de rezar, mas se a pessoa quer... “Deus lhe abençoe, Deus lhe dê saúde”, essas coisas assim pode dizer que não tem nada, mas obrigado não.

M.P: Tem muito médico que acha que rezadeira quer tomar o lugar dele... O que a senhora acha disso?

LUZIA: Ah, mas tem deles que manda, né? Que manda rezar, igual o que eu disse...porque a menina daí, eles...eles...foi particular, mais ou menos, ele olhou a garganta, escutou a menina todinha, aí disse assim “Essa menina não tem nada não, se...se a senhora quiser procurar uma pessoa pra rezar, pode ser que seja algum quebranto, alguma coisa assim”, aí ela, por isso que ela tava assim... mas ela disse que deu certo.

M.P: Mas não é todo médico, né? Que não acredita...

LUZIA: É, diz que esse negócio de reza não existe não, mas sei não. Eu sei que tem muitos que acham que servem. Eu sei que eu rezava meus menino, com a maior fé, podia ser a hora que fosse, tivesse doente, eu rezava, ficava bom.

M.P: E os padres? O que será que eles pensam? De forma negativa ou positiva?

LUZIA: É, tem padre que não gosta desse negócio de benzer. Mas eu...eu já falei pro padre, e o padre disse “Não, é fazendo boas obras”, que ele fala, mas nunca ouvi falar que eles falassem nada não...é fazendo bem, né? Se a pessoa tem fé e acha que se curou por conta da reza, tudo bem. É um bem que tá fazendo.

M.P: Vamos pra última? [Risos] O que é ser uma rezadeira pra senhora?

LUZIA: Ser uma rezadeira eu acho que é um dom de Deus, porque a pessoa não sabe de nada, aí aprende uma reza, a gente reza naquela pessoa, benze aquela pessoa e a pessoa diz que ficou boa, eu acho que é um dom de Deus.

M.P: Tem uma coisa que eu esqueci de perguntar no começo, quando a senhora tava falando da mãe da senhora. Ela ensinou a senhora escrito ou falando?

LUZIA: Ela ensinou falando.

M.P: Tudo oralmente?

LUZIA: Tudo oral...ela não sabia ler, nem escrever...Eu dizia “Mãe, eu não vou aprender não”, aí ela dizia “Vai, minha filha, eu não vou ensinar só uma vez não, eu vou ensinar mais vezes”, até...e deu certo.

M.P: Tem mais alguma coisa que a senhora queira falar? Comentar?

LUZIA: Não...Só agradecer e espero que dê tudo certo pras seus estudos e que seja bem feliz!

M.P: Amém! Eu que agradeço, LUZIA, por tudo. Muito obrigada!

[Após a realização da entrevista, a rezadeira benzeu a entrevistadora]

Anexo E: Transcrição da entrevista realizada com a Rezadeira Damiana em 13 /10/2024, na residência da voluntária do estudo. Zona rural. Duração: 16 minutos.

Referência da pesquisadora: M. P.

Referência da entrevistada: Damiana.

M.P: DAMIANA, antes da gente começar com as perguntas, que queria que a senhora me falasse um pouquinho sobre a senhora...A senhora é daqui? Sempre foi de Cajazeiras? Nasceu em outro lugar...?

DAMIANA: Não...nasci e me criei aqui...Aqui em Cajazeiras.

M.P: Mas aqui nesse sítio ou a senhora nasceu em outro?

DAMIANA: Não, nasci no sítio Vargem da Roça.

M.P: A senhora é casada? Tem filhos...netos?

DAMIANA: Sou casada. Tenho dois filhos e três netos.

M.P: E como é que foi que a senhora aprendeu a rezar?

DAMIANA: Aprendi por conta própria...eu não sabia rezar, aí tinha meus meninos pra rezar e as rezadeiras era tudo distante, aí eu aprendi por conta própria.

M.P: Então ninguém lhe ensinou? [Entrevistada nega com a cabeça] E como é que...O que...Qual foi o momento que, assim, a senhora “Agora eu sou rezadeira, agora eu vou rezar mesmo”?

DAMIANA: Um dia eu ia pra Cajazeiras de “pés”, aí um vento bolou uma página de jornal até mim. Aí quando eu peguei tinha a oração...Na página do jornal tinha a oração de quebranto e mau-olhado, aí por isso...eu...eu fui decorando e as outras coisas, outras coisas, eu aprendi por conta-própria.

M.P: E a senhora tinha quantos anos, mais ou menos? Quando isso aconteceu?

DAMIANA: Eu tinha uns trinta e cinco anos.

M.P: A senhora já tinha os filhos? [Entrevistada assente] E aprendeu por causa deles?

DAMIANA: Foi...Precisava de rezar eles e as rezadeiras era muita distante e as coisa tudo difícil pra pagar carro, e tudo essas coisas, aí eu aprendi.

M.P: Ainda tem muita gente que vem para ser rezado??

DAMIANA: Tem...tem sim. Tem dia que aqui tá cheio. [Aponta para a varanda da cada]

M.P: São mais crianças ou mais adultos?

DAMIANA: Mais criança.

M.P: Trazidas pela mãe?

DAMIANA: Trazidas pela mãe, pelos tios, pelos avós...Aí vem, eu benzo eles e eles vão embora satisfeitos.

M.P: E quais são as principais coisas que as pessoas vem para serem rezadas?

DAMIANA: Vem...criança é mau-olhado, é quebranto...Adulto é de coluna...Muita gente já veio aqui pra eu rezar de erisipela, de cobreiro. Aí eu rezo tudo isso.

M.P: Aí como é que a senhora faz? A senhora pega o ramo...? Usa planta...o terço?

DAMIANA: Eu rezo com a planta. Eu pego o raminho verde e benzo aquela pessoa.

M.P: Aí a senhora pega e faz o movimento da cruz na pessoa...? Como é?

DAMIANA: É, eu faço o movimento fazendo o sinal da cruz.

M.P: Aí a senhora reza enquanto faz isso? [Entrevistada assente] E quais as orações?

DAMIANA: É as orações de...que...de quebranto, de mau-olhado, que eu não posso dizer qual é, né? [Risos] aí são essas orações que eu rezo, em voz baixinha. Aí eu vou, rezo o Pai-Nosso, a Ave Maria, a Salve Rainha também.

M.P: E quais as plantas que a senhora usa pro raminho?

DAMIANA: Eu gosto muito de rezar com pinhão-roxo, mas meus pé morreu tudinho...Aí eu pego dessa árvore aí, que eu não lembro o nome [Risos e aponta para uma árvore no quintal da própria casa]

M.P: Aí as pessoas precisavam fazer alguma coisa depois de serem rezadas?

DAMIANA: Não...só de espinhela-caída que tem que passar três dias sem comer doce e sem pegar peso.

M.P: Aí tem que ir à Igreja depois pra agradecer? Ou vir aqui agradecer a senhora?

DAMIANA: Ah, se quiser ir na Igreja agradecer, tudo bem! Mas pra vir me agradecer eu não concordo não, que não é eu que to rezando. Eu digo “Agradeça à Deus”!

M.P: E a senhora pede intercessão de algum santo?

DAMIANA: Peço!

M.P: Quais?

DAMIANA: Peço intercessão de São Cosme, São Damião, São Rafael, São Gabriel...Enquanto eu to benzendo, eu tô pedindo.

M.P: A senhora é católica?

DAMIANA: Sou...

M.P: A senhora só utiliza o ramo? Não utiliza mais nada?

DAMIANA: Só o ramo...Tem também pra utilizar o terço, mas eu sou mais o ramo.

M.P: As pessoas que procuram a senhora são todas daqui? Daqui de Cajazeiras, do sítio?

DAMIANA: É do sítio, de Cajazeiras...vem gente de Cajazeiras pra cá, com informação que o povo dá, né? Aí eles vêm e eu benzo.

M.P: Eu queria saber mais como é que a senhora faz em cada caso. Pra cada coisa que vêm é de um jeito diferente, ou todos eles são a mesma coisa? Por exemplo, pra mau-olhado a senhora faz de um jeito, pra erisipela é outro jeito? Ou são todos da mesma forma?

DAMIANA: Não...cada doença tem seu ponto específico, né? Pra mau-olhado é uma oração, de erisipela é outra e de cobreiro também já outra oração.

M.P: Mas é sempre com o ramo? O que muda é a oração?

DAMIANA: Isso...o que muda é só a oração.

M.P: Aí quando a senhora tá rezando, o ramo murcha? [Entrevistada assente], por quê? A senhora sabe me dizer?

DAMIANA: [Risos] É porque aquele mal que tá atingindo as pessoa e passa pra folha, aquele raminho verde, aí por isso que murcha. E aí eu rezo aqui fora [aponta pra varanda da casa], porque já saí tudo que é ruim.

M.P: Aí deixa eu te perguntar, DAMIANA... A senhora reza à distância? Por foto?

DAMIANA: Rezo! Só mandar a foto pelo celular e o nome da pessoa. Aí eu faço do mesmo jeito, pego o celular e benzo com o raminho verde a foto.

M.P: A senhora encontrou algum tipo de preconceito por ser rezadeira? As pessoas falam alguma coisa da senhora?

DAMIANA: Não...até hoje, só os evangélicos que diz que não acredita nessas coisas...porque diz que fala em Nossa Senhora e eles não creem em Nossa Senhora, né? Mas fora isso, não tive preconceito não. Todo mundo aqui é tranquilo.

M.P: A senhora já ensinou pra alguém as rezas?

DAMIANA: Já!

M.P: Pra quem?

DAMIANA: Pras pessoas...pra um bucado de gente. Não ensino assim, pela boca, que diz que quebra as forças da oração, mas eu ensino copiado, escrito pra pessoa. Mas a pessoa não decora e sempre fica vindo aqui, pra ser rezado.

M.P: Mas são homens...mulheres?

DAMIANA: Eu ensino mais pra homem. De mulher pra mulher, quebra a força da oração e a mulher ensina ao homem, para o homem passar pra outra mulher.

M.P: As pessoas retribuem pela reza que a senhora faz? Seja dinheiro ou de outra forma?

DAMIANA: Não... Muita gente vem aqui, quando vem da primeira vez, quer pagar. Eu digo “Não, eu não recebo nada”, as vezes eu peço um pacotinho de vela, pra eu acender de noite quando eu vou fazer minhas oração, né? Eu acender as velas, mas eu não recebo nada não, nada em troca.

M.P: Tem gente que diz que quem aceita não é rezadeira, né? Que não tá fazendo aquilo dali pelo dinheiro.

DAMIANA: É, em troca de nada.

M.P: Então, por que a senhora reza?

DAMIANA: [Risos] Porque Deus me deu esse dom e eu rezo!

M.P: O que é ser uma rezadeira pra senhora?

DAMIANA: O que é ser uma rezadeira...? É a pessoa fazer as vontades de Deus, né? Porque Deus quando andou no mundo, ele andou curando as pessoas e as pessoas hoje em dia ser uma rezadeira, é pra fazer as vontades Dele, curar as pessoas em nome de Deus. É isso que eu entendo de ser uma rezadeira.

M.P: Aqui tem postinho de saúde?

DAMIANA: Tem não...O posto de saúde daqui, é lá do Jardim Oásis. A gente se consulta lá..., mas de mês em mês o médico vem. Vinha pra capela, agora tá vindo pra aquela casa que tem ali embaixo.

M.P: A senhora acha que os médicos pensam bem? Porque tem muito médico que acha que quer tomar o lugar dele.

DAMIANA: É, tem muito médico que não dá crença à essas coisas não. Mas até hoje o que tá vindo pra aqui, nem disse nada, nem que...é... que é ruim, nem que é bom. Nunca falou nada não.

M.P: E a senhora disse que tem a Igreja aqui, né? [Entrevista assente] E os padres?

DAMIANA: Os padres?

M.P: A senhora já falou pra algum padre que a senhora reza?

DAMIANA: Já, já rezei até em um padre! E ele...ele não era aqui de Cajazeiras não, ele veio nesses mutirão que faz. Aí chegou aqui e aí eu benzi ele.

M.P: E o que eles disseram?

DAMIANA: Eles não dizem nada não. Só dizem que é uma coisa bonita, pessoa seguir a Deus assim, rezando nas pessoas, fazendo o bem, né?

M.P: Então, acho que as perguntas eram essas. A senhora que falar mais alguma coisa? [Entrevistada nega] muito obrigada, DAMIANA!

DAMIANA: Nada!

[Após a realização da entrevista, a rezadeira benzeu a entrevistadora]

Anexo F: Transcrição da entrevista realizada com a Rezadeira Fátima em 17 /10/2024, na residência da voluntária do estudo. Zona rural. Duração: 17 minutos.

Referência da pesquisadora: M. P.

Referência da entrevistada: Fátima.

M.P: FÁTIMA, antes da gente começar as perguntas em si, eu queria que a senhora me falasse um pouquinho sobre a senhora. A senhora sempre foi daqui...nasceu aqui? [Referindo-se ao sítio que ela morava]

FÁTIMA: Nasci aqui, meu amor, me criei aqui. [Respira fundo] E graças a Deus, eu, meu pai...minha mãe teve dez filho, criou tudo trabalhando na roça, aí casei, continuei na roça, aí hoje tô mais descansada que tô aposentada, né? Graças a Deus, aí tem essa menina que mora comigo e meu neto. Tive três filhos, mas duas hoje já ta com Deus, né? Deus levou. Aí eu só sei que é nós três em casa.

M.P: E o marido da senhora?

FÁTIMA: Meu marido bebia muita cachaça...Aí separemo muitas vezes já, e eu dando outra chance, né? Pra ver se ele...pra voltar garante o fundo e o mundo, né? Que é bom, não sei o que, coisa e tal... quando diz que não, volta tudo de novo! Tudo de novo...Aí quando foi agora, pronto, agora vai...já completou um ano que eu separei dele!

M.P: Aí agora que a senhora falou um pouco sobre a senhora, eu lhe conheço um pouquinho...A senhora lembra da primeira vez que a senhora foi em uma rezadeira?

FÁTIMA: A primeira vez...eu lembro! Eu...eu...era [cita o nome da Rezadeira], era muito rezadeira! Morava no Santo Antônio ali, era...Meus meninos quando tava doente, eu corria pra lá, era...A primeira de tudo, foi ela...foi. Pois é.

M.P: E quando é que foi que a senhora começou a rezar?

FÁTIMA: Mulher, eu vou dizer uma coisa a tu, meu amor...Eu comecei a rezar um tempo desse...Eu sabia rezar, né? Mas eu não queria, assim, não vou mentir, se for pecado que Deus queira me perdoar, né? Aí eu comecei a rezar, né? Aí rezando nos de casa, nos meus neto mesmo, aí [nome de uma pessoa que mora com ela] foi, aí inventou pra todo mundo “Eita, mãe sabe rezar!” [Risos].

M.P: Fez a divulgação! [Risos]

FÁTIMA: Foi! [Risos] aí fiquei, né? O povo vem rezar aqui e eu rezo, graças a Deus. O que vale é a fé, né? O que vale é fé, né, minha filha? Pois é.

M.P: Aí a senhora tinha quantos anos, mais ou menos, quando começou? Faz pouco tempo?

FÁTIMA: Faz pouco tempo! Foi! Mais ou menos, tá com uns quatro anos só que eu comecei a rezar. Mas tá de quatro a cinco anos.

M.P: Aí a senhora começou rezando no neto da senhora?

FÁTIMA: Foi. Comecei a rezar no meu neto e ela começou a espalhar por aí.

M.P: E como é que a senhora aprendeu? Aprendeu sozinha?

FÁTIMA: Uma madrinha minha, que era muito rezadeira, aí hoje ela é crente, aí ela me ensinou as palavras. Foi...foi...me ensinou as palavras e aí eu aprendi, aí foi...que uma não pode ensinar a outra não, né? Mas ela, ela como é crente, aí me ensinou as palavras e eu comecei...foi...

M.P: Quer dizer que não pode ensinar pra...?

FÁTIMA: Pode não! Pra ninguém não! Aí como ela é crente, né? Aí não teve problema...

M.P: E ela não reza mais hoje?

FÁTIMA: Ela não reza não, ela ora. Ela ora, é. Mas na minha mente, tudo é... tudo é... é uma reza só, né? Só tem...só tem um Deus, né?

M.P: Aí ela ensinou como? Escrevendo? Falando?

FÁTIMA: Não...ela...ela dizendo a mim mesmo, sabe? Aí botei na mente [colocou as duas mãos na cabeça], aí...coisinha pouca, tá entendendo? Porque o que vale é a fé, né? O que vale é a fé.

M.P: Tem muita gente que ainda vem pra ser rezada pela senhora?

FÁTIMA: Vem, minha filha! Todo dia tem gente aqui. Todo dia, todo dia... [Risos] quando eu vou ali pra rua, pra casa da minha irmã, armaria! Eu saio de lá meio-dia, fulano diz “FÁTIMA, vem rezar neu!”, “FÁTIMA, vem rezar neu!” ...Eu não gosto de negar, né? Ainda mais uma reza. Não gosto não.

M.P: As pessoas são todas daqui ou tem gente que vem de fora?

FÁTIMA: Às vezes vem gente da rua, vem da rua pra eu rezar aqui.

M.P: De Cajazeiras? [Assente] E de outras cidades?

FÁTIMA: De outras cidades vem não, minha filha. Só é daqui de Cajazeiras.

M.P: E quais são as coisas que as pessoas pra serem rezadas? Quais são os problemas que elas vêm?

FÁTIMA: Minha filha, assim, com fastigo, né? Esmurecido, pois é, aí...assim... assim .. com ânsia de vomito, né? Essas coisas.. aí quando eu rezo, né? Aí melhora.

M.P: Mau-olhado, quebranto. . ?

FÁTIMA: É, muito bem. Mau-olhado, quebranto....

M.P: Muita gente fala de erisipela, né? Peito aberto...

FÁTIMA: É, pois é...

M.P: A senhora também reza pra essas coisas?

FÁTIMA: Rezo! Digo as palavras também, graças a Deus. As que eu rezo de peito aberto também, melhora, né? Modo a fé, né?

M.P: Em adulto e criança que a senhora reza? Porque tem gente que reza só em criança, né?

FÁTIMA: Sim, mas eu já comecei a rezar, né? Eu acho tão ruim rezar, né, só em criança [risos], porque, meu amor, vou dizer uma coisa a você, se eu rezar só em criança, aquele olhado pega todo na gente e...e... gente velha é que pega, mas se...é porque as crianças, o povo se admira, tá entendendo, aí dá no mesmo também, né? Eu digo que dá no mesmo, né? Pois é. Aí eu rezo em adulto e criança.

M.P: Aí todas essas coisas a senhora usa o ramo de pinhão-roxo [aponta para a mão dela, que segura o ramo de pinhão-roxo]. A senhora usa outro tipo de planta pra rezar?

FÁTIMA: Algumas vezes eu rezo com outra planta também. Mussambê, não sei se você conhece também...Conhece não? [Entrevistadora nega], pois quando eu rezar em você, vou buscar pra você conhecer, viu?

M.P: Tá bem! Aí a senhora só usa as palavras...as orações e o ramo? Ou a senhora usa outra coisa? Terço, vela...?

FÁTIMA: Não, não, minha filha, não. Só uso somente as palavras mesmo, somente

M.P: Só as palavras e o ramo? [Entrevistada assente] aí como é o movimento com o ramo? Em cruz? [Faz o movimento de cruz em si mesma]?

FÁTIMA: É!

M.P: Aí tem gente que diz que tem que ficar perto da porta, né?

FÁTIMA: É, quando nós for rezar, eu vou abrir a porta.

M.P: Por quê?

FÁTIMA: Pra o olhado sair! [Risos] E quem tiver na calçada tem que sair, porque se não pega! Ainda é pior em quem tem corpo aberto.

M.P: A senhora reza pra corpo aberto?

FÁTIMA: Não!

M.P: Por quê?

FÁTIMA: Porque eu não sei as palavras, eu não sei, né? Mas ainda vou perguntar a uma pessoa que feche corpo pra me ensinar.

M.P: Aí deixa eu lhe perguntar...as orações são as mesmas em todos os casos? Por exemplo, a oração de mal olhado é a mesma de erisipela?

FÁTIMA: Não, minha filha. É as mesmas, é as mesmas mesma. Pois é, quem sabe assim...um rezador que é aprovado mesmo, pode ser que troque as reza, né? As orações, mas se já foi o que

ela me ensinou, é o que ela me ensinou que eu sei, que eu rezo. Aí o pessoal fica bom e o que vale é a fé, né?

M.P: A senhora encontrou algum tipo de preconceito por ser rezadeira? As pessoas falam alguma coisa da senhora pôr a senhora rezar?

FÁTIMA: Não, minha filha, graças a Deus não. Não to fazendo o mal, to fazendo o bem, né, minha filha? Muito bem.

M.P: A senhora já ensinou as rezas pra alguém?

FÁTIMA: Não, não pode. Porque tem que ser de homem pra mulher e de mulher pra homem.

M.P: Mas algum homem já lhe procurou? Pra ensinar?

FÁTIMA: Não, não me procurou ninguém.

M.P: Mas a senhora tem vontade?

FÁTIMA: Tenho não!

M.P: Por quê?

FÁTIMA: Porque diz que não, que não voga também, a pessoa ensinar, mesmo homem não voga.

M.P: Oxe, por quê?

FÁTIMA: Eu não sei não! [Risos] as rezadeira mais velha que diz. Pois é!

M.P: FÁTIMA, as pessoas dão alguma coisa pra senhora depois de serem rezadas?

FÁTIMA: Não, minha filha. Também...e eu nem quero também! Eu não quero não.

M.P: E por quê?

FÁTIMA: Porque...sabe por que eu não quero? Porque se eu rezar e receber alguma coisa, aquela reza eu acho que não me... que não serve, é a troco...é a troco de coisa, de alguma coisa, né? É por isso que eu não recebo. Eu tenho uma...uma sobrinha, né? Que mora lá na rua, o marido dela é motoqueiro, né? Aí disse “Vamo, FÁTIMA, vamo...vamo lá pra...” pra uma rua esquisita assim, pro lado da rua das Capoeiras, não, da rua do Remédio, minha filha, “Aí vamos rezar numa senhorinha ali”, aí eu fui, minha filha, quando terminei de rezar, aí ela disse assim “Agora eu quero que a senhora diga quanto foi” aí eu disse “Você não vai pagar nada”, “Pois deixe eu lhe dar menos uma comida” aí eu disse “Nam, não quero comida também não, não quero nada não” e não quis nada não.

M.P: A senhora não recebe nada? Nem se as pessoas venham dar um agrado? Alguma coisa?

FÁTIMA: Assim, eu posso aceitar, mas se for por causa da reza, eu não aceito, né? Eu não quero. Pois é, reza é reza, né? É, reza é reza.

M.P: A senhora pede intercessão de algum santo? Na hora que a senhora tá rezando?

FÁTIMA: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida...que a pessoa se pega mesmo com fé, a pessoa alcança, viu, minha filha? Alcança...e eu tenho...eu vou pras minhas rezas às quinta e no sábado...nas quinta e no sábado, eu gosto de ir, né?

M.P: A senhora reza à distância? Se eu lhe mandar uma foto no celular, a senhora reza pela pessoa?

FÁTIMA: Rezo também! Rezo.

M.P: Do mesmo jeito que reza em mim se eu tiver aqui? A senhora pega a foto, o ramo?

FÁTIMA: Rezo, minha filha! Eu rezo nas crianças da rua, que manda foto pra [nome da mulher que mora com ela] e [nome da mulher que mora com ela] ... Eu vou lá pra um pé de pau assim, eu pego uma cerca pra, né? Se for na rua, é bom rezar bem de frente pra rua, né? Aí eu rezo e rezo também.

M.P: Aí precisa do que? Da foto...do nome da pessoa?

FÁTIMA: É, é bom né, o nome? É bom ter o nome.

M.P: E na pandemia, como é que a senhora rezava?

FÁTIMA: Minha filha, na pandemia, só Nossa Senhora...só tu vendo, meu amor...o povo andava aqui...eu ficava nervosa, nervosa, não vou mentir, minha filha. Mas graças a Deus, eu sempre rezava.

M.P: Mas o pessoal vinha pra cá?

FÁTIMA: Vinha pra cá! Eu rezava sempre, graças a Deus, eu não tive não, nenhum daqui nós não teve não. [Referindo-se aos moradores de sua casa]

M.P: Quer dizer que mesmo na pandemia, o pessoal vinha pra ser rezado?

FÁTIMA: Vinha...vinha de máscara, eu botava minha máscara também, né? Pois é. Veio muita gente na época...

M.P: Aqui tem posto de saúde, FÁTIMA?

FÁTIMA: Tem não, minha filha. A gente...a gente...o médico vem pra Sé. Ou a gente vai pra cidade.

M.P: Já teve algum médico que falou algo da senhora ser rezadeira? Por que tem médico que acha ruim...

FÁTIMA: Não, nunca falou nada não. Mas eu acho que pensa bem, né? Porque reza é reza, né? Eu penso eu, né? [Risos]

M.P: E aqui...aqui tem Igreja?

FÁTIMA: Tem, meu amor, tem Igreja.

M.P: A senhora vai todo domingo na missa?

FÁTIMA: Vou...de mês em mês que tem missa. Vou, minha filha, armaria, e nas quintas e nos sábados.

M.P: Aí a senhora já falou pro padre que a senhora é rezadeira? Ele falou alguma coisa?

FÁTIMA: Falei...ele disse assim “É, tá bom! Tá bom demais!” [Risos], é, ele disse assim, desse jeito.

M.P: FÁTIMA, e depois da reza? A gente precisa fazer alguma coisa pra retribuir? A senhora pede pras pessoas fazerem alguma coisa, tipo assim, ah, vai na Igreja, faz isso e isso depois de ser rezado?

FÁTIMA: Eu peço, minha filha! Eu digo “Olhe, eu rezo, mas é bom ir na Igreja, né?” Pra pedir...pedir força a Deus, muita coragem, saúde, né? E... e a pessoa pedir a Deus, o que a pessoa alcançar, é agradecer, dar obrigado e agradecer, né? A Jesus, minha filha, porque a pessoa tem que ir. Não é só alcançar a graça e se esquecer não, tem que ir lá, mina filha, é, pois é.

M.P: E quando é uma dor na parte do corpo?

FÁTIMA: Eu rezo naquela parte do corpo, dependendo de onde é, eu rezo.

M.P: Vamos pra última [Risos] O que é ser uma rezadeira pra senhora?

FÁTIMA: O que é ser uma rezadeira...? Assim, eu acho bom, né? Eu gosto, né, eu gosto. Porque as pessoas vêm, né? Porque a minha mãe também rezava!

M.P: A mãe da senhora também rezava? [Entrevistada assente] mas a senhora não aprendeu com ela.

FÁTIMA: Não, aprendi com minha madrinha.

M.P: A vó da senhora também rezava?

FÁTIMA: Não, minha avó não, de jeito nenhum. Agora minha mãe rezava.

M.P: Como é que a senhora lembra dela rezando?

FÁTIMA: Do mesmo jeito que eu faço! Do mesmo jeitinho...mas eu era muito criança, muito nova, não ligava de aprender, né? Também ela nunca me ensinou, como era que, né? Quem me ensinou foi minha madrinha mesmo.

M.P: Acho que a gente finalizou por aqui...A senhora gostaria de falar mais alguma coisa sobre a senhora rezar?

FÁTIMA: Não, não... Eu gosto de rezar, o povo vem aqui, rezo de duas, três, até quatro vem pra minha casa e eu rezo em tudo, tudinho.

M.P: E a senhora se sente bem, né?

FÁTIMA: Sinto!

M.P: A senhora tem mais alguma coisa que queira comentar, falar?

FÁTIMA: Tenho não, minha filha!

M.P: FÁTIMA, pois muito obrigada! Que Deus lhe abençoe muito!

FÁTIMA: Amém! A todos nós, minha filha.

[Após a realização da entrevista, a rezadeira benzeu a entrevistadora]